

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cláudia Martins Ribeiro Rennó

PRODUÇÃO DE CORPOS DÓCEIS: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS DE DISCIPLINAMENTO E
VIGILÂNCIA NA ESCOLA

Sorocaba/SP
2009

Cláudia Martins Ribeiro Rennó

**PRODUÇÃO DE CORPOS DÓCEIS: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS DE DISCIPLINAMENTO E
VIGILÂNCIA NA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra Vania Regina Boschetti

**Sorocaba/SP
2009**

Ficha Catalográfica

R331 Rennó, Cláudia Martins Ribeiro
Produção de corpos dóceis: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola / Cláudia Martins Ribeiro Rennó. -- Sorocaba, SP, 2009. 117 f.

Orientador: Profa. Dra. Vania Regina Boschetti
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.

1. Disciplina. 2. Disciplina escolar. 3. Escolas – Organização e administração. I. Boschetti, Vania Regina, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

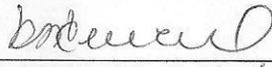
Cláudia Martins Ribeiro Rennó

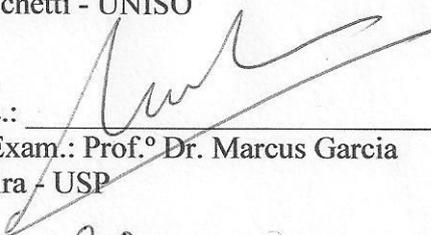
**PRODUÇÃO DE CORPOS DÓCEIS: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS DE DISCIPLINAMENTO E
VIGILÂNCIA NA ESCOLA**

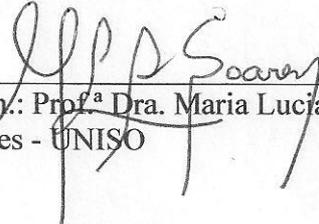
Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Educação da Uni-
versidade de Sorocaba.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Ass.: 
Pres.: Prof.^a Dra. Vania Regina
Boschetti - UNISO

Ass.: 
1º Exam.: Prof.^o Dr. Marcus Garcia
Neira - USP

Ass.: 
2º Exam.: Prof.^a Dra. Maria Lucia de
A. Soares - UNISO

Dedico

- À Prof.^a Dra. Vania Regina Boschetti, pelas preciosas contribuições e pela constante dedicação.

- Aos meus filhos Geovany e Geórgia, pela colaboração e paciência nos momentos que não pude lhes dar atenção.

AGRADECIMENTOS

Manifesto meus sinceros agradecimentos e o meu carinho especial a todos que, de algum modo, fizeram parte desta luta, e estiveram comigo nesta etapa tão importante da minha vida acadêmica. Dentre todas as pessoas que fizeram parte desta jornada, manifesto os meus sinceros agradecimentos, particularmente,

À minha orientadora, Prof^ª Dra. Vania Regina Boschetti, grande mestra, pelas valiosas contribuições, pela partilha do saber, pela competência e seriedade me auxiliando a crescer intelectualmente. Suas orientações foram preciosas não somente para o desenvolvimento dessa dissertação, mas também no sentido de lançar luz a futuros estudos.

À Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia de Amorim Soares e ao Prof.^o Dr. Marcos Garcia Neira, integrantes da banca examinadora, pela atenção, confiança e sugestões dadas durante a qualificação deste trabalho, contribuindo, desta forma, para o direcionamento da pesquisa empírica.

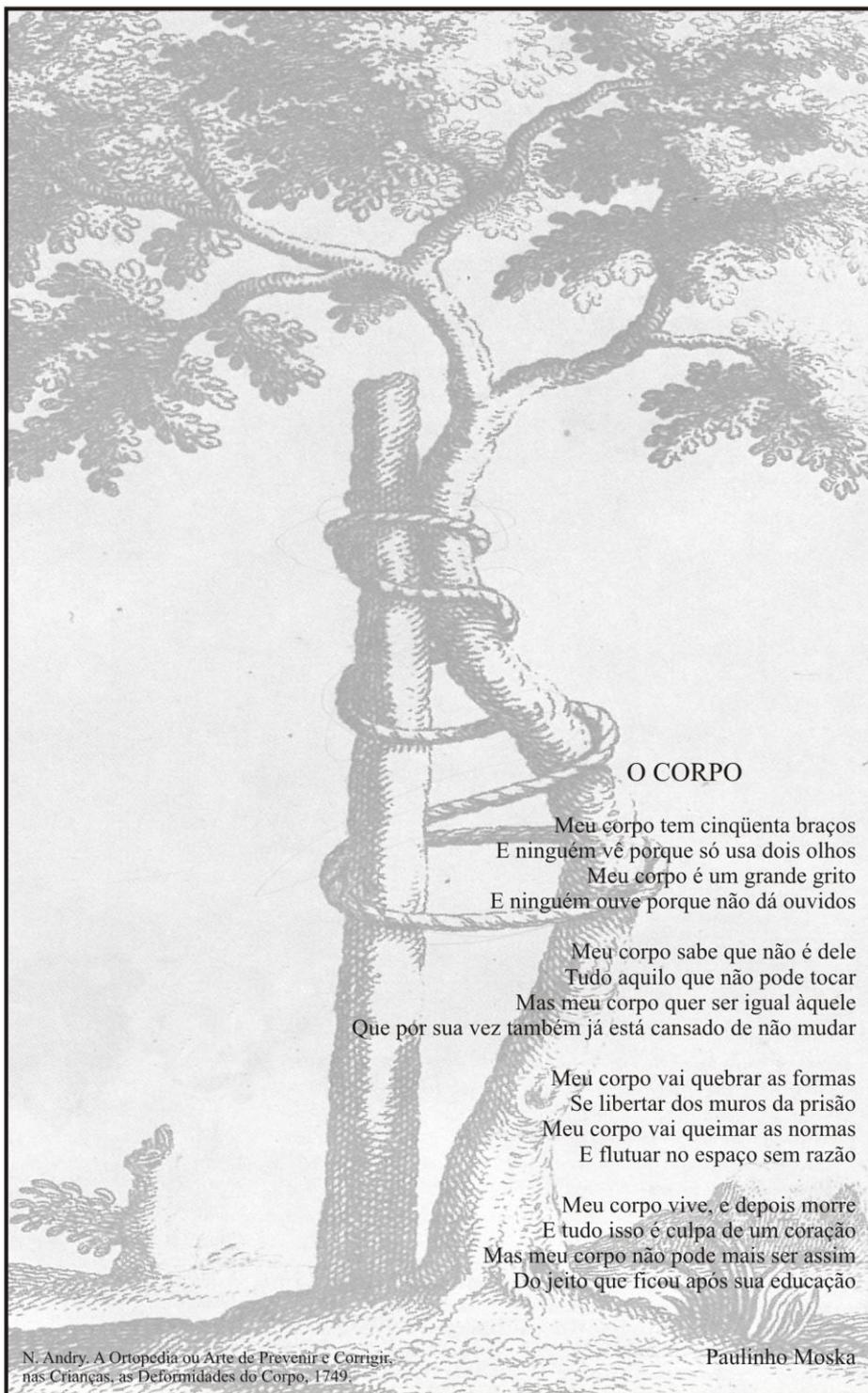
À Prof.^a Dra. Eliete Jussara Nogueira que, durante a realização de suas disciplinas, proporcionou momentos de reflexão, através dos quais foi possível desvelar algumas ideias de pesquisa.

À Prof.^a Ms. Claudete Bolino, que durante o curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, contribuiu com seu incentivo e apontou caminhos para que eu pudesse avançar em meus estudos, e chegar ao nível de Mestrado em Educação.

Ao coordenador do Curso de Pós-graduação em Educação, Prof.^o Dr. Wilson Sandano, pelas palavras de incentivo. A todo o corpo docente, discente e administrativo da UNISO que, de alguma forma, me privilegiaram com sua colaboração.

Ao meu marido Rennó, pelo companheirismo, incentivo e paciência, que durante três anos foi tolerante com as minhas ausências, quando acumulou funções para que fosse possível a realização deste trabalho.

Sou muito grata aos meus pais, Cláudio e Maria Aparecida, pelo apoio e incentivo recebidos ao longo dos meus estudos e, em especial, pela realização do Mestrado.



O CORPO

Meu corpo tem cinquenta braços
E ninguém vê porque só usa dois olhos
Meu corpo é um grande grito
E ninguém ouve porque não dá ouvidos

Meu corpo sabe que não é dele
Tudo aquilo que não pode tocar
Mas meu corpo quer ser igual àquele
Que por sua vez também já está cansado de não mudar

Meu corpo vai quebrar as formas
Se libertar dos muros da prisão
Meu corpo vai queimar as normas
E flutuar no espaço sem razão

Meu corpo vive, e depois morre
E tudo isso é culpa de um coração
Mas meu corpo não pode mais ser assim
Do jeito que ficou após sua educação

N. Andry. A Ortopedia ou Arte de Prevenir e Corrigir,
nas Crianças, as Deformidades do Corpo, 1749.

Paulinho Moska

RESUMO

Essa dissertação de mestrado tem como objetivos analisar os mecanismos disciplinares em seus diferentes componentes (vigilância, distribuição dos espaços; estrutura da sala de aula; controle do tempo; interdição dos espaços e o controle do ir e vir; normas e valores relacionados à conduta dos alunos; atuação dos inspetores de alunos e bedéis), identificar sua inserção na escola, sobretudo, no que diz respeito ao limite de sua atuação e arbitrariedade. Tudo isso ao longo de uma trajetória histórica, confirmada ainda nos tempos atuais. O trabalho tem por hipóteses a ideia de que, em nome da formação e da segurança, se exerce um controle e uma sujeição permanente à população escolar frente aos mecanismos disciplinares e de vigilância. E que, a escola em sua trajetória histórica, utiliza de procedimentos disciplinadores afinados aos conceitos de cada época e aos modelos ideais de disciplina e de comportamento. A partir dessas hipóteses o texto procura refletir sobre a necessidade da escola fazer uso de todo um aparato disciplinador em seu cotidiano, e quais são as manifestações mais frequentes desse aparato. Tem como referencial teórico os escritos de Foucault, enquanto teoria de “corpos dóceis” e sociedade disciplinar; Bauman, e seus estudos sobre as mudanças de paradigmas sociais da experiência individual humana e sua história; Deleuze, com os conceitos de sociedades de controle; Taborda, e as experiências sobre a educação corporal na escola, e outros, que contribuem significativamente com a pesquisa. Desenvolve como metodologia de pesquisa empírica, as técnicas de entrevista oral e individual realizada com diretores, professores, inspetores, pais e alunos de uma escola particular de Sorocaba; e a técnica de grupo focal, junto a professores de uma escola pública de uma cidade do interior de São Paulo. Os procedimentos da pesquisa de campo dão suporte à análise das questões levantadas. Pela trajetória da dissertação constata-se que os recursos disciplinares estão evoluindo em técnicas cada vez mais sutis, tomando o corpo social em sua quase totalidade e generalidade. Conclui-se também que diversos mecanismos disciplinares usados pela escola não estão sendo suficientemente eficazes na questão do cumprimento às regras, pois não impedem as ações que burlam o disciplinamento.

Palavras-chave: Corpo. Disciplinamento. Poder. Escola.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the disciplinary mechanisms on their different components (vigilance, distribution and blocking of the spaces, classroom structure, schedule organization, control of who goes and who comes, rules and values related to the students' behavior and the work of the hall inspectors) and, to identify their insertion into the school, mainly, about the bounds of their performance and arbitrariness. All of those, during a historical path still confirmed nowadays. The article suppositions are, that in the name of the formation and the security a permanent control and subjection is used on the school population face to the disciplinary and vigilance mechanisms. It also conjectures that on its historical path the school institution uses disciplinary methods close to the concepts of each time and to the ideal models of discipline and behavior. From these suppositions the article tries to reflect about the need school has of enjoying all the apparatus. It has as theoretical reference the work of Foucault as "kind bodies" theory and the disciplinary society; Bauman and his studies over the social paradigms changes of the individual human experience and its history; Deleuze with his concepts about the societies of control; Taborda and the experiences on body education at school and others that contribute a lot with the research. The article uses as research methodology oral and individual interviews made with principals, teachers, inspectors, parents and students from a private school in Sorocaba; and the Focal group theory with teachers from a public school in a São Paulo countryside city. The procedures of the field research give support to the analysis of the uprising questions. Through this article path we know that the disciplinary resources are evolving to softer ways, taking the social body in almost all of its totality and generality. It also concludes that many disciplinary mechanisms used by the school are not being effective enough about the following the rules issue, because they do not stop the actions that cheat the disciplining process.

Key words: Body. Discipline. Power. School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 O Homem Vitruviano.....	17
Figura 2 Formas de Disciplinamento.....	34
Figura 3 Panóptico e Sinóptico.....	48
Figura 4 Enraizando e Reproduzindo.....	60
Figura 5 Fechado e Protegido.....	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O CORPO COMO IDENTIDADE HUMANA	17
2.1 O disciplinamento do corpo.....	25
3 A DISCIPLINA ENQUANTO CONCEITO EDUCATIVO	34
3.1 O disciplinamento da escola brasileira no século XIX	35
3.2 O disciplinamento na escola contemporânea.....	39
3.3 Cultura disciplinar e a adaptação do indivíduo	41
3.4 Entre a disciplina e a autoridade	44
4 A ARQUITETURA COMO AÇÃO DISCIPLINADORA: PANÓPTICO E SINÓPTICO.....	48
4.1 Práticas de controle na perspectiva do sinóptico	52
4.2 A burla como desafio ao controle	56
5 A PESQUISA	60
5.1 Diálogo com a realidade	62
5.2 Análise das entrevistas	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	80
ANEXO A	84
APÊNDICES	86
APÊNDICE A - Entrevistas com diretoras	86
APÊNDICE B - Entrevistas com professores	94
APÊNDICE C - Entrevistas com inspetores/bedéis.....	100
APÊNDICE D - Entrevistas com alunos.....	103
APÊNDICE E - Entrevista com mães	109
APÊNDICE F - Entrevista com grupo focal.....	112

1 INTRODUÇÃO

Não dá para pensar o corpo fora de um ambiente. Existe um conjunto de relações que ele estabelece no ambiente em que se encontra. Com suas múltiplas possibilidades de relação e expressão, o corpo dita os parâmetros de relacionamentos em determinados ambientes sociais. É possível ver, no desenrolar do cotidiano que envolve o ser humano em múltiplas situações, as interferências sobre o corpo que o delimita. Então, não dá para separá-lo do seu contexto de inserção, e nem é possível desconsiderar as relações que ali se estabelecem.

Verificando que o contexto se abre e se multiplica em vários outros, é possível apreender um viés dinâmico no conjunto dessas relações cotidianas e sociais. Merleau-Ponty (1999, p. 205), considerou que “ser corpo, é estar atado a um certo mundo”, pois, na perspectiva fenomenológica, a dimensão essencial - a ação do corpo, o ser corpo - só apresenta sentido se unida à dimensão existencial, pela capacidade de perceber, compreender, e atuar sobre o mundo, marcado pela historicidade e diversidade de cultura.

O corpo no ambiente escolar se configura de formas diversas. As relações que se estabelecem nas instituições escolares têm características peculiares que legitimam seu poder de ação, desvelam e moldam corpos à sua concepção hierárquica. Ou ainda, o corpo no mundo de hoje, com todas as suas conexões, fatos e multiplicidades, sofre as ações decorrentes das diferentes tecnologias historicamente elaboradas. Composto de relações e de informações vindas do seu entorno, o corpo é afetado por esse ambiente, o que resulta numa qualidade de ação que o atinge e que modifica o que está em volta.

O que isso gera no corpo? Qual o reflexo desse cenário no ambiente escolar? Em alguns momentos, pode-se dizer que predomina um esvaziamento pelo excesso - tendo como resultado um indivíduo sujeitado e/ou alienado. Não é uma paralisia, mas é um esvaziamento no qual se procura outra possibilidade de existência.

Os objetivos do presente trabalho são os de analisar os mecanismos disciplinares em seus diferentes componentes (vigilância, distribuição e interdição dos espaços, estrutura da sala de aula, distribuição dos horários, controle do ir e vir, normas e valores relacionados à conduta dos alunos, atuação dos inspetores de alunos e bedéis). A partir da análise identificar a inserção desses mecanismos na escola, sobretudo, no que diz respeito ao limite de sua atuação e arbitrariedade. Tudo isso ao longo de uma trajetória histórica, confirmada ainda nos

tempos atuais.

O trabalho tem por hipóteses que, em nome da formação e da segurança, se exerce um controle e uma sujeição permanente à população escolar frente aos mecanismos e dispositivos disciplinares e de vigilância. Considera também que a escola em sua trajetória histórica, utiliza de procedimentos disciplinares afinados aos conceitos de cada época e aos modelos ideais de disciplina e de controle. A partir dessas hipóteses, problematiza-se: há necessidade da escola fazer uso de todo um aparato disciplinador em seu cotidiano? Quais são as manifestações mais frequentes desse aparato? Como funcionam os aspectos disciplinadores e os de sujeição? Como se dá o controle sobre o corpo na escola? Até que ponto as regras são aceitas ou transgredidas?

A justificativa da escolha da temática está ligada à experiência da autora em sua prática docente como Coordenadora Pedagógica de uma escola municipal da cidade de Alumínio. A escola era portadora de rígidas regras disciplinares, talvez por ser a mesma situada em um bairro de periferia e ter a clientela formada por alunos considerados “rebeldes”, filhos de pais alcoólatras que ora estavam na prisão, ora estavam em casa e espancavam os filhos. O quadro sócio-afetivo dos alunos era assim ilustrado. O cotidiano escolar mostrava que as crianças na faixa etária de quatro anos, só andavam em fila, fila para tudo, não podiam correr e nunca saíam ao pátio para brincar, pois não era permitido que as crianças tivessem atividades fora da classe. Tal fato se devia a um acidente ¹. Cantavam a música diária de rotina: *“Zip, zip, zap, a boquinha vai fechar, fechou”*. Esta música era cantada tão logo as crianças saíam da classe (em fila e muitas vezes em forma de “trenzinho”) somente para merenda, lavar as mãos, e ir ao banheiro. Esta situação, e igualmente outras como a rigidez do quadro docente, principalmente a figura “carrancuda” do inspetor de alunos, teceram elementos e levantaram questões que, silenciosamente, levaram a questionamentos: por que aquelas crianças não brincavam? E por que eram consideradas tão “boazinhas” pelos professores e funcionários? Seria necessário fazer uso de todo aquele aparato disciplinador? O que leva aquela escola a se valer de tais procedimentos disciplinares a ponto de “domesticar” seus alunos daquela maneira?

Na busca de respostas a essas questões é que se iniciou a presente pesquisa. No

¹ Acidente ocorrido no parque da escola quando uma parte do brinquedo se quebrou, atingindo uma criança que veio a falecer em seguida. O parque foi retirado, mas, mesmo assim, as crianças não circulavam mais no pátio da escola - que era independente do parque.

decorrer dos estudos de pós-graduação foi possível conhecer, na teoria de Foucault, a expressão “corpos dóceis” a partir da qual se estabeleceu relações com a prática docente vivida, remetendo-se àquelas pequenas criaturas “dóceis”, que circulavam por aquela escola, ou melhor, “marchavam” sempre em fila e cantando aquela música. Foi possível assim perceber a importância de que se revestem as categorias de disciplinamento e de sujeição no universo escolar.

Refletindo sobre as particularidades da prática docente, percebe-se que as manifestações de algumas técnicas disciplinares relacionadas ao espaço, tempo, vigilância, circulam no interior das escolas. Todas as escolas atualmente consideram indispensáveis usar de dispositivos de segurança e contenção. A partir dos recursos disponíveis, o uso vai das grades de ferro aos rolos de arame farpado; da cerca elétrica, aos cacos de vidro no perímetro dos muros; da vigilância externa e monitoramento 24 horas à ronda policial. O uso do uniforme, a fila, o sinal, a catraca, a câmera, são outros exemplos mais evidentes.

Os recursos disciplinares continuam sendo regulados de tal modo que permanecem sob o controle intenso de certas convenções, produzindo a constância necessária para submissão/controlar que se interioriza e se estende na vida social. Como afirma Foucault (1987, p. 121), “a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica [...]”.

O atual momento histórico-sócio-econômico com o seu desenvolvimento tecnológico, permite a utilização de dispositivos de segurança e mecanismos de vigilância em grande parte das instituições. Pensando na escola, é possível considerar que a criança pode estar cada vez mais impedida de realizar o que lhe é mais peculiar: o movimento. Nesta perspectiva, assiste-se aos educandos manifestando-se como “corpos dóceis”. Segundo Foucault (1987), é dócil um corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado. O autor mostra a proveniência e os usos daquelas “pequenas” técnicas e dispositivos de saber e poder, os quais podem estar embutidos nas técnicas disciplinares que passam despercebidas no cotidiano das instituições escolares.

Para refletir sobre o conceito de “corpos dóceis” que norteia este trabalho, é necessário explorar alguns entendimentos relativos ao trato com o corpo em períodos históricos mais antigos, a fim de buscar fundamentos para análises, pois o conceito de corpo está ligado a cada época histórica, e varia de acordo com as características da sociedade em

seus aspectos bem amplos: políticos, culturais, econômicos, éticos, estéticos e religiosos. Para tanto, são utilizadas algumas ideias de Aranha (1993), que muito contribuíram para a intitulação do segundo capítulo - “O corpo como identidade humana”. Os estudos de Bauman (2007) e Hall (2001) no que diz respeito às mudanças de paradigmas sociais da experiência individual humana e sua história deram suporte às questões levantadas.

No decorrer deste capítulo confere-se relevo à trajetória histórica do disciplinamento do corpo e suas formas. Faz-se um diálogo com Foucault a respeito de seu conceito de sociedade disciplinar (séculos XVIII, XIX e início do século XX). Algumas explicitações se fazem necessárias para uma compreensão maior dessa formação denominada pelo autor de sociedade disciplinar, que, ao longo do tempo se modificou mas ainda deixa fortes vestígios na sociedade atual, e contribui para caracterizar o sujeito tal como é hoje, e como está configurado nas formulações das ciências humanas e sociais: um sujeito “docilizado” pelos padrões vigentes da sociedade, muitas vezes alienado e seguidor de regras. A escola, como uma instituição eminentemente moderna e reprodutora das ações sociais, traz consigo traços resultantes desta e de várias outras formações sócio-educativas que emergiram ao longo do tempo.

O advento da revolução industrial traz novos elementos para o entendimento dessa discussão. Antes da industrialização, o homem determina o seu ritmo de trabalho com a natureza. Com o processo de industrialização, há necessidade de disciplinar e normalizar os corpos no sentido de reformá-los, tornando-os retos, rígidos, e resistentes à jornada de trabalho intensa, preparados para suportar a exigência da produção prevista e almejada pela estrutura do poder econômico, tornando-se útil à sociedade que se afirmava como burguesa.

O objeto de estudo do terceiro capítulo - “A disciplina enquanto conceito educativo” - é o disciplinamento do corpo na educação brasileira no século XIX, com o uso de castigos corporais como forma de disciplinamento. Procura-se mostrar como as técnicas disciplinares foram modificadas com intuito de instigar a respeito da necessidade da escola, em fazer uso de todo um aparato disciplinador em seu cotidiano. Muitas vezes, em nome da segurança, alguns dispositivos disciplinares - recursos estes modernos e sutis - como a catraca, a leitura digital, as câmeras em sala de aula e a gravação de imagens, a atuação de bedéis e inspetores, compõem o quadro de algumas formas de disciplinamento na escola contemporânea.

No contexto deste capítulo, discute-se a necessidade de uma certa adaptação do indivíduo no processo educativo, como forma de acesso à cultura, considerando que o

controle sobre os comportamentos se faz necessário para uma boa convivência em sociedade. Porém, a disciplina corporal não pode ser realizada de maneira arbitrária, tendo como produto corpos submissos e incapazes de refletir sobre o valor dos limites como condutores da autonomia e formação. Discute-se também o sentido de autoridade não afeita ao moldes da arbitrariedade.

Em “A arquitetura como ação disciplinadora: panóptico e sinóptico”, quarto capítulo, emergem os conceitos disciplinadores de panóptico e sinóptico, assim denominados pela construção arquitetônica dos prédios escolares em função de sua finalidade de educação para a civilidade. O sistema de monitoramento do primeiro - situado por Foucault (1987) na sociedade disciplinar - era visto como metáfora do funcionamento do poder como tecnologia.

O autor vê o panóptico (pan = tudo; optikós = visão) idealizado por Bentham em 1791 para a reorganização das prisões, como um dispositivo para vigiar e controlar a disciplina. Era um edifício em forma de anel, com um pátio no meio do qual havia uma elevada torre central, com um vigilante. Da torre era possível ver todas as celas, e, ao mesmo tempo, controlar, regular minuciosamente o tempo e todos os movimentos realizados pelos presos. Segundo o autor, este tipo de poder passa a imperar em várias instituições como hospitais, fábricas, conventos e, inclusive escolas.

Trazendo para o universo escolar nos dias de hoje, percebe-se que a tecnologia do panóptico permite ilustrar as funções de vários mecanismos de vigilância na figura de inspetores de alunos (bedéis/monitores), responsáveis pelo olhar vigilante ao menor sinal de transgressão às regras, controlando tudo e a todos.

O outro conceito disciplinador, o sinóptico, (sin = instante; óptico = olhar) é situado na sociedade de controle - idealizada por Deleuze (1992). Um dispositivo pertinente para essa categoria são as câmeras instaladas em diversos lugares, inclusive em escolas. Na sociedade disciplinar, o observador está presente, e em tempo real, a observar e a vigiar os indivíduos. Na sociedade de controle, esta vigilância torna-se virtual e digital, pois independe de qualquer confinamento territorial. Todavia, com exercício de controle suficiente para tornar o indivíduo incapaz de esboçar qualquer reação. Bauman (2001), reforça a discussão na comparação dos dispositivos dizendo que o exercício do poder prevalece, e que o sinóptico tornou-se o paradigma dos sistemas sociais de controle e vigilância total.

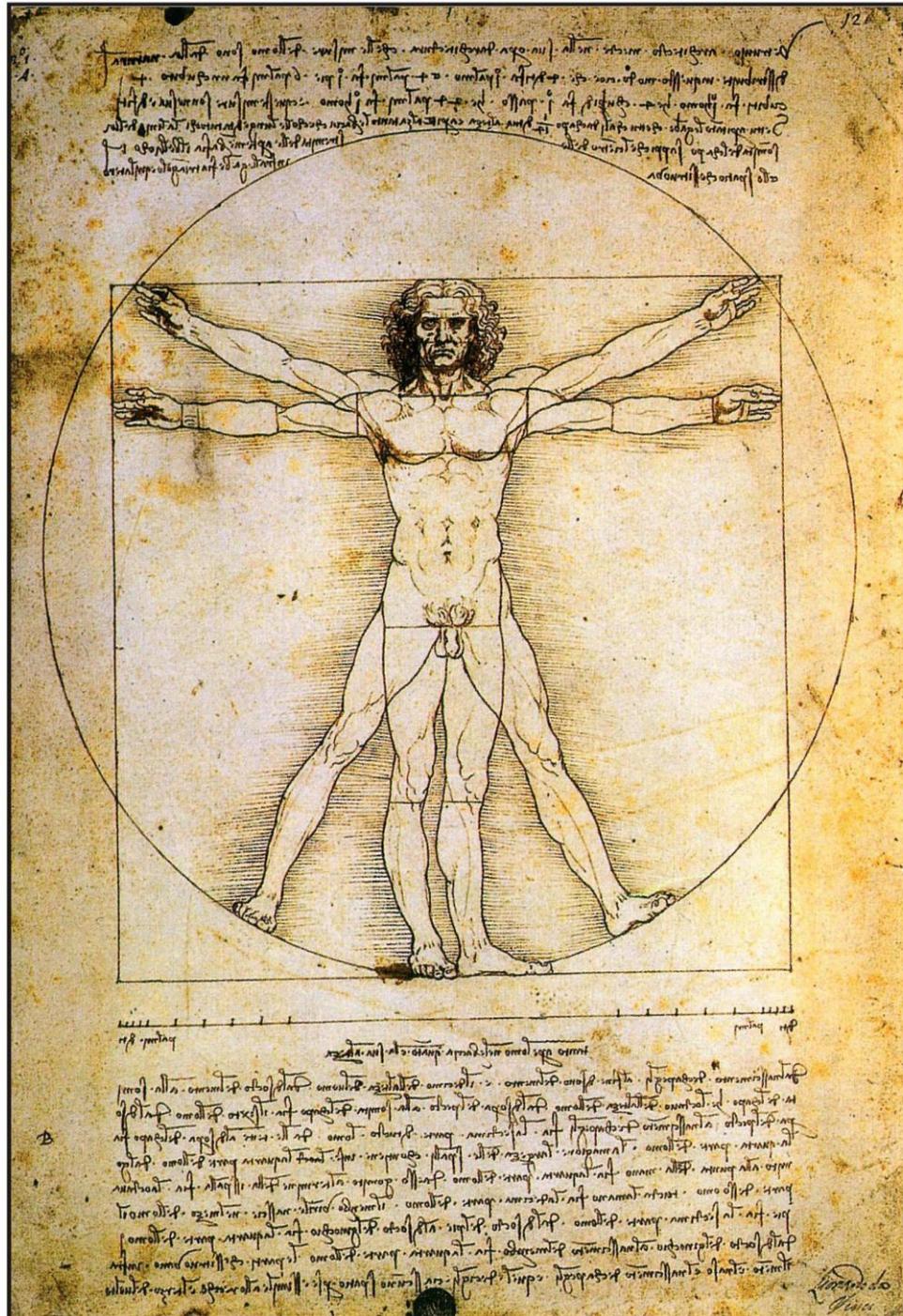
Uma análise dos mecanismos disciplinares no que diz respeito ao limite da sua

atuação e arbitrariedade na escola, dão suporte à discussão. São dignos de considerações quando se observa a arquitetura e funcionamento dos prédios escolares: a distribuição dos espaços; a estrutura da sala de aula; o controle do tempo; a interdição dos espaços e o controle do ir e vir; as normas e valores relacionados à conduta dos alunos; a atuação dos inspetores de alunos e bedéis.

A contribuição empírica ao texto se dá por meio de uma pesquisa de campo com professores, diretores, inspetores, pais e alunos que atuam no cotidiano escolar de duas escolas: uma particular e outra da rede pública municipal. Encaminhada ao Comitê de Ética e Pesquisa da Uniso, a pesquisa foi aprovada sob Protocolo CEP Nº: 018/09. (ANEXO A) Na primeira escola faz-se uso da técnica de entrevista oral segundo o modelo apresentado por Duarte (2004) e Minayo (2000); na segunda utiliza-se a técnica de grupo focal sob orientações de Martin Bauer e George Gaskell (2002). Para o desenvolvimento das duas técnicas, os encontros foram previamente agendados, com encaminhamento de uma carta de apresentação para as instituições escolares. As entrevistas gravadas em áudio e transcritas na íntegra estão anexadas ao trabalho.

As entrevistas permitem verificar os conceitos, opiniões, recursos e dispositivos disciplinares e de vigilância presentes nos espaços em questão, e como eles atuam cotidianamente sobre o corpo. A pesquisa investiga também até que ponto a estrutura física do prédio - na perspectiva do panóptico e sinóptico - são presentes nas escolas hoje. Pensando a partir dos conceitos deste trabalho: disciplinamento, controle, normas, poder, sujeição, e, tendo como referências principais a observação da realidade e o registro dos dados coletados pela fala dos entrevistados, é feita uma descrição crítica da realidade com bases nos autores propostos.

O CORPO COMO IDENTIDADE HUMANA



O homem Vitruviano ou homem de Vitruvius é um cânone das proporções do corpo humano, segundo um determinado raciocínio matemático e baseando-se, em parte, na divina proporção. O homem descrito por Vitruvius e desenhado por Leonardo da Vinci, apresenta-se como um modelo ideal para o ser humano cujas proporções são perfeitas, segundo ideal clássico de beleza. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_vitruviano>

2 O CORPO COMO IDENTIDADE HUMANA

“A única coisa que o ser humano carrega desde o nascimento até a sua morte é o seu corpo”²

Para refletir sobre o conceito de corpos dóceis que norteia este trabalho, faz-se necessário explorar alguns entendimentos relativos ao trato com o corpo em períodos históricos mais antigos, a fim de buscar fundamentos para análises, pois o conceito de corpo está ligado com a época histórica, e, varia de acordo com as características da sociedade em seus aspectos mais amplos: políticos, culturais, econômicos, éticos, estéticos e religiosos.

Alguns teóricos têm no homem um objeto de investigação. À medida que o conhecimento humano se torna mais denso nos seus propósitos e vai se distanciando das explicações imediatas do senso comum, os estudos sobre a existência humana, tomam contornos mais definidos. Genericamente, delineiam-se concepções dualistas para explicar o homem e sua complexidade: sensibilidade/razão; matéria/espírito; corpo/alma, que apesar da designação variável, muito se aproximam em termos de significado. O corpo é o campo sensível pelo qual se vivencia o mundo, seja pela arte, pelo amor, pelo sexo, pelo trabalho. Através dele agimos no mundo. Pode-se dizer também que o corpo “fala” na medida em que, por meio dele, revela-se o caráter, a personalidade e a identidade das pessoas, bem como um contingente de valores que lhes são característicos. Na perspectiva da dualidade humana, considerado o invólucro da alma, “o corpo nunca é dado ao homem como mera anatomia: o corpo é a expressão dos valores sexuais, amorosos, estéticos, éticos, ligados bem de perto às características da civilização a que pertencemos.” (ARANHA, 1993, p. 31)

Tomando a Grécia como referência, a autora ainda destaca que Platão, filósofo grego, nascido em Atenas no século V a.C. reflete sobre essa dicotomia corpo-consciência, na perspectiva de um dualismo-psicofísico, ou seja, a dupla realidade da consciência separada do corpo, sendo a natureza espiritual o pensamento e, a natureza material, o corpo. Este, se submete ao racional, pois a alma é considerada superior ao corpo e o subordina sempre. Quanto mais o corpo se submete à alma, tanto mais rápida a racionalidade caminha para o

² Esse é o mote de “corpo humano: real e fascinante”, uma polêmica amostra que rodou o mundo, revelando o funcionamento do corpo humano e seus sistemas.

Disponível em: <<http://www.corpohumanopoa.com.br/em/index-text.php>>

mundo das Idéias³. A alma é considerada superior na medida em que valoriza, aprofunda na reflexão. É uma entidade com existência própria e real para contemplar o respectivo mundo e chegar ao conhecimento verdadeiro, na teoria platônica. O corpo é considerado o lado da decadência moral - a palavra corpo do latim “corpus”, significa cadáver, diretamente ligada à ideia de “túmulo da alma” - dos desejos não controlados. A ideia de submissão do corpo em Platão frisa-se pelo fato do corpo ser sobretudo, objeto de sujeição, de controle, de disciplinamento. Por conseguinte, a beleza da alma é mais preciosa, e é no seu aprimoramento que devem estar focalizadas as ações do homem que está em busca do verdadeiro conhecimento.

Trazendo para o texto a ideia de outros gregos, encontram-se outros princípios no que diz respeito ao estímulo de exercícios físicos, ginástica, esportes, e a intenção da valorização do corpo. Para os gregos espartanos, por exemplo, o cultivo do corpo é exaltado sobremaneira, pois, importa formar o homem forte, robusto, e, acima de tudo, guerreiro-herói, sendo este o desígnio mais apreciado na vida, o meio de vencer as constantes batalhas empenhadas na época. Sendo assim, a valentia de um corpo sadio deveria se transformar numa virtude a serviço da honra. A educação espartana, segundo Larroyo (1970, p.138), “tinha como objetivo maior a formação guerreira, concretizada no desenvolvimento de guerreiros respeitosos com aos deuses, patriotas, bravos e fortes, pelo Estado e para o Estado”. A educação feminina espartana, por sua vez, comparada com a masculina, é de exígua diferença, pois a ginástica constitui uma vertente significativa de vida social na época. Os cuidados com a saúde e com a vitalidade do corpo da mulher espartana prevalecem - elas são matrizes perfeitas para gerar filhos sadios, fortes e úteis ao Estado. Já para Platão, tais aspectos só são valorizados se o corpo se tornar suficientemente forte e saudável para que a alma não dependa dele e possa se concentrar na contemplação das ideias, frisando assim a tese de superioridade do espírito sobre o corpo.

Portanto, na Grécia antiga, as relações estabelecidas com o corpo devem-se a uma concepção filosófica conhecida como estética da existência. (SILVA, 1996). Entre seus ideais, a busca pela felicidade é primordial, a busca do equilíbrio corporal relacionado à harmonia da alma, e o desenvolvimento pleno e harmônico do ser humano. A autora mostra que, para os

³ Para Platão, há dois mundos: o *mundo sensível*, dos fenômenos, e o *mundo inteligível* das Ideias. O primeiro, acessível aos sentidos, é o mundo da multiplicidade, do movimento, e é ilusório, pura sombra do verdadeiro mundo. Portanto, acima do ilusório mundo sensível, há um “Mundo das Ideias”, gerais, das essências imutáveis que o homem só poderá vivenciar pela contemplação após depuração dos enganos dos sentidos. (ARANHA, 1993, p. 222)

gregos, atingir a felicidade é uma busca individual, traçada ao longo da vida:

Os conhecimentos de beleza, verdade e bem eram, naquela sociedade, profundamente imbricados. Nessa perspectiva, não era possível ser saudável, em tudo que esse termo implicava, se os demais componentes não estivessem presentes: só se pode viver bem, se a vida for verdadeira e bela; se pode ser belo, mas para isso é preciso ser justo e saudável. Apenas com essa fórmula era possível almejar a felicidade. (SILVA, p. 245)

Numa relação atemporal é possível pensar com Foucault (1984), mesmo numa época posterior, que essa estética geral da existência, obtém importância em função de seu princípio fundante: o equilíbrio corporal se encontra em relação direta com a harmonia da alma, pois o culto do próprio corpo só se justifica se contribuir também com o desenvolvimento da alma. O objetivo é a evolução do indivíduo integral. Esse objetivo não concretiza encontra concretização com facilidade, pois a história mostra uma tendência em privilegiar os aspectos racionais ou espirituais em detrimento do universo material.

Nessa trajetória, Aranha (1993) aporta à Idade Média - período em que o corpo era considerado inferior na perspectiva da religiosidade medieval: pelo corpo o homem peca, ele é veículo do pecado, por isso precisa ser coberto, contido, submetido. A ele são imanentes os sinais de pecado e degradação, sendo os “prazeres da carne” abominados. É necessária a purificação do espírito - a fim de se desprender do mundo dos pecados e atingir a plenitude da vida moral - cuja prática é realizada por meio da mortificação da carne, incluindo práticas de jejum, abstinência e flagelações. Mas ao mesmo tempo, e na mesma ótica da doutrina religiosa, o corpo é entendido como invólucro da alma, que faz do homem, imagem e semelhança divina. Paradoxalmente, apesar da propalada inferioridade, o mesmo não deixa de ser criação divina, sendo considerado sagrado, razão pela qual o corpo não podia ser estudado pela ciência, mesmo depois de morto, sendo essa proibição estabelecida pelos cânones religiosos medievais.

A fascinação pelo corpo e a curiosidade em conhecer além do que a pele encobre, exerce grande atração sobre o homem. Como exemplos, a necessidade médica e a curiosidade físico-estética. Nos séculos XV e XVI o corpo humano está no centro da arte renascentista atraindo o interesse de artistas que buscam a beleza, a perfeição, a plasticidade das formas, capturando-as em suas telas e esculturas, com realismo e precisão anatômica. A lembrar Leonardo da Vinci, cujos esboços e ensaios artísticos das partes inferiores e das proporções do corpo, servem de estudos e referências para os estudos de anatomia, durante muito tempo. (LEONARDO DA VINCI, 2009)

Com as mudanças ocorridas na Idade Moderna, um novo conceito de valorização do corpo ganha projeção e, atrelado à implantação do capitalismo, industrialização, urbanização das cidades, passa a ser objeto da ciência, com os estudos de cadáveres e de anatomia. Foucault (1979), aponta que, mesmo assim, a anatomia médica neste período enfrenta muitos problemas, e, só readquire interesse no final do século XIX quando o cadáver volta a ser entendido como fonte de saber para análise de muitas doenças e a ser dissecado e estudado. Descartes (1596-1650), filósofo e matemático francês, considerado o pai da filosofia moderna, introduz uma grande modificação ao pensamento moderno. Nele o homem caminha para o conhecimento atrelado à ideia da razão e ao procedimento metódico das ações. Apresenta ele uma nova visão do corpo, “diferente de Platão, pois agora ele é o corpo objeto, associado à ideia mecanicista do homem-máquina” (ARANHA, 1993, p. 313). Isto que dizer que o corpo, outrora destituído de sentimentos, pode ser autônomo e alheio ao próprio homem, a fim de atender às demandas da exploração do trabalho mecânico e repetitivo. Em destaque a colocação da autora:

Com o desenvolvimento das ciências, o modelo mecânico é substituído por outras formas mais elaboradas, mais persiste ainda a idéia de corpo como coisa submetida às leis da natureza. O próprio homem, reduzido à dimensão corpórea e sujeito às forças determinantes da natureza, torna-se incapaz e irresponsável pelo próprio destino. A literatura naturalista do século XIX exemplifica bem esta tendência, mostrando o homem como simples joguete no meio, da raça, do momento. (p. 313)

Para Silva (1996), o trato com o corpo na Idade Moderna adquire importância para as relações que se trava com o outro. Há uma preocupação com o estar em público. Essa característica ressurgem em períodos posteriores e chega aos dias atuais. Tal fato destoa do período anterior em que o fundamento é a relação consigo próprio, na busca constante da felicidade individual para não incorrer em pecado perante às leis divinas. Portanto, pode-se dizer que há um novo olhar para este corpo, pois se retira o componente religioso para só considerar a natureza física e biológica. No percurso da sociedade moderna, destaca-se que as preocupações com o corpo se tornam pouco contundentes ao novo estilo de vida propagado. Já no século XX, apesar dos movimentos da emancipação da mulher e a revolução sexual, “[...] nem sempre tem sido possível encarar o corpo de forma mais serena, tornando-se ele a arena de sentimentos ambíguos, enquanto objeto de amor-ódio: repellido como algo inferior e escravizado, mas desejado e exaltado.” (ARANHA, 1993, p. 318)

Portanto, não se eliminam algumas ideias de corpo anteriormente apresentadas, como por exemplo, o seu cultivo pelos gregos com estímulo de exercícios físicos, ginástica e esportes. Todavia, o objetivo agora não é mais atingir a alma, mas atingir modelos de corpo

hoje veiculados, os quais a grande maioria se insere em termos de valores como a longevidade, a juventude, a aparência. Segundo Hall (2001)⁴, a condição pós-moderna faz declinar as velhas identidades e valores e fragmenta o indivíduo moderno. As transformações da sociedade estão também mudando as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos, fenômeno este que pode ser chamado de crise de identidade. E, pode ser vista como um amplo processo de mudança, que está deslocando estruturas e processos centrais das sociedades modernas, e, abalando os quadros de referência que dão aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. O autor assim se expressa:

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - dissertação dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (p. 313)

Na perspectiva dessa “crise”, Bauman (2007) ressalta que o indivíduo vive em uma busca constante da identidade, ou seja, busca do próprio eu, o qual é reconstruído o tempo todo atrelado a uma sucessão de reinícios. Ilustra esta questão o que o autor chama de relacionamentos voláteis, os quais iniciam e terminam em tempo exíguo uma vez que não há tempo para consolidar os sentimentos. “O caminho que leva à identidade é uma batalha em curso e uma luta interminável entre o desejo de liberdade e a necessidade de segurança, assombrada pelo medo da solidão e o pavor da incapacidade” (BAUMAN, 2007, p. 44). Assim, esse caráter de mudanças rápidas e constantes de paradigmas, resulta numa profunda mudança sobre os modos de se pensar o corpo.

Aranha (1993) aponta que, em meio à deflagrada crise contemporânea dos valores, vê-se o cultivo ao corpo cada vez mais banalizado, mecanizado e, ao mesmo tempo, exaltado, remetendo-se à contemplação do corpo, sempre presente. Acredita-se que essa colocação da autora se refere à crise de valores sociais, culturais, étnicos, sexuais, raciais - os quais parecem sólidos - mas que estão abalando o indivíduo moderno e concebendo novos valores, relacionados, por exemplo, à estrutura familiar, à concepção de novos relacionamentos muitas vezes, voláteis, que trazem um descompromiso com o outro - como é o caso do termo “ficar” - denominado um relacionamento ínfimo, muito íntimo, mas, sem preocupação com

⁴ Stuart Hall é professor da Open University, Inglaterra. Foi um dos fundadores do importante “Centre for Contemporary Cultural Studies,” da Universidade de Birmingham, Inglaterra, tendo sido seu diretor de 1970-79.

sentimentos. Tais valores aparecem com fronteiras incertas e menos definidas, as quais provocam no indivíduo uma crise de identidade, conforme definiu Hall (2001) ⁵. E, a sociedade atual, emergida numa hierarquia social das aparências - bem como sucumbida pelos apelos midiáticos e pós-modernos do corpo “ideal” - valoriza a aparência jovem e magra, do corpo modelado, esculpido, “docilizado” pelos padrões da estética vigente, na busca constante de uma exacerbada longevidade e “eterna juventude”.

A partir destas considerações, parece plausível a colocação de Silva (2001, p. 18), para quem:

A experiência do corpo moderno se fundamenta no reforço de um sentimento contraditório que se vê explodir na atualidade: dominar o corpo e, ao mesmo tempo, libertá-lo; subjugar-lo e depender dele para a felicidade; acreditar na sua superioridade e independência da mente, mas submeter-se aos rituais necessários ao corpo “em forma”.

Por isso é possível verificar que há uma preocupação acentuada em relação ao corpo - um “culto” que se insere em dados que permeiam as condições sociais independente de quais elas sejam, a faixa etária e o gênero, norteadas por atitudes e comportamentos. Pode-se dizer que, umas das marcas da cultura pós-moderna - as quais potencializam o olhar sobre o corpo e a ditadura da boa forma - são a lógica do corpo perfeito, onde a velhice figura como um defeito, e não mais como um processo natural do ser humano, atrelado a uma não aceitação das limitações do próprio corpo e de suas características naturais. As dietas, a malhação, os suplementos vitamínicos, os anabolizantes, a medicina estética, se apresentam como agentes de incisivo controle. Levados algumas vezes, às últimas consequências, configuram a submissão do corpo, aos indicadores da balança, das medidas e da aparência. Uma nova concepção de estética se configura.

Somam-se a esse contexto, os estudos de Nóbrega (1999) em sua tese de doutorado que se intitula - *Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo* - sobre o uso do corpo na sociedade contemporânea. Esses estudos consideram que,

Uma nova cultura do consumo se estabelece a partir da imagem do corpo bonito, sexualmente disponível e associado ao hedonismo, ao lazer e à exibição, enfatizando a importância da aparência e do visual. Essas imagens de corpo são divulgadas pelos meios de comunicação de massa e mídia eletrônica, exigindo toda uma rotina de

⁵ O texto utiliza principalmente os estudos de Hall sobre os mecanismos de controle. O autor tem dedicado seus estudos às técnicas e mecanismos de resistência, como se pode observar na leitura de “Quem precisa de identidade?” (Hall, 2000).

exercícios, dietas, cosméticos, terapias entre outras preocupações com a imagem e a auto-expressão, uma exposição sem limites do corpo (*corpo-outdoor*). [...] O corpo é tematizado pela Religião, pela Filosofia, pela Ciência, pela Educação e pela Arte, fazendo-se presente de diversas formas, no pensamento e na cultura de um modo geral. Ao corpo se atribuem valores como corpo-objeto, corpo-mercadoria, corpo-pecado, corpo-sujeito, corpo-prótese, enfim, cada época constrói o seu próprio modelo de corpo, embora sempre esteja em contato com os modelos anteriores. (p. 6)

Sant'ana (2001), em seu texto intitulado - *É possível realizar uma história do corpo?* - diz que é arriscado e inviável escrever uma história do corpo tendo em vista as inúmeras formas de concepções e abordagens que existem sobre ele: “da medicina à arte, passando pela antropologia e pela moda, há sempre novas maneiras de conhecer o corpo, assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo.” (p. 4). No entanto, a autora considera plausível investigar algumas concepções sobre o corpo afinadas às características peculiares de cada época, expressando as suas especificidades:

São antigas as tentativas de minimizar os efeitos do que é desconhecido nos corpos. Da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, a vontade de manter o próprio corpo sob controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza a história de numerosas culturas. (p. 5)

De acordo com seus estudos, o corpo na Antiguidade grega era regido pela cosmologia, totalmente integrado com a natureza; e era composto por quatro elementos: fogo, terra, ar e água. Para falar do corpo na Idade Média, a autora se inspira em Foucault em *História da Sexualidade* - uma vez que o regime de controle do corpo é, sobretudo, sobre as práticas sexuais, havendo um discurso sobre a moralização, enquanto que, na Antiguidade, o regime do corpo é o alimentar.

Em relação aos tempos atuais, percebe-se que o corpo é visto como expressão da vontade do homem, como último território da descoberta atrelado a uma significativa ajuda dos avanços tecnológicos e científicos. Vale ressaltar que há uma lenta passagem de uma concepção de corpo para outra. Mas, estudos de vários autores evidenciam que, numa mesma época, podem existir várias visões sobre o corpo, e que, a cada época as visões sobre o corpo se modificam. Todavia, tais mudanças trazem consigo características vindas de épocas diferentes, como já apresentado anteriormente.

Apesar da época histórica, dos referenciais teóricos serem diferentes através dos tempos, a abordagem sobre o corpo encontra uma identidade, ou seja, existe certa constância envolvendo o seu conceito como manifestação da contextualidade humana. Dois focos pelo menos podem servir de exemplificação: ora, o corpo sendo liberado pela arte em

manifestações exaltadas, expostas na perfeição harmônica de sua anatomia velada ou explícita, ora, o corpo contido na postura, várias vezes envolto em panos por exigência de paradigmas e valores atrelados à moral rígida e a uma religiosidade intensa e ameaçadora. A arte profana e sagrada reflete bem esses condicionamentos culturais.

Em tempos atuais, como já estabelecido, há uma intensa relação do corpo com todas as dinâmicas sociais, como forma de comunicação concreta do homem com a sociedade. Esse corpo, suporte da vida disciplinar, que está sendo imerso hoje, em fartas doses de sublimação, alienação e docilidade. Trata-se então de refletir sobre o conceito do corpo como manifestação da contextualidade humana, e toda a complexidade das interações dela decorrentes, em diversos momentos históricos.

1.1 O disciplinamento do corpo

A sociedade moderna por conta da revolução industrial ⁶ traz novas exigências produtivas. A alteração substancial do ritmo do trabalho, acarreta significativa necessidade de disciplinarização e normalização dos corpos. A revolução industrial muda os procedimentos de produção. O processo produtivo dos antigos povos e civilizações é de característica manufatureira e artesanal, ou, de natureza mecânica em contextos mais desenvolvidos e, está muito vinculado a um processo peculiar: o ritmo da natureza, as características ambientais, e o corpo do homem estabelecem a execução do trabalho. Como a revolução industrial traz a força motriz às máquinas para frente de produção, o processo se inverte - a jornada de trabalho e suas metas de execução passam a determinar a ação do corpo. O homem assume, enquanto mão-de-obra, uma nova condição: é agora um dos elementos da produção a que precisa estar ajustado. O ritmo de trabalho, o conhecimento do funcionamento das máquinas e adaptação a elas, os turnos de trabalho, e, sobretudo, o cumprimento da produção prevista e almejada pela estrutura do poder econômico, devem estar ajustados entre si.

Portanto, há necessidade de disciplinar e normalizar os corpos no sentido de reformá-los, tornando-os retos, rígidos e resistentes à jornada de trabalho intensa - preparados para suportar a exigência da produção e serem úteis à sociedade que se afirma como burguesa.

⁶ A substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril constituiu a Revolução Industrial; revolução, em função do enorme impacto sobre a estrutura da sociedade, num processo de transformação acompanhado por notável evolução tecnológica. Aconteceu na Inglaterra na segunda metade do século XVIII. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/revolucaoindustrial.htm>> Acesso em: 26 abr. 2009.

Inspirada pela industrialização e progresso, ela postula a ideia de “fabricar” indivíduos que lhes são úteis e produtivos. Antes da industrialização, conforme abordado acima, o homem determina o seu ritmo de trabalho com o corpo. A exemplificar, o artesão, cujo trabalho é manufatureiro, determinado por ele próprio - do nascer ao pôr-do-sol, condicionado às condições climáticas e às estações do ano. Com a industrialização, o operário só deixa a fábrica quando a proposta de trabalho para aquele dia finaliza e, se tornam comuns jornadas de 14/16 horas, inclusive para crianças. É assim que o corpo passa a ser submetido pelo trabalho. Em termos de uma relação de custo/benefício, cabe utilizar de Mendes (2006, p. 173) a seguinte reflexão: “A constituição de corpos está diretamente ligada a interesses capitalistas para melhor gestão e eficiências de indivíduos”.

Tendo em vista este cenário histórico, Silva (1996, p. 246) salienta que:

A necessidade de organização da sociedade e de adestramento dos corpos tendo em vista seus novos objetivos políticos e econômicos, só é possível de ser compreendida na medida em que se perceba os acontecimentos que caracterizaram o mundo urbano. A desordem impera nas cidades, nesse momento histórico que marca o início do século XIX, como resultado dos fatos políticos e econômicos marcados pela Revolução Francesa e Industrial.

Há, então, a preocupação em formar sujeitos que através do trabalho contribuam para o sucesso econômico e político. A autora completa:

O corpo não é mais aquele que se esforça ou não para ser feliz e realizado, o que é nobre ou vassalo, que se pune ou que se salva. É um corpo onde se concretiza a força do trabalho, mercadoria fundamental nesta nova ordem; o corpo social é a garantia de reprodução dessa mercadoria. Suas características, portanto, devem ser de docilidade e utilidade, adequada ao problema político e econômico que ele representa. (p.246)

No que diz respeito ao adestramento dos indivíduos, Foucault (1987) observa que o avanço da anatomia médica neste período, constitui fator relevante em relação a um conhecimento do corpo que permite o adestramento dos indivíduos, adaptando-se às condições de exploração econômica do sistema da fábrica, possibilitando ainda mais a organização de um veículo controlador da grande demanda populacional:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1979, p. 80)

Segundo o autor, no disciplinamento, o corpo entra numa espécie de “máquina do poder” que o desarticula, molda, e o recompõe de acordo com os moldes pré-estabelecidos. A

organização científica do trabalho centra-o como máquina, adestrando-o, aperfeiçoando sua utilização na produção, integrando-o ao circuito operacional instaurado a partir do século XIX para aproveitamento da sua força motriz dos corpos. Sendo assim, o corpo está diretamente ligado a um campo político-econômico, uma vez que as relações de poder têm acesso imediato a ele, marcando-o, direcionando-o, enfim, sujeitando-o a trabalhos e, várias outras instâncias a que está submetido, sendo, ao mesmo tempo, útil e produtivo. Em certo sentido, Foucault faz uma história política do corpo.

Com o crescimento populacional e o aumento da produção industrial, a instituição escolar, dentre outras instituições - ciente que a sociedade está em constante evolução - vê no indivíduo e na sua “boa educação” o meio pelo qual é possível conquistar o progresso da sociedade. Não só o progresso, mas também a adequação do indivíduo ao contexto social em que ele se encontra.

Enguita (1989), realiza estudos relacionados ao disciplinamento dos corpos e mentes - força de trabalho - hábitos e atitudes que se constroem nas relações sociais capitalistas em geral. Relacionando os argumentos com as ideias mais específicas deste texto - em relação à instituição escolar, o autor destaca que:

Sem chegar a ser uma instituição total, tem-se, ao menos, uma vontade absorvente e panóptica. Crianças e jovens são mantidos constantemente em interação com o professor e outros agentes da instituição ou sob sua vigilância. A escola não apenas pretende modelar suas dimensões cognitivas, mas também seu comportamento, seu caráter, sua relação com o seu corpo, suas relações mútuas. Propõe-se a organizar seu cérebro, mas no mais amplo sentido: não apenas alimentar um recipiente, mas dar forma ao núcleo de sua pessoa. (p. 158)

O autor questiona como a escola forma atitudes, disposições, preconceitos, normas e valores sociais: o modo correto de sentar na carteira, o horário de ir ao banheiro, recrear, lanchar, estudar. Parte-se do pressuposto de que a experiência escolar deve reverter em atitudes e valores para a vida cotidiana, bem como para a vida adulta do aluno. Entretanto, nota-se que a experiência escolar se constitui mais marcante em relação às respectivas atitudes e valores - no que diz respeito à experiência disciplinar - do que à apropriação do conhecimento formal e socialmente produzido:

[...] apenas uma pequena parte do tempo dos professores e alunos nas escolas é dedicada à transmissão ou aquisição de conhecimentos. O resto, a maior parte, é empregado em forçar ou evitar rotinas, em impor ou escapar ao controle, em manter ou romper a ordem. (ENGUITA, 1989, p. 158)

Enquanto instituição social, a escola cumpre vários papéis: ela é transmissora de

conhecimento, deve desenvolver habilidades e preparar o indivíduo para a sociedade em que ele vai viver e na qual vai atuar social e produtivamente. A sociedade espera que a escola, enquanto força reprodutora, eduque e desenvolva no indivíduo um padrão ajustado do cidadão que ela precisa/almeja, ou seja, que esse cidadão se enquadre aos moldes da sociedade mesmo que isto signifique submeter ao social, o que o indivíduo considera ideal para si, mediante seus interesses, valores, princípios. Portanto, cabe à escola além do seu papel pedagógico de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, cumprir a formação social do indivíduo nas perspectivas de sujeito coletivo. O disciplinamento concorre como um dos fatores que atuam significativamente nessa função social exercida pelas instituições escolares.

A escola intenciona formar pessoas críticas, inseridas em um espaço de aprendizagem de conteúdos educacionais, de convívio, de cultura, de valores, de pesquisa e experimentação. E a sociedade, por sua vez, persiste na ideia da preparação do indivíduo para o mercado de trabalho. Quanto maior for a adesão aos moldes da escola, mais eficaz se concretiza o intento. Por isso a necessidade de se ajustar a eles, aos mecanismos cerceadores e às técnicas disciplinares, conforme abordado anteriormente, e que, explícita ou implicitamente sejam submissas e seguidoras de suas regras. Nesta perspectiva, Louro (1999, p. 21) aponta que:

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. Mãos, olhos, e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.

Veiga Neto (2005, p. 98), diz que a escola pode ser considerada “a mais ampla e universal máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto de poder disciplinador e, assim, torná-los dóceis”. Num contexto em que o corpo é submetido a várias instâncias, a escola, por sua vez, vai submeter este corpo sobremaneira, pois é uma das instituições sociais agindo em sua instância, como uma controladora dos corpos. Na medida em que a escola abarca a vida do indivíduo desde a fase inicial de seu desenvolvimento, também o faz determinando um padrão de obediência, ou seja, uma submissão do seu corpo, a fim de que ao longo da vida escolar ele se insira num padrão de adaptação e vá sendo treinado paliativamente a cada uma das situações a que o corpo vai ser submetido: a fila do ônibus, ao semáforo, ao horário de trabalho, das práticas de lazer e recreação.

Na verdade, compete à escola além das funções caracteristicamente próprias como a

transmissão do conhecimento, a socialização e o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, preparar o aluno para o desempenho de papéis de acordo com o padrão vigente. Portanto, a submissão do corpo pode ser considerada prática de obediência. Sobre a educação moderna, Arroyo (1995, p. 36) afirma que ela:

[...] vai se configurando nos confrontos sociais e políticos, ora como instrumento de conquista de liberdade, de civilização, de racionalidade e de submissão suportáveis pelas novas relações sociais entre os homens. Percebe-se uma constante: a educação passa a ser encarada como o santo remédio, capaz tanto de tornar súditos cidadãos livres, como de controlar a liberdade dos cidadãos.

Na perspectiva da domesticação do corpo, Foucault (1987) observa a formação de uma sociedade “disciplinar” que emerge e se desenvolve ao longo dos séculos XVIII e XIX, a qual atinge o seu apogeu no início do século XX. Antes dela, há outra, como bem salienta Deleuze (1992), também estudioso das ideias de Foucault, quando diz que as sociedades disciplinares sucedem às sociedades de soberania, “cujo objetivo e funções eram completamente diferentes, açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida” (DELEUZE, 1992, p. 219).

Nas sociedades soberanas o poder se veicula pela repressão, pela violência, pela lei, e normalmente pelo Estado - enquanto que nas sociedades disciplinares, o poder, pelo contrário, se dá por meio de um exercício progressivo, um controle incessante que se faz valer de práticas discursivas para aplicar-se sobre os corpos dos indivíduos. Elas se caracterizam, sobretudo, por uma relação constante de sujeição. O poder disciplinar se contrapõe com o modelo de poder soberano que o antecedeu historicamente, conforme salienta Deleuze.

Quando Foucault apresenta seus estudos sobre às radicais modificações de um poder soberano e as sutis técnicas utilizadas pelo poder disciplinar, mostra como o sujeito deixa de ser supliciado por esse poder. No primeiro, a punição pauta-se em demonstrar quem exerce e/ou detém o poder através do suplício público. A sociedade do espetáculo ainda mantém “festividades” em praça pública na qual as pessoas condenadas pagam pelos seus crimes mediante à exposição e à degradação dos seus corpos pela tortura, pela mutilação, e até pela morte. Na sociedade disciplinar, o poder punitivo fica dissimulado nas instituições e nas suas ações sobre os corpos. Portanto, passa-se de uma punição física sobre os corpos, para um controle maior sobre os mesmos por meio de leis sociais, mecânicas, e pedagógicas. (VIGARELLO, 1995)

Partindo da superação das sociedades soberanas, as sociedades disciplinares

respondem a uma conjuntura histórica que procede à organização dos meios de confinamento que fazem parte da vida do homem ao longo de sua existência. E, por isso, podem ser consideradas uma das inúmeras formas de organização social que o ser humano tende a construir:

O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. [...] Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo. (DELEUZE, 1992, p. 219)

Algumas explicitações se fazem necessárias para uma compreensão maior dessa formação social denominada sociedade disciplinar, e que, ao longo do tempo se modifica, mas como já arrolado em considerações bastante atuais, identifica o homem contemporâneo. Os estudos de Foucault mostram a origem de vários mecanismos de poder exercidos sobre os corpos nos séculos XVII e XVIII na medida em que as instituições intencionam controlar o corpo, moldando-o a uma postura de severidade e correção. E, juntamente com a arte do corpo humano, do estudo da anatomia, há a descoberta do corpo como objeto transformável em eficiência e alvo de controle. O autor entende “disciplina” como uma forma de controle minucioso das operações do corpo e que realizam uma sujeição constante de suas forças sobre o indivíduo:

Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes. Diferentes também na domesticidade, que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a formada vontade singular do patrão, seu “capricho”. Diferentes da vassalagem que é uma relação de submissão altamente codificada, mas longínqua e que se realiza menos sobre as operações do corpo que sobre os produtos de trabalho e as marcas rituais da obediência. Diferentes ainda do asceticismo e das “disciplinas” do tipo monástico, que tem por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que, se implicam em obediência a outrem, tem por fim principal o aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo. (FOUCAULT, 1987, p. 118)

O autor considera a família, as prisões, os quartéis e também a escola - nos quais há um espaço disciplinar - como “instituições de seqüestro”, uma vez que são capazes de capturar, reter os corpos por tempos variáveis e submetê-los a variadas formas de poder. Portanto, as relações de poder estabelecidas nas práticas dessas instituições são marcadas pela disciplina, a qual, segundo o autor, se torna fórmula geral de dominação no decorrer dos

séculos XVII e XVIII - conforme citação acima.

O objetivo principal da disciplina é a sujeição do corpo do indivíduo, tornando-o dócil, manipulável. E, para atingir esse objetivo, a partir do século XVIII as sociedades disciplinares começam a distribuir os indivíduos no espaço através das técnicas de “quadriculamento”, ou seja, cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Com base em tecnologias disciplinares, constrói-se uma “anatomia política” para desenvolver um melhor índice de competência do corpo ligada diretamente a um enquadramento mais preciso. Assim, desenvolvem-se formas para aperfeiçoar as forças corporais tornando-as úteis, produtivas e mais econômicas, e, ao mesmo tempo, para diminuí-las - naqueles momentos em que poderia desenvolver forças para transgredir a disciplina.

Nesta perspectiva, todas as atividades passam a ser controladas temporalmente, o que possibilita, por exemplo, um isolamento de tempo de formação e do período da prática do indivíduo. Ilustrando os argumentos:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos [...]. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de ‘quadros vivos’ que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (p. 126)

Todos estes aspectos estão contemplados na instituição escolar que, desde sua origem, se mostra afeita às normas disciplinares. Considerada no contexto da educação escolar, esta noção de poder disciplinar é um meio de isolamento e adestramento das crianças, pois, na sociedade regida pela disciplina, a escola se organiza pelo quadriculamento dos espaços, o que permite individualizar e classificar. A divisão de classes homogêneas, crianças alinhadas, técnicas de alfabetização, exercícios repetitivos, obediência imediata, são características da escola na sociedade disciplinar:

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos nas salas, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou méritos. Movimento perpétuo onde os

indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondidos por intervalos alinhados. (Foucault, 1987, p. 125)

Essa distribuição em fileiras, a qual o autor se refere, colabora no controle da disciplina da classe e, acentua e modela uma hierarquia entre os próprios alunos. Este alinhamento obrigatório contribui para distingui-los e classificá-los: segundo sua limpeza, a fortuna dos pais, os “fracos” na primeira fila, os “rebeldes” na última, ou seja, o lugar de cada um corresponde a sua função na classe. “A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os atribui e os faz circular numa rede de relações” (p. 125). E esse ambiente hierarquizado de controle,

[...] tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. [...] a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente ‘classificador’ do professor. (p. 126)

Em “*Vigiar e Punir*”, o autor define os mecanismos da disciplina em sua singularidade, ou seja, o poder exercido sobre os corpos. Este poder é contínuo chegando mesmo a instalar-se como coerção interna, cujo feito ele chama de disciplina - conforme abordado anteriormente - o que conduz os corpos a relação docilidade-utilidade. Em todas as sociedades o poder está fundamentalmente ligado ao corpo uma vez que, é sobre ele, que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições, e, também são definidos os mecanismos de sujeição como os da tecnologia. Há um saber sobre o corpo e um controle sobre as suas forças e movimentos.

O termo tecnologia é destacado pelo autor uma vez que o ser humano está sujeito a todo instante a cobranças, valores, limites. Por conta desse processo a que está submetido, acaba por ser patrulhador de si mesmo; é como se construísse um equipamento interno atrelado a valores pertinentes a sua vida pessoal e social que monitoram uma prática que é acionada sempre que considerar conveniente fazê-lo. Por isso é que, o ser humano não somente obedece às regras quando está sendo visto, mas quando está sozinho também - é o auto-disciplinamento. É, pois, a tecnologia da disciplina fabricando os corpos submissos. A lembrar a sociedade disciplinar de Foucault, que, baseada no controle e na vigilância, depende de um “olhar que vigia e que cada um, sentindo-se pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo. Fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório.” (FOUCAULT, 1979, p. 218)

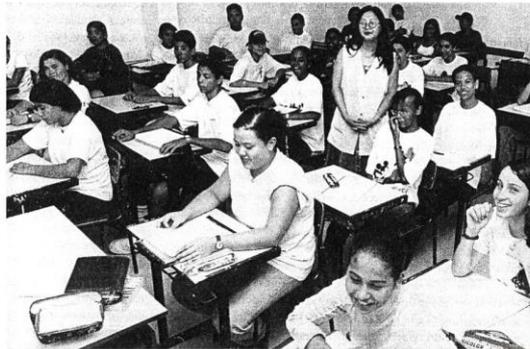
No cotidiano das instituições de ensino percebe-se que as manifestações de algumas técnicas disciplinares relacionadas ao espaço, tempo, vigilância, circulam no universo escolar. O uso do uniforme, a fila, o sinal, a catraca, são alguns dos exemplos mais evidentes. E, continuam sendo reguladas de tal modo que permaneçam sob o controle intenso de certas convenções que compõem a paisagem da escola, e, produzem a constância necessária para submissão/controlar que se interioriza em práticas sucessivas e se estendem pela vida social.

A historiografia mostra que o poder tem se investido nos corpos dos indivíduos, progressivamente, disciplinando-os. Investido também política e socialmente como força de trabalho, e, são eles todos submetidos a um conjunto de ações disciplinares, o que levam o indivíduo a tornar-se consciente do próprio corpo e do poder exercido sobre ele. (LOURO, 1999). E, muitas vezes, alcança-se o resultado pretendido: a sujeição e o controle. Nem todos os autores comungam dessa ideia. Na perspectiva de Foucault (1987), referência maior deste trabalho, nem sempre há essa consciência. Ele ressalta que, a partir das ações investidas sobre o corpo, o indivíduo torna-se inconsciente do poder exercido sobre ele. E, por estar envolto em padrões educativos os quais o controlam, condicionam e são aceitos por ele, acontece uma submissão passiva, interiorizada, automática. Obtém-se como resultado um corpo dócil e alienado.

Em *Políticas do corpo*, San'tana (1995) analisa as imagens investidas sobre o corpo e suas multiplicidades no mundo moderno:

Colocar em questão como foi possível tornar normal um gesto aparentemente familiar é questionar toda a rede sócio-corporal à qual pertencemos. Falar do corpo é abordar o que se passa, ao mesmo tempo, fora dele. Mas o inverso também é válido. As cidades revelam os corpos de seus moradores. Mais do que isso, elas afetam os corpos que as constroem e guardam, em seu modo de ser e de aparecer, os traços desta afecção. Há um trânsito ininterrupto entre os corpos e o espaço urbano, há um prolongamento infinito e, em via dupla, entre o gesto humano e a marca “em concreto” de suas ambições e de seus receios, e há um parentesco evidente entre um estilo arquitetônico e o espírito de uma época. (p. 17)

A DISCIPLINA ENQUANTO CONCEITO EDUCATIVO



ARAÚJO, Inês Lacerda



Foto da autora



Foto da autora



SILVA, Renato



ARAÚJO, Inês Lacerda

A escola continua pautada em modelos disciplinares oriundos das características historicamente constituídas: sejam as formas pessoais ou eletrônicas, atuam como mecanismos de aprisionamento dos corpos...

2 A DISCIPLINA ENQUANTO CONCEITO EDUCATIVO

“Nas escolas os corpos são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos...”

Guacira L. Louro

3.1 O disciplinamento da escola brasileira no século XIX

Alguns fatos na história da educação brasileira ilustram alguns princípios de moralização e disciplinamento que a norteiam no século XIX: do período colonial é herdada uma sociedade escravocrata, baseada na exploração da mão-de-obra da grande maioria da população, na desigualdade e na injusta distribuição de renda e que anseia por entrar no rumo da civilização. A preocupação na época converte-se em possibilitar um ambiente educativo, e, sobretudo, civilizador, no qual a educação deve primar pelos valores da moralidade e dos bons costumes. Busca-se formar um indivíduo que atenda aos anseios civilizatórios da sociedade, ou seja, um homem educado que saiba se portar em público e domine a oratória e integre os segmentos mais altos da pirâmide social. Vale destacar que o grupo que vai à escola nesse momento compartilha dos mesmos ideais e das mesmas referências culturais daqueles que estão no poder. Portanto, interessa a estes civilizar a população, construir um estado: à escola caberia a tarefa de moralizar os costumes e formar cidadãos com direitos e deveres. Vale lembrar que:

Nesse regime de educação doméstica e escolar, próprio para fabricar uma cultura antidemocrática, de privilegiados, a distância social entre os adultos e as crianças, o rigor da autoridade, a ausência da colaboração da mulher, a grande diferença na educação dos dois sexos e o predomínio quase absoluto das atividades puramente intelectuais sobre as de base manual e mecânica mostram em que medida influiu na educação de nosso tipo educacional a civilização baseada na escravidão. (AZEVEDO, apud MANACORDA, 1989, p. 197-198)

O modelo educacional da época é seletivo e classicista privilegiando a camada superior da sociedade, ou seja, a escola é para uma seleta minoria. Privilégio esse também decorrente do número insuficiente de vagas e de instituições escolares. Um modelo humanístico, letrado, e, sobretudo, erudito, uma vez que se caracteriza pela ênfase na obtenção de títulos com intenção de formar para carreiras filosóficas, atreladas às atividades

puramente intelectuais sem bases práticas e de pesquisa. O autoritarismo do modelo prevalece, haja vista a base herdada do ensino dos jesuítas, cujos métodos se valem de castigos físicos e, permanece a figura onipotente do professor como controlador do processo educacional.

O conceito formal e de privilégio dado à educação o faz exclusivo, uma vez que não é destinado a todos. O modelo educacional brasileiro, desde a sua origem atendeu aos segmentos socioeconômicos privilegiados. Considerando que grande parte da população livre é composta de homens pobres, evidentemente que não são eles a frequentar as escolas, excluindo assim uma boa parte do povo de usufruir de seus direitos. Portanto, o caráter elitista da educação brasileira é legitimado pelo acesso da elite local e da exclusão do restante da população, inclusive a exclusão das mulheres como apontado por Azevedo (Apud Manacorda, 1989). Há expansão das escolas e, assim, um grande contraste cultural permeado pelo descaso pela educação popular, praticamente pela ausência de atividades escolares nas áreas rurais.

Para disciplinar, e ao mesmo tempo, formar esta clientela elitizada, muitas vezes aplicam-se os castigos físicos nas escolas. Na verdade, o uso ou não do castigo físico, na sua essência - independente da época histórica - possui acima de tudo, um caráter pedagógico e formativo. Parte-se do princípio de que se pune para educar, ou seja, para não se submeter ao erro novamente: pune-se a desatenção, o atraso, o não cumprimento dos deveres de casa, enfim, há todo um aparato de ideias relacionadas ao caráter educativo à aplicação dos castigos.

Todavia, mesmo reconhecendo alguns regulamentos e legislações da época contra o uso dos castigos nas escolas, muitos professores os utilizam com muita frequência. Almeida, escrevendo sobre “Castigos nas escolas da corte” (s/d) afirma que, a lei de 1827 artigo 15 não só regulamenta as escolas de primeiras letras, mas também estabelece, de forma indireta, que as escolas devem utilizar o método Lancaster ⁷ para disciplinar o aluno, o qual não prevê o suplício do corpo. Apesar da eficiência da atuação do método na educação brasileira, por outro lado, é baseado em uma disciplina rigorosa, em um ensino mecânico, repetitivo, através do qual o comportamento de cada criança é induzido através de ordens e gestos. O poder

⁷ O método Lancaster ou mútuo foi atribuído ao educador Londrino Joseph Lancaster. Tinha como característica principal em sua metodologia o fato de utilizar os próprios alunos como auxiliares do professor. Um aluno era escolhido para ensinar as lições aos demais. Também, privilegiava a memorização do aprendizado e fazia uso de prêmios e castigos aos alunos. Para punir os alunos desobedientes era utilizada a palmatória e, para recompensar, o método presenteava-os com medalhas. A vantagem era proporcionar o ensino há um grande número de alunos e a baixo custo. (SAVIANI, 2007)

disciplinador do método controla, “dociliza” todos aqueles que ousam fugir à ordem social. Portanto, é uma maneira de moralizar os costumes, sem permissão de espaço para criatividade e independência intelectual do aluno.

Outra proibição contra o uso dos castigos físicos segundo Almeida (s/d), desta vez colocada na lei de uma forma mais clara, é a legislação chamada de reforma Couto Ferraz de 1854 que estabelece nas escolas a aplicação dos castigos morais, como a repreensão, a comunicação aos pais do aluno e até a expulsão em casos mais graves. Muda-se a forma, mas permanece o mecanismo de controle e a preocupação exacerbada com a manutenção da ordem e da disciplina - lembrando que o objetivo era civilizar o povo em um ambiente educativo e moralizador.

Entretanto, a sociedade escravocrata atrelada à cultura da violência corporal - inúmeras vezes com autorização dos pais - é bastante disseminada nas escolas da corte, tendo em vista o rigor e a violência com que os escolares eram tratados. Pune-se o indisciplinado, o preguiçoso e o pouco estudioso. Para evitar o descontentamento em relação ao poder e outros contratempos, e, para diminuir a probabilidade de manifestação de rebeldia, a disciplina é obtida através de duras punições físicas a fim de conscientizar a todos o que era passível de acontecer àquele que ousa violar as normas, ou seja, uma atitude exemplar para atingir ao desobediente e rebelde.

Tal tipo de atitude e comportamento nutre a concepção de que a criança deve ser castigada fisicamente para não se submeter ao erro novamente. Ou seja, o castigo é um meio pelo qual os alunos aprendem a ser disciplinados, para não fugir às regras e tampouco “contaminar” o outro. Segundo Dalcin (2006, p. 71), no Brasil do século XIX,

[...] muitos investimentos foram feitos para disciplinar e conter os corpos das crianças que deveriam a qualquer custo, ser submetidas a uma educação escolarizada que lhes inculcaria comportamentos considerados ideais para atingir a civilização dos costumes, tão almejada na época. Para isso, foi necessário utilizar meios coercitivos que pudessem conter e, ao mesmo tempo, disciplinar as crianças.

Esses métodos coercitivos são feitos através do uso dos castigos corporais. Dentre eles, a palmatória - por vezes também chamada de férula - é instrumento de tortura de escravos e também dos escolares, comenta Peixoto (1942). O autor cita, também, o Padre Jerônimo Serpa - que escreve o Tratado de Educação Físico-Moral dos Meninos, no começo do século XIX - o qual nomeia os castigos que condena: cabeça raspada à navalha; açoites nas

nádegas; ajoelhar no caroço de milho durante duas, três ou quatro horas; palmatórias (de pele de cação, de jacarandá, de gramarí); varas de marmelo (às vezes com alfinete na ponta); cipó; galho de goiabeira; o cachação; o puxão de orelha; o cascudo; o beliscão (p. 45). Nesse aspecto, é oportuno lembrar Almeida (1989), escrevendo sobre os “Padres Mestres” na cidade de Sorocaba:

Como em todo o Brasil, o Governo nomeava professores os padres que a isso se prestavam. Na cidade, à Rua de São Bento, funcionava a escola de Padre Antonio Augusto Lessa, que ainda usava a palmatória, e fazia orelhas de burro, de papelão, botando-as na cabeça de alunos e estes á porta da rua. (p. 32)

As experiências pessoais e a sociedade marcada pela violência, formam como um pano de fundo para justificativa dessas práticas. E, os professores, pelo fato de ficarem receosos de perder o poder dentro da sala de aula, de não conseguir controlar seus alunos, ou, não atender às expectativas de trabalho sério almejado pelos superiores, valem-se do castigo corporal, por ser ele considerado o meio punitivo mais eficaz para disciplinar os alunos e a conduzi-los à tão almejada civilidade. Essa forma de conceber a educação tem como viés norteador primeiramente a necessidade de disciplinar, para então, educar, instruir e civilizar.

Com o tempo, tendo em vista a resistência aos castigos físicos por parte dos pais, alguns professores, autoridades e outros letrados da época, é necessário repensar as maneiras de agir sobre os comportamentos considerados indevidos ou inconvenientes. Há manifestações de segmentos do poder público, de médicos, religiosos e outros letrados interessados em mudar a concepção de punição física da época. Indivíduos e instituições almejam substituir o castigo corporal pelo castigo moral a fim de incidir sobre o interior dos sujeitos, de modo a evitar a desobediência. Ainda com Almeida (1989, p. 32), destaca-se que “em 1886, alunos do Padre Lessa, dos quais vive Francisco Pacheco, deram lição perante Pedro II, que visitou a escola e mandou o mestre abrandar aqueles castigos”.

A respeito deste assunto vale lembrar Foucault (1987), quando diz que se deixa de castigar fisicamente as pessoas para obter o controle através da disciplina, ou seja, de um castigo moral, tornando os “corpos dóceis” para serem mais bem controlados. Em outras palavras, se obtém um resultado melhor deixando de controlar diretamente o corpo para dominar a alma do indivíduo tornando-o obediente. Esta preocupação com o corpo fica clara neste trecho do autor:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil, ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 1987, p. 117)

O castigo moral subte-se a repreensão, a comunicação aos pais do aluno e até expulsão nos casos mais graves - conforme frisa a reforma Couto Ferraz de 1854. Na perspectiva da doutrinação da Igreja, é mais plausível dominar a alma do que o corpo, ou seja, conseguir tornar a alma dócil a fim de controlá-la melhor. O controle do corpo pelo domínio da alma, está latente em todo trabalho dos jesuítas, no início da colonização. A Igreja ganha espaço quando inicia classes de catequese nas escolas, com argumentos de que este tipo de ação torna os alunos mais disciplinados e mais cidadãos. Segundo Hansen (In LOPES, 2000), em seu artigo *A Civilização pela Palavra*, a educação baseada numa boa retórica persuade a alma do indivíduo tornando-o volúvel aos ensinamentos e, o medo de ser castigado fisicamente vai sendo extinto do universo escolar da época.

Um fato marcante nesse contexto é a instalação dos grupos escolares na segunda metade do século XIX, quando se discutem algumas ideias em torno da organização física, material e pedagógica da escola primária, valendo-se sempre de cuidados com a ordem e a disciplina.

Em detrimento aos castigos físicos, como já comentado anteriormente, novos dispositivos disciplinares são atrelados à pedagogia moderna, a qual provém de normas articuladas à igualdade e certa persuasão amistosa ao cumprimento de regras. Essas normas obedecem a uma especificidade dupla: realizar o ensino envolvido num ambiente educativo, bem como civilizar e moralizar o povo. A última constitui uma das mais elevadas finalidades da escola primária, como salienta Souza (1998, p. 58):

Refinados mecanismos disciplinares passaram a fazer parte da cultura escolar, muitos deles inscritos em práticas simbólicas. A arquitetura de edifício, a distribuição dos espaços, a estrutura da sala de aula, as carteiras, os móveis, o controle do tempo, a interdição do espaço, além das normas e valores relacionados à conduta, à limpeza, asseio, higiene, compreendiam um conjunto de dispositivos que engalinhavam as crianças visando à contenção dos gestos, dos instintos e das emoções. As práticas escolares põem em manifesto outra face da dimensão educativa do espaço escolar. Submetendo o corpo a uma série de interdições, os grupos escolares foram responsáveis pela produção de corpos e sensibilidades e pela difusão dos novos processos disciplinares.

3.2 O disciplinamento na escola contemporânea

Partindo do pressuposto de como o sistema escolar moderno se forma e é usado na sociedade disciplinar, podem-se observar na escola contemporânea, várias manifestações das técnicas disciplinares. Dispositivos e determinações mencionados anteriormente, como as

fileiras, as catracas, as carteiras, o uniforme, a campainha, o horário preciso são exemplos que elucidam esta questão. Não obstante, verifica-se no cotidiano escolar um controle excessivo sobre o corpo e suas manifestações. Esse controle é fomentado por uma linha coercitiva e geral de regras, vigilância, punições, os quais são questionados por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987). Aspectos sobre a cultura da escola relacionados aos traços da dominação sobre o corpo são bem pontuados por Luciane de Oliveira (2006, p. 60):

[...] a sua cultura elege como elemento supremo a mente e aponta o corpo como algo ínfimo e sem valor. Ao mesmo tempo em que o indivíduo é entendido e tratado de forma cindida, e essa é uma característica de nossa sociedade, a dominação ganha espaço, e o corpo, como a dimensão de menor interesse, fica restrito aos interesses de instrumentação e eficiência. Desde cedo, todo e qualquer aluno identifica e aprende a seguir várias regras que colaboram para o desenvolvimento de um autocontrole sobre suas ações no âmbito escolar, e que, em maior ou menor grau, representam algum tipo de sacrifício, seja ele corporal ou não.

Na versão adotada por Oliveira, o aluno desenvolve um autocontrole sobre suas ações no âmbito escolar e que representam, de certa maneira, algum tipo de sacrifício - ligado ao corpo ou a mente -, realizado, muitas vezes, de modo inconsciente, pois indícios da cultura escolar funcionam como aspectos norteadores e estão intrínsecos em suas ações. O uso do método Lancaster, já identificado, pode ilustrar esta questão, uma vez que o comportamento do aluno é induzido através de ordem e gestos, pois o poder disciplinador do método controla todo aquele que ousa fugir da ordem social. É a maneira dos dominantes se manterem no poder divulgando suas ideias e o povo, submisso seguindo-as sem contestação, visto que, um ensino de “massa” não proporciona reflexão e sim, a repetição mecânica de ideias prontas.

Apesar do avanço histórico significativo, no sentido de modernizar a escola, as questões relacionadas ao corpo trazem consigo estratégias muito peculiares, levando em conta o fato de que se modela o corpo de acordo com os interesses civilizatórios - conforme abordado anteriormente no segundo capítulo. Assim, a autora discute sobre as implicações relacionadas às diferentes manifestações corporais na medida em que o corpo serve como elemento de adaptação e dominação:

O homem já foi igualado à máquina, mas atualmente é considerado inferior a ela, dado que a tecnologia muitas vezes já dispensa a intervenção humana, a noção de corpo acaba tendo de ser remodelada. Assim, se antes o corpo era almejado pelo seu potencial produtivo, agora as atenções se voltam principalmente aos interesses de consumo e exibição. Porém, diante deste quadro, a idéia de que ele deva servir como elemento de adaptação não se altera, permanece tão ou mais intensa quanto outrora. (Oliveira, L., 2006, p. 58)

3.3 Cultura disciplinar e a adaptação do indivíduo

Muitos teóricos discutem a ideia de cultura atrelada a uma certa adaptação do indivíduo ao processo educacional. Luciane de Oliveira (2006), pontua que são necessárias algumas disposições minimamente organizadas, para que o indivíduo tenha acesso à cultura. Para assimilar e fazer uso dos conceitos e práticas de uma cultura mais elaborada, é preciso que o indivíduo realize o exercício de uma ação que seja direcionada, intencional, não gratuita, uma vez que:

Precisamos reconhecer que a aproximação que o indivíduo estabelece com os saberes requer uma certa disciplina corporal que forneça condições para que possa ter acesso ao conhecimento e ao esclarecimento. [...] autoridade e adaptação, devem servir como elementos balizadores para que a disciplina possa ser assumida, pelo próprio indivíduo, como algo essencial para seu acesso à cultura, intensificando assim sua reflexão sobre a realidade e sobre as contradições presentes nessa sociedade. (p. 61)

Portanto, uma certa dosagem da disciplina, na medida adequada, é necessária para que se possa ter acesso ao conhecimento e ao esclarecimento, pois a “falta de disciplina pode colaborar para a perpetuação da dominação, por meio da negação ao acesso à cultura, ao esclarecimento, resultando na impossibilidade de diferenciação” (p. 61). Por este ângulo, a autora quer dizer que por meio da disciplina se adquire cultura, pois sem ela o indivíduo se torna acrítico.

Vale ressaltar que a escola é espaço da cultura hegemônica, aquela considerada como importante e necessária para manutenção dos quadros sociais e de poder, e, que se sobrepõe à cultura vivencial que o aluno traz de sua experiência pessoal, de seu ambiente, de história de vida do próprio grupo de origem. Pela aprendizagem o aluno faz leituras e interpretações dos moldes da escola, e resignifica essa cultura - num processo de incorporação, apropriação, ou não - daqueles moldes que são significativos para ele de acordo com seus princípios e valores. Assim considerando, a escola pode ser um espaço de acolhimento de elementos culturais variados, de entendimento de diversidades entendidas além da comparação simplista de superiores/inferiores e até, numa condição mais avançada, de um confronto de culturas.

O convívio em sociedade demanda uma série de adequações, normas e valores. Do ponto de vista corporal, é importante salientar que o controle sobre os comportamentos se faz necessário para uma boa convivência. E, também exige conformidade a certos valores sociais da cultura e padrões de comportamento culturalmente desenvolvidos e socialmente entendidos

como necessários, visto que a sociedade é paradoxalmente heterogênea, pois é formada por muitos indivíduos, de diversas classes sociais, com diferentes anseios e objetivos, e de vivências diferenciadas. E, não somente pelo aspecto cultural do conhecimento formal. Essas vivências são amplamente diversificadas, com suas características peculiares, uma vez que o capital humano é diferenciado, tem histórico de vida carregado de peculiaridades, modelo familiar e social diferenciado em gênero, em faixa etária, em etnias. Portanto, a conotação de paradoxo no tocante à sociedade, diz respeito ao fato de tratar a todos como se fossem iguais, apesar das múltiplas características e vivências culturais.

Vale destacar que a disciplina corporal não pode ser realizada de maneira arbitrária, tendo como produto corpos submissos e incapazes de refletir sobre o valor dos limites, como condutores da autonomia e formação. Deve atuar como um viés condutor para o esclarecimento e conhecimento, como bem pontuou Luciane de Oliveira (2006).

Todavia, na sociedade da norma, entende-se que, ser normal é conseguir se adaptar, enquadrar-se às normas estabelecidas a fim de usufruir de um intercuro confortável e efetivo com o seu meio social. Para Foucault (1987) a sociedade normatizada produz o indivíduo mensurável, adaptável, “psicologizado”, aquele que pode ser chamado de normal. De certo modo, de acordo com a abordagem de Luciane de Oliveira (2006), o indivíduo acaba por aceitar muitos desses valores, não somente porque lhe são impostos pelas instituições em que vive e convive interiorizando-os, e convertendo-os em parte integrante do seu convívio social, mas também porque entende da necessidade de regulamentos para exercer o arbítrio social. Entretanto, automaticamente como é feito, constitui-se em atitude alienante e que passa despercebida pelo próprio indivíduo, definindo assim, os mecanismos de sujeição do corpo como uma tecnologia, conceito abordado no segundo capítulo.

O que pode ser questionado no universo escolar na perspectiva da domesticação, é uma contínua e interminável adaptação, “isso porque vivemos em uma época em que o controle social já poderia ter-se atenuado, dado que a sociedade já produz o suficiente, em termos materiais, para sua manutenção” (OLIVEIRA, L., 2006, p. 63). A autora completa:

[...] se em nossa sociedade a escola é, por excelência, o lugar institucional da realização de experiências formativas, nela deveríamos intensificar a busca por uma maior reflexão sobre a nossa dimensão corporal, com base no reconhecimento de si e do outro. Não obstante, o que se constata é que são restringidas as possibilidades de autonomia e reforçadas as relações de poder e de domesticação do corpo. (p. 66)

Também como dispositivos disciplinadores estão a avaliação diária, aqui entendida

como registro constante de comportamentos e atitudes; os exames, provas, testes, não importa a categoria usada para identificá-los. Mesmo considerando a dimensão pedagógica e a efetivação dos seus objetivos, em boa parte das atividades nos conselhos de classe e/ou série, por exemplo, cada indivíduo está sujeito a um registro, a uma descrição, um caso a ser analisado, julgado, medido, comparado, corrigido, normalizado ou excluído. Assim, a observação do comportamento, dos gestos, dos desejos, é transcrita na forma de gráficos, boletins, relatórios, relatos clínicos, enfim, toda uma verdade sobre o indivíduo é extraída.

É possível agregar a esse elenco as listagens classificatórias, os cadernos de anotações, algumas modalidades de reuniões de pais, as suspensões, pontos positivos e negativos aplicados como punição e/ou merecimentos, recompensas, inseridos no cotidiano escolar, componentes de um quadro disciplinador aos quais os indivíduos são suscetíveis. Algumas escolas ainda fazem uso do Livro de Ocorrências ou do também chamado “Livro Negro”, cuja função é registrar as “indisciplinas” dos alunos. Quando se *“falava em livro preto todo mundo tinha medo. Agora [...] pode ser preto que ninguém tem medo mais. É um registro para parecer ao pai ou mesmo para a escola por motivo grave [...]”*. (APÊNDICE A, diretora 2)

A existência deste registro funciona num sistema hierárquico e acaba assumindo também a função de repreender, punir, controlar, manter um acervo dos “maus passos” do aluno como testemunha silenciosa e ameaça permanente, conforme é possível verificar no trecho da entrevista feita com uma inspetora de aluno:

A gente tem até um caderno de advertência / o livro negro / a gente usa ele... / todas as advertências internas a gente marca no caderno / quando tem um problema dentro da sala de aula a gente leva para o professor registrar / a gente registra tudo / porque aluno tem mania de chegar em casa e dizer tudo ao contrário do que acontece na escola / então a gente deixa tudo registrado / porque quando o pai vir para a escola / e quiser saber o que aconteceu / a gente deixa tudo registrado... / a diretora assina, o aluno / e a professora também assina quando for dentro da sala de aula / e quando é fora a gente registra o que aconteceu e eles assinam / a gente faz isso de 5ª à 8ª quanto de 1ª à 4ª / de primeira a quarta a gente trabalha no mesmo sistema / de 1ª à 4ª funciona melhor... /. (APÊNDICE C, inspetora 1)

A fala do aluno da entrevista 1 confirma, em parte, essa função:

Ah, na minha escola tem um arquivo mesmo / é do lado da sala da coordenadora / tem um armarinho que é dividido por gavetas / está cheio de pastas / tem de todas as classes / daí tem um papel assim... / que quando você é mandado para fora / o professor escreve o que aconteceu / daí o aluno lê o que o professor escreveu / por exemplo: o aluno foi mandado para fora porque deu um grito / aí o aluno escreve: dei um grito porque alguém me mordeu, assim... / sei lá / aí todo mundo assina / daí vai para o arquivo dele / e o arquivo está cheio de coisas tipo... / entrada atrasada, prova, veio sem camiseta da escola / tipo assim... / tem tudo /. (APÊNDICE D)

A título de ilustração, vale destacar a colocação de Ruschel (1990, p.143) - um tanto quanto instigante - quando diz que o “Livro Negro”...

[...] está relacionado com sistema policial e jurídico, pois fica evidente o poder que tal instrumento tem para a maioria dos alunos no sentido de atemorizar e de punir. Estar no Livro de Ocorrências da escola, equivale de certa forma, a estar fichado na polícia, fora da escola. Um estudo longitudinal e comparativo poderia esclarecer as correlações: o primeiro registro policial não será a escola?

Considerando que a disciplina produz saber (FOUCAULT, 1987), faz-se então necessário, o registro contínuo do conhecimento e do comportamento. Por vezes, o corpo da criança se torna objeto de manipulação e condicionamento. Todas as respectivas atitudes, táticas e procedimentos descritos, servem para produzir saber, uma vez que o professor usa de seu caderno de anotações - exemplo citado acima - envolto em um mistério do que o professor sabe e, como este saber produz poder. Portanto, “o exercício do poder cria saber e o saber acarreta efeitos de poder” (ARAÚJO, 1999, p. 29). Enfim, nesses termos, considera-se que são os exercícios de poder prevalecendo no universo escolar.

3.4 Entre a disciplina e a autoridade

É importante salientar neste contexto dessa discussão uma precaução, sublinhada por Foucault (1979), em *Microfísica do Poder*, sobre a análise do poder: o poder deve ser analisado como algo que funciona em cadeia, não está localizado aqui ou ali, nem está nas mãos de alguns. O poder não é um bem, mas é algo que exerce em rede, e, nessa rede todos os indivíduos circulam, sendo que qualquer um pode não só estar em posição de ser submetido ao poder, mas também de exercê-lo. Não se trata da questão de “quem tem o poder”, mas de estudá-lo no ponto em que se implanta e produz seus efeitos reais. O autor investiga uma relação específica de poder, aquele que incide sobre os corpos dos indivíduos enclausurados, aqueles que se encontram em instituições como o hospital, o presídio, a fábrica.

Se considerado coercitivo e opressivo, o poder em educação pode ser visto como um incômodo, uma vez que no cotidiano da escola as práticas pedagógicas relacionadas ao movimento, ao corpo, podem revelar as relações de poder nos quais professores e alunos estão inseridos, pois “o aparato pedagógico está envolvido, de qualquer forma, numa relação de controle e poder” (SILVA, 1995, p. 221). Portanto, é pelo exercício da autoridade, sendo considerada educacionalmente apropriada, que o comportamento da criança é adaptado, na medida certa - conforme já abordado anteriormente por Luciane de Oliveira (2006) - a fim de

promover a educação e a cultura em prol da cidadania, como atividade pedagógica de enriquecimento pessoal e social.

Muitas vezes, a autoridade é vista em relação ao poder que as pessoas têm de punir, castigar e assim controlar todos os indivíduos que praticam atos desviantes de conduta, e reprimir os comportamentos indesejáveis. Existe entre os agentes envolvidos no processo escolar, um conceito de hierarquia que tem relação com a função de poder que cada um ocupa na escola, do cargo a que se atribui maior ou menor autoridade. Entretanto, vale ressaltar que na escola, existem porteiros e bedéis que têm muitas vezes ação de maior autoridade, do que os próprios diretores.

A indisciplina se caracteriza como um desafio às autoridades escolares. Muitas vezes é decorrência das formas utilizadas pelo professor quando precisa resolver problemas da sala de aula e, o faz de maneira conflitiva ou arbitrária. Para tanto, chama-se o coordenador e/ou diretor - representantes de uma autoridade maior. A autoridade está nesse caso, ligada intimamente ao poder. E, a obediência e a renúncia às determinadas práticas acontecem porque a força do mais forte se impõe. Ghiraldelli (1997), comenta que a tentação de abusar do poder é muito grande. No caso do professor ou ainda da escola, tal prática se insere, como já visto, na submissão do aluno: impor-lhe valores, ideias, comportamentos, tirando-lhe seu poder de desejar, de criar, de desenvolver.

Referir-se a um professor com autoridade, significa entendê-lo como aquele que possui um conjunto de atributos pessoais, formação pedagógica apropriada, dedicação, respeito pelas diferenças, pelos talentos, - que lhe permite impor-se aos outros. A autoridade do professor deve primar, pelo lado da formação pedagógica, pela capacidade para motivar, “conquistar” os alunos, gerir a aula. Significa ser alguém que se coloca na sala de aula como um professor deve se colocar, ou seja, munido de competência, ética, postura, e de saber como realizar o próprio trabalho, ou seja, é uma questão de maturidade profissional. E é na medida em que tais questões são legitimadas no ambiente da sala de aula, que a autoridade lhe é conferida, reconhecida. Quando a ação efetiva é bem trabalhada, o professor exerce eficientemente seu papel. Portanto, ser importante ou ter poder, é uma questão secundária; sua posição hierárquica cairia para um segundo plano do sistema escolar.

Deleuze (1992), em suas considerações, recorre sempre à ideia do poder enquanto agente de submissão que leva as pessoas a se separarem do que podem fazer. Via de regra, o fato de submeter-se leva o ser humano à tristeza, à frustração, a limitar a capacidade de agir.

Se no ambiente escolar qualquer conquista traz alegria, o poder nele exercido mata essa alegria e a espontaneidade. A alegria traz consigo uma inquietude vital, o que impede que o processo de submissão se apresente definitiva e incondicionalmente, pois dessa vitalidade vem a possibilidade de resistência e até de rebelião. É cabível afirmar então que, quanto maior o controle, mais engenhosas serão as manifestações de resistência.

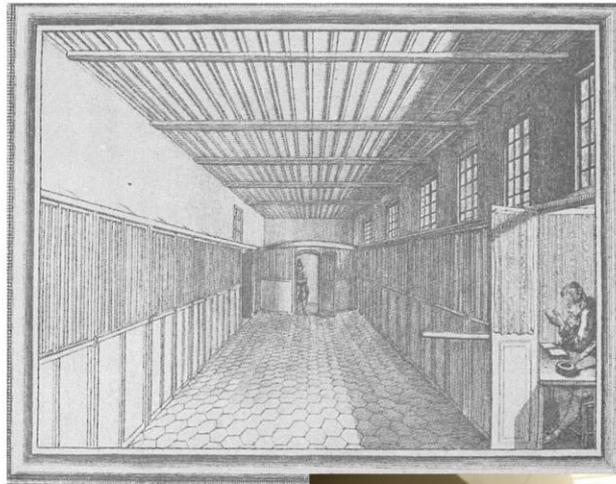
Por isso é que instala-se na escola, uma situação ambígua que pode ligar-se tanto às estratégias de dominação, quanto à resistência, como tão bem trabalha Tomaz Tadeu Silva (1995). Não é da essência da ação pedagógica escolar ser produtora da dominação e da resistência, mas é nela que tais fenômenos acontecem. Na escola as relações de poder se apresentam dispersas e fragmentadas, possibilitando a qualquer prática a possibilidade de tornar-se fonte de resistência ou de repressão.

Importa nesse momento estimular uma conduta pedagógica cada vez mais reflexiva e reforçar o sentido da autoridade não afeita aos moldes da arbitrariedade. Conforme deferido anteriormente, aquela autoridade pautada em valores rígidos e tradicionais, atrelada à cultura da violência corporal do século XIX, não existe mais, a não ser em casos de raríssimas exceções. Com rígidos procedimentos disciplinares, a autoridade na época é conseguida através da aplicação dos castigos físicos a fim de promover a ordem, a disciplina e o aprendizado; considera-se o procedimento disciplinar indispensável para que o aprendizado aconteça. Neste caso, o poder é inerente ao processo educativo. Respeitar e temer o professor, é uma máxima incontestável, e assim o aluno o faz, adaptado a um processo natural da relação assimétrica entre ele e os professores. Hoje, num contexto mais liberal e menos repressor, o aluno tem outras características, não é mais aquela criatura inocente e reprimida. Embora seja reconhecido como alguém possuidor de habilidades críticas e construtivas, poder estar, inconscientemente, envolto em padrões educativos que o controla e são aceitos por ele, conduzindo-o à submissão passiva. Porém, vale lembrar que, há aqueles que não se enquadram às regras, conforme abordado anteriormente.

Nesse sentido, pode ser esclarecedor para a escola compreender a atuação dos recursos/dispositivos disciplinares e de vigilância que organizam o sistema poder-submissão em sua versão micro, do dia a dia, do corpo a corpo. Como propõe Ruschel (1990), há todo um conjunto de normas como regimentos, códigos disciplinares minuciosos, detalhados, sutis, dispositivos orais e de costume local que controlam o movimento, o tempo, o espaço, o corpo, a propriedade, a expressão e as relações interpessoais. Como se vê, nada escapa ao olho

vigilante. E, permite uma visão mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais concreta deste código cotidiano, muitas vezes, não explícito, de mecanismos cerceadores que são objetos de vigilância e que, por contraponto, desvelam parte do que seja a ação educativa.

A ARQUITETURA COMO AÇÃO DISCIPLINADORA: PANÓPTICO E SINÓPTICO

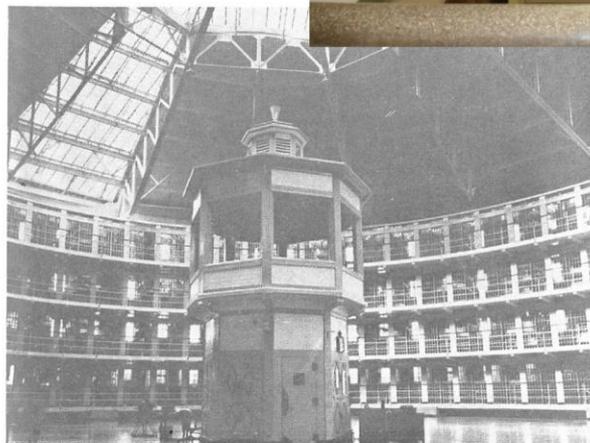


François Nicolas Martinet - (1760)

A vigilância pode ser considerada como um viés norteador do poder disciplinar, algo que deve ser contínuo, que não tenha limite, que esteja presente em toda a extensão do espaço ...



Foto da autora



Interior da Penitenciária de Sanataville (USA)

4 A ARQUITETURA COMO AÇÃO DISCIPLINADORA: PANÓPTICO E SINÓPTICO

“Quando a repressão vem de fora, ela tanto castra quanto protege...”

Anna Verônica Mautner

No conceito de sociedade disciplinar em Foucault (1987), abordado no segundo capítulo, a disciplina age mediante interiorização de uma sujeição a qual é implantada nas mentes através da vigilância. Como metáfora do funcionamento do poder como tecnologia, o autor vê o panóptico (pan = tudo; optikós = visão) idealizado por Bentham em 1791 para a reorganização das prisões, como um dispositivo para vigiar e controlar a disciplina. O panóptico é um edifício em forma de anel, com um pátio no meio do qual há uma elevada torre central, com um vigilante. Esse anel divide-se em pequenas celas que dão tanto para o interior quanto para o exterior, permitindo que o olhar do vigilante as atravesse e, portanto, os menores movimentos e acontecimentos são controlados, baseando na visibilidade, na regulamentação minuciosa do tempo e na localização precisa dos indivíduos.

O panóptico permite que o preso seja sempre sendo observado sem poder olhar para seu vigia. Da torre é possível ver todas as celas com clareza e, portanto, todos os movimentos realizados pelos presos. Das celas não se vê nem os presos situados próximos, nem o vigia. De forma que não há necessidade de se ter alguém de fato exercendo a vigilância o tempo todo, pois se o preso não tem como saber se está ou não sendo monitorado, não tem como agir (FOUCAULT, 1987). Operando contínua e estrategicamente, funciona como operador disciplinar - é possível controlar e mudar o comportamento. Para esse princípio geral de controle, o modelo arquitetônico se disponibiliza de forma funcional e eficiente. Polivalente em suas aplicações,

[...] serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar o mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões. Cada vez que se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento, o esquema panóptico poderá ser utilizado. (FOUCAULT, 1987, p. 170)

O panóptico desperta interesse pelo fato de ser aplicável a muitos domínios diferentes, pois não fica restrito ao projeto original para a arquitetura de prisões, mas reflete toda a cultura disciplinar. Também ajudou a construir uma forma de poder no final do século XVIII. Este poder passa a imperar nas prisões, hospitais, fábricas, conventos e escolas. No que diz respeito à domesticação, mais especificamente do universo escolar, percebe-se que o poder tem aperfeiçoado gradualmente o seu alcance até os indivíduos, variando consideravelmente as técnicas de submissão e controle.

Ilustram bem essas considerações, a pesquisa realizada por Bonato em 2003, para sua tese de doutorado intitulada “*A Escola Profissional para o Sexo Feminino através da imagem fotográfica*”. O sujeito da pesquisa foi o importante colégio carioca do início do século XX instalado para proceder a educação de meninas necessitadas. Segundo a autora:

[...] nas imagens do prédio a sua amplitude, uma arquitetura arejada, majestosa e imponente, que se destaca no contexto da cidade [...] apresenta aspectos como ventilação, iluminação, arejamento, circulação, limpeza e asseio, no prédio todo arborizado. Dormitório, lavatório, refeitório representando um ambiente saudável, varanda, quadras para a prática de desportiva, visando a educação disciplinar do corpo, salas para as oficinas, pátio interno [...] uma outra imagem do refeitório traz uma grande quantidade de alunas uniformizadas, sentadas à mesa de refeições, mantendo as mãos cruzadas nas costas na mesma altura [...] A tomada fotográfica visualiza o ordem, a disciplina, a limpeza, a higiene presentes naquele espaço de vivência coletiva. Um olhar mais atento observa que pratos e copos estão vazios, porém, dispostos de forma milimétrica sobre a mesa [...] o dormitório é outro ambiente que aparece vazio, sem a presença de alunas. Asseado, com camas alinhadas rigorosamente em fileiras lado a lado, todas na mesma posição, arrumadas, com colchão, lençol e travesseiros impecáveis [...]. A quantidade de camas é significativa no aglomerado de meninas no mesmo espaço, com a provável intenção de um controle centralizado por parte dos agentes educativos do estabelecimento de ensino; parece indicar estar sob o mesmo olhar de vigilância, mostrando ordem no recinto de dormir. (p. 73-74) (*grifos meus*)

Nos dias de hoje, pode-se dizer, por exemplo, que as câmeras instaladas em diversos lugares na escola, substituem, muitas vezes, os bedéis e os inspetores, cuja função pode ser comparada com a da tecnologia do panóptico, a qual presume o olhar vigilante ao menor sinal de transgressão às regras, controlando tudo e a todos, baseado na visibilidade, na regulamentação minuciosa do tempo. Entretanto, isto não significa que a função deles foi extinta. Pelo contrário, pode estar tão ou mais ativa quanto antes. Nas escolas públicas, por exemplo, a função do inspetor de alunos (bedel/monitor) é institucionalizada e preenchida por meio de concurso público, o que legitima sua ação e a necessidade da sua presença na escola. Conforme afirma a diretora 2 - uma das entrevistadas para o desenvolvimento desse trabalho:

Os inspetores aqui batalham bastante / inclusive tem a Lia que está aqui a muito tempo / os alunos respeitam muito a presença dela / ela não grita, mas ela se impõe

muito bem / o que ela fala eles acatam / brincam muito com ela / mas sabe que é um momento sério / não todos, mas a maioria desabafa muito com ela / contam problemas particulares da vida deles / e ela traz para a direção para justificar porque aquele aluno está assim / e se envolvem bastante / mas tem outros inspetores que eles não respeitam / quem está entrando agora eles sabem quem está iniciando, quem está a muito tempo / então eles abusam bastante, dependendo da pessoa / mas auxilia bastante / auxiliam também o professor / alguma ocorrência / quando o diretor não está /. (APÊNDICE A, entrevista 2)

A fala de uma ex-professora do colégio particular demonstra a função especial do inspetor de aluno. Através de seu relato percebe-se que ele não toma atitude nenhuma e nem decide nada. No entanto é “[...] os olhos e os ouvidos do mantenedor da escola”. Assim completa a entrevistada:

Existe uma figura que circula pela escola / não sei qual é a função dele / acho que a função oficial é a de inspetor / ele conhece todo mundo e sabe de tudo o que acontece na escola / ele não é subordinado a ninguém / a não ser o próprio mantenedor da escola / ele não exerce autoridade e nem tem autonomia lá dentro / não pelo seguinte: ele não toma decisão nenhuma, nem faz nada e nem manda fazer nada / mas você tem plena consciência de que ele observa tudo / ele é um vigilante / é uma outra câmera / só que é uma câmera móvel... /. (APÊNDICE B)

A entrevista com o próprio inspetor confirma essa observação da professora:

Eu cuido da segurança da escola / estou sempre circulando... / nos intervalos / na troca de aulas / olhando tudo... / é uma ação assim... preventiva mesmo / tenho que prever o que pode acontecer e tentar evitar que aconteça... / olho tudo / [...] eu dou uma assistência na portaria também / [...] se precisar dou um apoio para os inspetores quando eles precisam... / [...] não tenho dificuldades na minha função / tenho todo o respaldo da administração... /. (APÊNDICE C, entrevista 2)

Segundo Foucault (1987), o controle das atividades por aquele que vigia e pune segue alguns princípios fundamentais como a utilização integral do tempo útil sem qualquer desperdício, eficácia e rapidez nas ações, rigidez disciplinar, além de outras características. Todavia, a sociedade disciplinar, que se fundamenta na organização dos grandes meios de confinamento, como já comentado anteriormente - os quais servem para corrigir, punir, instruir, treinar operários -, sofre modificações no decorrer do século XX. Uma nova forma de sociedade, já presente no modelo disciplinar e supondo-o, ganha contornos. Remetendo às considerações de Deleuze (1992), no que diz respeito a tais mudanças, vale salientar que são as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares, pois, “as disciplinas, por sua vez, também conheceriam a crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser” (DELEUZE, 1992, p. 219). O controle sobre os corpos não se dá mais nos espaços fechados; exerce-se através de

“formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado” (p. 221).

Segundo o mesmo autor, a ideia do Panóptico pode prevalecer, no sentido de vigilância. No entanto, na sociedade do controle, segundo alguns autores pós-modernos, suscita-se a ideia do sinóptico (sin = instante; óptico = olhar). Na sociedade disciplinar, o observador está presente e em tempo real a observar e a vigiar os indivíduos. Na sociedade de controle, esta vigilância torna-se virtual e digital, pois independe de qualquer confinamento territorial, concretamente estabelecido. Todavia, com exercício de controle suficiente para tornar o indivíduo incapaz de esboçar qualquer reação. “Não se deve perguntar qual o regime é mais duro ou mais tolerável, pois são em cada um deles que se enfrentam as liberações e sujeições” (1992, p. 220). A respeito desses dispositivos, Mendes (2006, p. 180), em seu estudo “*O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo*” salienta que:

Precisamos, sim, perguntar como um sistema se transformou em outro, quais são os jogos de poder envolvidos, como novas formas de subjetivação e corpo são fabricadas, pois, ao mesmo tempo em que alguns processos são usados, para, supostamente, propor formas mais libertárias, por outro lado, são empregados como formas mais elaboradas de controle e normalização dos corpos.

Bauman (2001), notável sociólogo polonês da atualidade, compara os conceitos arquitetônicos de panóptico e sinóptico para apresentar uma comparação que mostra bem o contraste entre eles. Se o panóptico pode ser relacionado à mobilidade e ao sedentarismo, o sinóptico pode ser relacionado à mobilidade e ao nomadismo. Ao contrário do primeiro, onde há a necessidade de inserir os vigiados no espaço de observação, produzindo a certeza de que tudo é passível de vigilância e, conseqüentemente, de punição, no segundo, o ato de vigiar desprende os vigilantes de sua localidade, não importando a distância, como bem salienta Bauman (2001, p. 60):

O sinóptico é, por natureza, global; o ato de vigiar desprende os indivíduos de sua localidade, transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais importa a distancia, ainda que fisicamente permaneçam no lugar. (...) Onde quer que estejam e onde quer que vão, eles podem ligar-se - e se ligam - na rede extraterritorial [...] O panóptico forçava as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção - ele seduz as pessoas à vigilância.

4.1 Práticas de controle na perspectiva do sinóptico.

A concepção de Bauman (2001), quanto aos dispositivos panóptico e sinóptico, permite mostrar que o exercício do poder prevalece e, o efeito causado nos indivíduos parece

ser o mesmo: são ao mesmo tempo visíveis e incapazes de ver. No primeiro, o controle se faz por meio da visibilidade total e permanente dos indivíduos, pode-se dizer que esse dispositivo tornou-se o paradigma dos sistemas sociais de controle e vigilância total. Já na perspectiva do segundo, o poder é exercido por múltiplas formas, hoje incrementadas pelas novas tecnologias.

Pensando a partir dos conceitos referenciados neste trabalho: disciplinamento, controle, normas, poder etc., é possível analisar os mecanismos disciplinares em seus diferentes componentes e identificar-lhes sua inserção na escola e, sobretudo, no que diz respeito ao limite da sua atuação e arbitrariedade. São dignos de considerações, quando, por exemplo, se observa a arquitetura e funcionamento dos prédios escolares:

-- ***Distribuição dos espaços:*** predomina o quadriculamento - arte de distribuir os indivíduos no espaço (FOUCAULT, 1987). Forma quadricular para facilitar a visualização, a vigilância, o domínio e a organização dos espaços - as salas de aula, a biblioteca, o laboratório, a sala de informática, o pátio, quase tudo está configurado desta forma.

-- ***Interdição dos espaços e o controle do ir e vir:*** vigilância dos indivíduos levando-os à imobilidade ou a movimentarem-se onde e quando é permitido. Há escolas cujos locais internos são quase inacessíveis: não é permitido circular pelos corredores, entrar na sala dos professores e da diretoria, entrar na biblioteca sem identificação, permanecer em sala de aula no intervalo, passear pelos corredores sem necessidade. Há escolas que por medida de segurança e preservação do espaço físico, conservam a chave do banheiro com o bedel ou inspetor de alunos.

-- ***Estrutura da sala de aula:*** o posicionamento dos alunos, a localização das carteiras, da lousa, e de todo o mobiliário. O espaço, muitas vezes, está comprometido de maneira quase imutável devido ao grande número de alunos por sala. Muitas vezes, a circulação pelos corredores entre as carteiras é permitida somente de um único modo, com acesso difícil. Para trabalhos em grupos, quando se deve dispor as carteiras em círculo, o barulho causado atrapalha as turmas vizinhas.

-- ***Controle do tempo:*** na escola, o tempo de aprender, como o de ensinar, andar, passear, tem um tempo limitado e determinado, afirma Ruschel (1990). Deve-se seguir o horário de entrada e saída, do lanche, de ir ao banheiro, os horários das aulas e das atividades extraclasse. Não é permitida a entrada na sala após o sinal. Durante a aula não há tempo

suficiente para todos expressarem suas ideias, uma vez que há todo um planejamento a ser dado.

-- *Normas e valores relacionados à conduta:* na sala de aula - não falar alto, não gritar, prestar atenção às aulas; postura - sentar um atrás do outro, não cruzar as pernas, não segurar a cabeça com as mãos, olhar para frente. Para assistir às aulas, basta que a criança tenha olhos, ouvidos e mãos. Parece que o resto do corpo não precisa estar presente.

-- *Atuação dos inspetores e bedéis:* responsáveis pelo controle dos horários e vigilância. As mesas dos bedéis geralmente ficam em lugares estratégicos dos corredores, próximo ao banheiro, e em pontos os quais é possível visualizar as salas de aula em geral. A própria ação dos professores é controlada, uma vez que, eles dependem de chamar um inspetor/bedel para conduzir o aluno quando precisa sair da sala de aula. Muitas vezes o próprio horário do professor é controlado pelos bedéis. Vigia-se para punir depois.

No que toca às novas tecnologias, a sua quase onipresença traz inovações nas relações de poder. Por serem quase desprovidas de materialidade, não necessitam de construções específicas, pois a virtualidade está caracteristicamente atrelada aos novos dispositivos presentes no interior de todos os espaços já existentes. Nas situações já exemplificadas, por exemplo, as câmeras instaladas em diversos lugares - até mesmo dentro das salas de aula, e a gravação de imagens, o cartão digital, a leitura digital, dentre outros, compõem o quadro destes novos mecanismos latentes de vigilância, o que pode ser denominado tecnologias de submissão ⁸, muitas vezes virtuais, os quais caracterizam as sociedades contemporâneas.

Quando se remete às tecnologias de submissão, trazidas mais especificamente para o universo escolar, é importante reforçar algumas questões sobre os mecanismos disciplinares da escola hoje. Condizentes às colocações de Bauman (2001), em relação ao sinóptico, o dispositivo tecnológico das câmeras, em nome da segurança - mas também atuando como um dispositivo de vigilância - dentre outros, suscita, e se serve das relações entre controle e poder dentro da escola. Os resultados são visíveis: além do controle contínuo, é entendido como um

⁸ Os estudos de Michel Foucault mostram a origem dos mecanismos de poder nos séculos XVII e XVIII. Houve a descoberta do corpo transformável em eficiência e alvo de controle e, o poder que se exerce sobre o corpo é contínuo, chegando mesmo a instalar-se como coerção interna, e o mecanismo utilizado para controlar os corpos foi a disciplina, o que conduz os corpos a relação de docilidade-utilidade. Em tempos atuais, é possível construir um monopólio de poder através do controle dos corpos, incrementado pelas novas tecnologias. É, pois, a tecnologia da disciplina fabricando os corpos submissos. Daí, a expressão tecnologias de submissão.

diferencial para a escola, há economia de tempo, evita a “indisciplina” e a heterogeneidade, há uma maior satisfação dos pais e, conseqüentemente, punição para todos os que fugirem da norma, a tudo o que está inadequado à regra, a tudo o que se afasta e desvia dela. Como diz Foucault (1987, p. 48), “os indivíduos são considerados em função de sua normalidade, o que é um dos grandes instrumentos de poder da sociedade contemporânea”.

Portanto, a vigilância na escola, inúmeras vezes usada em nome da segurança, ainda que sob roupagens mais modernas, de qualquer código disciplinar ou regulamento do estabelecimento educativo, pode ser considerada como um viés norteador do poder disciplinar, e tomada como algo que deve ser contínuo, que não tenha limite, que esteja presente em toda a extensão do espaço e, penetre os lugares mais recônditos.

As técnicas moduladoras de controle total, segundo Deleuze (1992), já estão em evidência no cotidiano das pessoas e, não é preciso muito esforço para percebê-las. Várias propostas de controle eletroeletrônico e afins estão em vias de teste ou já são utilizadas. Alguns exemplos disso podem ser encontrados quando se procura “a posição de um elemento em espaço aberto, (de um) animal numa reserva, (de um) homem numa empresa” (idem, p. 224). Todos eles podem ser achados por meio de “coleira” eletrônica. Há escolas que disponibilizam *web cam* para que pais vejam seus filhos. E outras que já implantaram - com o objetivo de aumentar a segurança e o trânsito nas escolas - um sistema eletrônico, cujo aparelho⁹ vibra e avisa o aluno quando o pai ou a mãe se aproxima da escola para pegá-lo. E ainda outras, principalmente as particulares, além de todo um aparato de vigilância e do circuito interno de TV, estão também monitoradas 24 horas por firmas de segurança devidamente credenciadas.

Todavia, todo este “cabedal” disciplinar de dispositivos e afins, pode estar exercendo uma sujeição permanente na população escolar, pois observa-se que, desde a formação da sociedade, tem-se apenas variado as técnicas de controle e vigilância. Evolui-se em técnicas cada vez mais sutis, insuspeitas, sofisticadas, com aparente inocência, sob roupagens mais modernas e leves de qualquer código disciplinar ou regulamento do estabelecimento educativo, tomando o corpo social em sua quase totalidade. E, sobretudo, no que diz respeito ao fato dos alunos se sentirem controlados pela força penetrante do olhar vigilante das inspeções tornando-

⁹ O equipamento foi chamado de Transmissão Escolar Codificada (TEC) e é formado por dois dispositivos: um controle azul usado pelos pais e um receptor preto que o filho carrega na cintura. Quando o pai se aproxima da escola, aperta um botão e o receptor do filho recebe o sinal e vibra. O estudante então já sabe que deve sair. Disponível em: < http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=6601 > Acesso em: 5 maio 2009.

se “cordatos e “controlados”.

4.2 A burla como desafio ao controle

A respeito das circunstâncias de sujeição dos indivíduos, a sociedade em suas instituições, tem sido pródiga no uso de notável diversidade de recursos e artefatos. Considerando que a construção das escolas são realizadas para ter perenidade é comum encontrar, principalmente nos sistemas públicos de ensino, uma dimensão arquitetônica tendendo à padronização e conservação desse ambiente físico de vigilância. É ainda comum ter-se escolas que apresentam em suas estruturas físicas arquitetônicas características similares às prisões, como o enquadramento das salas, a localização das escadas, as mesas dos bedéis estrategicamente colocadas no cruzamento dos corredores, controlando seus alunos/prisioneiros.

Nesta perspectiva, o corpo dócil é, muitas vezes, um corpo alienado. Porém, o fato de se submeter à ordem não faz o indivíduo ser, necessariamente, dócil e alienado. O que pode acontecer é que, o ser humano, entendendo que algumas regras são necessárias aos padrões vigentes da sociedade e também do universo escolar, submete-se conscientemente. A fala do aluno a seguir pode ser analisada por essa ambivalência:

O certo é você ir para a escola / prestar atenção às aulas / não pode brincar na aula / conversar na aula / ficar passando bilhetinho / ficar desenhando... / tem que prestar atenção na aula / na hora do recreio / você tem que tomar o seu lanche e tal... / não pode ficar de brincadeira de empurra/empurra / de briguinhas... /. (APÊNDICE D, aluno 2)

Foucault (1987), trabalha as relações de poder existentes nas instituições num primeiro momento, de forma mais genérica, depois vai trabalhar os elementos coercitivos que aprisionam os corpos. O autor vê a disciplina como um meio de exercer o poder sobre os corpos: ela pode ser compreendida como um dos elementos constitutivos da escola e sustentáculo de sua sobrevivência institucional. Isto é inegável: ou faz ou está perdido; ou cumpre a lei ou vai para a prisão; ou obedece ou merece um castigo, uma ameaça. No confinamento, por exemplo, mesmo dentro das prisões, se não houver cumprimento às regras, o indivíduo vai para a solitária, e, muitas vezes, é torturado. O que não implica numa correção do comportamento ou eliminação das falhas de caráter social e moral. Se a prisão fosse suficiente, terminariam nela, as ações agressivas à sociedade, mas isso não acontece; pois as medidas/tentativas de docilização do corpo, por mais extremadas que sejam, não atingem,

incondicionalmente, o objetivo desejado.

Mesmo existindo os mais cordatos que se submetem passivamente; os que se submetem mesmo contrariados; os alienados que não se interessam por nada; e os que, na medida da oportunidade tentam ir contra, é imprescindível destacar nesse estudo, o caso da vigilância que não está surtindo efeito nas escolas hoje. Nesses casos, deixar se docilizar é uma posição que a pessoa acata e não questiona. É opção. Percebe-se, manifestadamente, que a burla, a transgressão às regras, o desafio ao poder existe. Foram entrevistados dois alunos e a fala de um deles ilustra tais considerações:

[...] eu me lembro quando eu estava na quarta série a gente ficava ligando / passando trote, sabe? / e quando acabava as aulas / deixavam os alunos lá dentro / eles sentavam perto da câmera / tinha um celular / vamos passar trote / e ficavam embaixo da câmera / não sei se não pegava ou se era porque pegava mesmo / mas ia um monte de gente lá no cantinho / a monitora nunca brigava com a gente / ela não percebia / só quando alguém ia reclamar mesmo / [...] quando eu entrei falaram que tinha câmera nos banheiros / eu não acreditei / mas agora não tem / falaram que tiraram porque os alunos estavam fazendo “zueira” / tirando a roupa na frente da câmera para mostrar, não sei... / (APÊNDICE D, entrevista 1)

A fala da ex-professora entrevistada comprova essa versão da aluna:

[...] a câmera ficava num canto / ela não era móvel, era fixa / não sei se ainda é / ela tinha uma abrangência, ou seja, tinha um ponto na sala de aula que ela não pegava / um pouco abaixo / e eu percebi que os alunos sabiam disso... / e se eles quisessem aprontar alguma coisa / [...] ficar mais à vontade era naquele ponto que eles iam / [...] / eu tinha a impressão de que era mais um limite a ser transposto: como eu faço para burlar essa câmera / em alunos dessa faixa etária você sempre identifica dentro da sala de aula / alunos que ficam procurando transpor os limites / desafiar o tempo todo / [...] pelo fortalecimento deles / geralmente são alunos com características de liderança / eles querem conquistar a liderança no grupo / ele conseguir isso vai ser um forma de se destacar e ser admirado no grupo / ele tenta e quer ver o que acontece depois / eles têm muito aquela expressão assim: não pegou nada / quer dizer: eu consegui fazer e... beleza / então as vezes eu percebia que a câmera era algo a mais para desafiar: eu fiz isso dentro da sala, mesmo com a câmera e não aconteceu nada... / percebi que os alunos tinham a consciência de que não era o tempo todo que eles estavam sendo observados / eles tinham essa consciência / (APÊNDICE B)

Há vários motivos e formas de burlar: por motivos mais sérios em que a resistência é cabível por ser reação a um extremo arbítrio, ou, pelo ímpeto do desafio, pela manifestação da esperteza perante o grupo, pelo prazer da liberação da adrenalina conforme é ressaltado nas falas acima. Existe um ímpeto no ser humano de superação, de desafio, de auto-afirmação, manifestando-se, medindo forças de maneira provocativa ou mesmo dissimulada. Um exemplo dessa situação pode ser constatado na fala de uma mãe entrevistada:

[...] então, tinha um menino na classe que era terrível / aprontava todas / era sobrinho do dono da escola... / [...] aí um dia meu filho foi ameaçado por ele / ele usou um canivete para ameaçar meu filho na hora do intervalo / disse que ele apontou o canivete e ficou olhando com cara de bravo / e disse também que se ele contasse para alguém aquilo / iria pagar depois... / aí foi um sufoco / falei com a coordenadora / a criança foi chamada para conversar... / os pais dela também... / mas no fim ficou por isso mesmo / a diretora quis que o acontecido ficasse por isso mesmo... / (APÊNDICE E, entrevista 2)

As formas de resistência, principalmente aquelas que passam pelo corpo, são muitas vezes formas de negar aquela imposição. Mesmo tentando burlar, o indivíduo se constitui a partir da existência daquela regra. Não é porque ele transgredir que não a incorpora. A burla também faz parte do crescimento humano. Se alguém segue à risca uma regra não quer dizer que se incorpora melhor e é fiel a ela. Quem reconhece as regras e tenta burlar, também está se constituindo a partir delas. Pois o poder não é apenas dos mais “fortes” sobre os mais “fracos”, os alunos também tem seu poder, no momento em que rompem com as normas, não somente para afrontar ou criar um ambiente de desordem, mas também com o intuito de recriar e trazer suas vivências para a escola. É certo que são exceções. Então, mesmo inseridos nesse aparato de técnicas disciplinadoras, há sujeitos e corpos que não se submetem. Eles resistem, ou seja, continuam em luta pelo exercício de relações de poder. Nesses espaços onde há transgressões o corpo desse aluno não é docilizado ou, pelo menos, não o é totalmente. Observa-se na fala de uma mãe entrevistada que não há, portanto, um dispositivo que cumpra na totalidade o seu objetivo de cumprimento às regras:

[...] realmente não sei quais os mecanismos usados por eles até hoje / para tratar alunos com problemas de indisciplina não sei... / lembrei quando meu filho contou todos os dias iam três ou quatro alunos para a diretoria com problemas de indisciplina / e... / quando voltavam / estavam sempre sorrindo, cantarolando, comendo um biscoito ou bala... / aí eu não entendi... / não é que eu queira que punam os alunos com “cascudos” / não é isso / então um dia questionei isso numa reunião / foi me passado o seguinte / que a escola tem uma nova coordenadora que veio do... / e está trabalhando com os alunos de uma maneira diferenciada / uma nova proposta construtivista eu acho / não sei se é por aí / mas nada se resolvia lá... / (APÊNDICE E, entrevista 1)

Hall (2000), em seus estudos, ressalta que Foucault (1987), exagerou em suas colocações a respeito das técnicas de dominação de poder. Ele próprio admitiu isso em seu livro *História da Sexualidade* através do qual estuda possibilidades de resistência. Porém, as tecnologias disciplinares baseadas no poder, empregam técnicas herméticas as quais dificultam a resistência de corpos e sujeitos. Por outro lado, Certeau (1994), defende que as microrresistências são formas encontradas pelos “homens ordinários” para desviar o que vem de fora. Os homens ordinários para o autor, são homens comuns que não aceitam a cultura

dominante. Por isso, os alunos, ao tentarem burlar as formas do sistema escolar, tentam sobreviver a ele. O riso, o deboche, o silêncio e a cumplicidade, são formas de dizer não ao que é imposto, conforme pode ser observado pela atitude dos alunos frente às câmeras: “[...] às vezes eles dão tchau / mandam beijo... / a gente não usa mais a câmera para ameaçar... nem para... sabe?”. (APÊNDICE A, diretora 1)

A possibilidade de resistência, por vezes, se expressa em ações de rebeldia individual ou coletiva. As práticas de transgressão são, muitas vezes, potencializadas em ações de delinquência, - assim denominadas de “indisciplina” -, que o sistema de vigilância e controle lhes impinge. Em entrevista com o grupo focal, uma das professoras que interagiu com o grupo relatou:

Eu trabalho em várias escolas diferentes, no SENAI, aqui, no particular / eu vejo... / na escola em que eu trabalho é assim / o pai vê a imagem e diz: mas isso é normal.. / você chama o pai / o cara colocou fogo lá no lixo / ah, professora, qual é o problema? é brincadeira / ele está vendo / foi o filho dele que pegou o álcool / jogou o fósforo / ele viu... / o que é que tem, professora? / então não adianta / é nesse sentido que eu vejo o lado negativo da coisa / se não tem a família para respaldar e agir com a escola / daí vem a pergunta para mim: o que eu tenho que fazer para se suspenso? /. (APÊNDICE F, entrevista em 29/09/2009)

Faz-se necessário instigar esse conflito entre disciplina/rebeldia, sujeição/transgressão, poder/resistência, que se manifesta no cotidiano escolar que, paradoxalmente, reproduz dispositivos de poder mediante o estabelecimento de normas, e o desenvolvimento de estratégias individuais ou coletivas de transgressão e resistência.

5 A PESQUISA

“Modernas devem ser as ideias e suas práticas libertárias e emancipadoras, e não apenas os equipamentos e máquinas controladores de tudo e de todos”

José Antônio K. Roig

O quinto capítulo destina-se à pesquisa empírica. Realizada a partir de observações, registros de dados, de entrevistas com diretores, professores, inspetores, pais e alunos que atuam no cotidiano escolar de um colégio particular de Sorocaba, e de uma escola pública municipal de uma cidade do interior de São Paulo, totalizando quinze pessoas entrevistados.

A partir dos aspectos teóricos colhidos durante todo o trajeto desse trabalho e, tendo como base a colaboração das concepções de diversos autores, retoma-se, nesse momento, as hipóteses levantadas para que sirvam de suporte à pesquisa de campo e possam focá-la favoravelmente. A ideia de que, em nome da formação e da segurança, se exerce um controle e uma sujeição permanente à população escolar em relação aos mecanismos disciplinares e de vigilância, é a primeira hipótese. Considera também que a escola em sua trajetória histórica, utiliza de procedimentos disciplinares afinados aos conceitos de cada época e aos modelos ideais de disciplina e de controle. A partir das hipóteses apresentadas questiona-se: há necessidade da escola fazer uso de todo um aparato disciplinador em seu cotidiano? Quais são as manifestações mais frequentes desse aparato? Como funcionam os aspectos disciplinadores e os de sujeição? Como se dá o controle sobre o corpo na escola? Até que ponto as regras são aceitas ou transgredidas? Até que ponto a estrutura física do prédio - na perspectiva do panóptico e sinóptico - é cabível na escola hoje?

Pensando a partir dos conceitos referenciados neste trabalho: disciplinamento, controle, normas, poder, são analisados os mecanismos disciplinares em seus diferentes componentes e identificada sua inserção na escola, sobretudo, no que diz respeito ao limite da sua atuação e arbitrariedade. São dignos de considerações aspectos como: a distribuição dos espaços; a estrutura da sala de aula; o controle do tempo; a interdição dos espaços; as normas e valores relacionados à conduta dos alunos; a atuação dos inspetores e bedéis; os dispositivos de vigilância. Através dessa análise, retomam-se os conceitos de Foucault sobre corpos dóceis

e verifica-se de que maneira tais conceitos são cabíveis nas normas e procedimentos disciplinares na escola, levando em consideração a transgressão às regras na luta pelo poder. Vale lembrar nesse contexto as concepções de Veiga Neto (2005, p. 98), quando diz que a escola pode ser considerada “a mais ampla e universal máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto de poder disciplinador e, assim, torná-los dóceis”.

5.1 Diálogo com a realidade

Na pesquisa qualitativa, existem diversos métodos de coletas de dados. A observação participante, a história de vida, a história oral e as entrevistas, estão dentre os mais conhecidos. Esses métodos são capazes de captar a subjetividade dos participantes, favorecer a intervenção dos agentes em sua realidade ou criar condições de entender os contextos estudados. E a entrevista, em especial, apresenta-se como uma técnica para a coleta de informações diretas dos sujeitos investigados pelo fato de a natureza do objeto do estudo exigir interação entre pesquisador e pesquisado para contextualizar as experiências e/ou vivências. A técnica de entrevista oral tem como objetivo principal, segundo Minayo (2000), recolher informações através da fala dos atores sociais. Na concepção de Duarte (2004, p. 215), entrevistas são fundamentais quando:

[...] precisa-se/deseja mapear práticas, crenças, valores sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e tradições não estejam claramente explicitados. [...] elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coletas de dados.

Para se utilizar dessa técnica na pesquisa qualitativa, é necessário valer-se dos rigores que a mesma requer cujas regras e pressupostos devem ser seguidos cuidadosamente. O intuito é contribuir para a definição de critérios para a avaliação da confiabilidade da mesma. Para tanto, é importante ficar atento a algumas exigências na realização da técnica de entrevista. Segundo Duarte (2004), o pesquisador:

- a) O pesquisador deve ter muito bem definido os objetivos de sua pesquisa;
- b) Deve conhecer com alguma profundidade o contexto que pretende realizar sua investigação;

- c) Fazer uma entrevista “não-válida” com o roteiro para evitar “engasgos” no momento da realização da entrevista válida;
- d) Mostrar segurança e autoconfiança;
- e) Deixar fluir algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação.

Para investigar o universo escolhido fez-se uso primeiramente dessa técnica de entrevista oral por meio de encontros previamente agendados e com encaminhamento de uma carta de apresentação para as instituições escolares. Os dados que a seguir serão apresentados, têm origem na visão de: 1 ex professora, 2 diretoras, 2 inspetores de alunos, 2 mães e 2 alunos, incluindo as duas escolas pesquisadas. Através de contatos pessoais com a direção de algumas escolas particulares e públicas, conseguiu-se definir duas daquelas que poderiam fazer parte da realidade que se buscava pesquisar. A pesquisa no colégio particular justifica-se pela necessidade de fazer uma reflexão sobre a produção de subjetividade no interior de uma escola privada, a partir de suas práticas, seus discursos, e seus silêncios, em contraponto com a realidade e especificidades de uma escola pública. No colégio os contatos com as mães foram feitos fora da escola.

Os caminhos trilhados no decorrer da pesquisa na escola pública foram mais acessíveis. Houve até um convite para participar de uma reunião de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), com um grupo de 6 professores de Fundamental 1 e 2. A investigação neste caso, realizou-se através do denominado grupo focal. As respostas foram gravadas em áudio para posterior transcrição. Em seguida foi feita a análise das falas mediante uma descrição crítica da realidade e comunicação dos resultados.

5.2 Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas foram transcritas integralmente e colocadas em anexos numerados. As respostas foram utilizadas pela maior frequência com que alguns aspectos da questão disciplinar foram referidos. Para organizar as informações, foram retomados alguns questionamentos teóricos, procurando estabelecer um diálogo com as falas dos entrevistados. A partir daí foi possível construir uma abordagem crítica da realidade das escolas em questão,

em contraponto aos procedimentos disciplinares e de vigilância utilizadas pelas mesmas levando em consideração a dicotomia entre o discurso e a prática.

Como Foucault, que realizou seus estudos a partir do micropolítico, das minúcias, debruçando-se sobre normas de poder, procurando no banal grandes significações, observa-se que o simples fato do aluno carregar uma cadeira para colocá-la em outro lugar poder ser interpretado como uma afronta ao poder. A seguir a fala da ex-professora:

Lembro-me de uma situação: estava numa sétima série e propus um trabalho em grupo / então os alunos começaram a se organizar / e você sabe / essa organização é um pouco barulhenta / os alunos pegaram as carteiras para levar de um lado para outro... / alunos com cadeiras na cabeça... / eu percebi que enquanto eles estavam naquela agitação toda... / as janelas são de vidro grande / então eu percebi que no cantinho da cortina veio aparecendo devagarzinho a coordenadora da escola / eu notei ela aparecendo, observando... / os alunos foram se sentando, se organizando e começaram a fazer a atividade / então ela foi embora / o que eu pensei foi o seguinte: ela tinha visto somente uma situação / ela não tinha visto que era uma proposta de trabalho em grupo /. (APÊNDICE B)

Com promessas de segurança e com o objetivo de observar o comportamento dos alunos, coibir furtos de objetos e as conversas que atrapalham as aulas, as guerras de bolinhas de papel, muitas vezes fruto de brincadeiras entre colegas, muitas escolas particulares têm adotado o sistema de monitoramento de câmeras dentro das salas de aula com acesso à internet 24 horas. Os pais munidos de senhas podem acompanhar as aulas e ter acesso ao material gravado que diga respeito à criança ou ao adolescente sob sua responsabilidade. Está pendente na Câmara Federal o Projeto de Lei 6779/06 (MICELLI, 2008), que torna obrigatória a instalação de câmeras de vídeo em escolas públicas e privadas da educação básica. Um dos seus objetivos é contribuir para a segurança nos estabelecimentos de ensino do país; o outro é enfatizado e tido de extrema importância para que haja maior envolvimento dos pais na educação dos filhos, permitindo que acompanhem as atividades escolares no momento em que elas estiverem ocorrendo.

Eloíza de Oliveira, diretora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, psicóloga e doutora em educação, é contra essas medidas. Segundo ela, a câmera cria um falso conceito de disciplina, que deve ser construída de dentro para fora, e não mediante a imposição de controle (PENNAFORT, 2005). Para ela, o adolescente monitorado acaba formando uma noção dupla de moralidade, ou seja, comporta-se bem diante das câmeras e se transforma quando longe delas. Por isso o simples monitoramento não resolve. Se o aluno quiser furtar e se sente inibido de fazer isso dentro da sala de aula, vai fazê-lo em

outro lugar. E ainda ressalta outro problema: “O jovem que é tutelado não consegue refletir sobre seus atos”. Sendo assim, não basta vigiar e punir, é preciso investigar quais razões emocionais levaram os alunos a agir de forma errada.

O envolvimento dos pais na educação deveria estar relacionado ao acompanhamento escolar dos filhos, manifestado entre outras coisas pela sua presença na escola, pela participação em atividades realizadas, pela atenção aos deveres de casa e ao progresso escolar. Para muitos a vigilância nas classes é considerada uma invasão do espaço que pertence ao aluno, e, cuja ocupação é importante para sua própria formação. Vigiar e controlar o tempo todo pode levar ao um duplo comportamento: um jeito na frente das câmeras, outro longe delas, como já destacado.

Algumas considerações a esse respeito, são destacadas nas entrevistas, como por exemplo:

*Acho desnecessário / se confio na escola, por que vou precisar olhar o meu filho o tempo todo? / faço a minha parte em casa / na escola tem pessoas responsáveis para cuidar deles também/. (APÊNDICE E, mãe - entrevista 1 em 12/09/2009) [...] É uma distorção total achar que participar da vida escolar do filho é ficar em casa observando e vigiando o tempo todo... / (APÊNDICE B, professora - entrevista em 03/09/2009) [...] Eu acho que se os pais confiam na escola / não há necessidade disso... / estamos inaugurando o berçário e já foi pensado em deixá-lo o tempo todo para o pai ver... / mas existe os transtornos de estar o tempo todo na internet / alguém entrar e ver seu filho / enfim... / mas **hoje**¹⁰ eu não adotaria este sistema / como eu adotei as câmeras / **hoje** eu não colocaria, no contexto de **hoje**... / (APÊNDICE A, diretora - entrevista 1 em 28/08/2009) [...] Acho que a vantagem é para o pai que não tem tempo de vir a escola, poderia ver como o filho está se comportando / e o aluno iria se comportar melhor porque saberia que o pai estaria ali / observando a aula / então muita coisa que ele faz e o pai não vê / não iria fazer mais / porém, via internet, para o lado profissional do professor / o trabalho dele está exposto... / tem coisas que o professor precisa falar/ dialogar com o aluno / então eu não sei como o pai enxergaria isso / invadiria a privacidade do aluno com o professor / mas eu não concordo com a senha / até por causa da própria escola / e também a maneira do pai estar mais próximo ao filho é estar vindo a escola / isso conta bastante / eu ainda sou daquele tempo em que o pai estando na escola, participando das reuniões / mesmo que seja em horário em que ele possa vir / e o filho sabendo que ele está aqui dentro, já ajuda / porque fica meio artificial / ficar vendo o filho assim... / por justificativa de falta de tempo... / também por causa dessa tecnologia as coisas perderam um pouco nos valores... / eu falo muito na questão dos valores / na proximidade de pai e filho [...] / (APÊNDICE A, diretora - entrevista 2 em 22/09/2009)*

Retomando-se as ideias trabalhadas no texto a respeito do panóptico como um paradigma de vigilância total definido por Foucault (1987) em *Vigiar e Punir*, percebe-se por meio dos relatos acima que o dispositivo disciplinar pode ser “democraticamente” controlado,

¹⁰ O grifo se coloca pela ênfase na voz, dada pela entrevistada.

se viabilizado o sistema de monitoramento de câmeras com acesso à internet 24 horas. O autor assim se expressa:

Vimos que qualquer pessoa pode vir exercer na torre central as funções de vigilância, e que fazendo isso pode adivinhar a maneira como é exercida a vigilância. Na realidade, qualquer instituição panóptica, mesmo que seja tão cuidadosamente fechada quanto uma penitenciária, poderá sem dificuldade ser submetidas a essas inspeções ao mesmo tempo aleatórias e incessantes: e isso não só por parte dos controladores designados, mas por parte do público; qualquer membro da sociedade terá direito de vir contatar com seus olhos como funcionam, as escolas, os hospitais, as fábricas, as prisões. (p.171)

O mesmo autor destaca que o princípio de poder do panóptico é *visível e inverificável*. Assim ele se expressa: “Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza que sempre poderá sê-lo” (p. 167). O uso das câmeras tem sido nas escolas particulares, principalmente, uma forma de corroborar com essa colocação a respeito do exercício de poder atuante e permanente na escola. Em destaque um trecho da entrevista com a diretora:

A gente utilizou muito, por exemplo, para acompanhar uma aula / às vezes a gente sabe que tem reclamação daquela sala de aula / a gente quer acompanhar para ver o que está acontecendo / mas eu digo que nem isso a gente utiliza mais... / hoje, as câmeras ainda estão lá... / elas nos ajudam / mas muito pouco / hoje a gente não enfatiza / não é mais divulgado / os alunos enxergam de uma maneira normal / às vezes dão tchau / mandam beijo / a gente não usa mais a câmera para ameaçar... / nem para..., sabe? / no começo.... / nunca foi de ameaçar... / mas... / sabe quando você entra num elevador / você vê uma câmera / você toma cuidado / então os alunos se sentem bem ou mal / sabem que tem uma câmera filmando... / o objetivo então foi para deixar com esse tom (ênfase na voz) de segurança... / (APÊNDICE A, entrevista 1)

Permitir que as câmeras continuem nas salas concretiza o princípio do poder como algo *visível*. É também *inverificável*, uma vez que a justificativa de mantê-las ativas é para deixar com um *tom de segurança*, ou seja, o exercício de poder e vigilância continuam atuantes. Essa postura de ter a possibilidade de monitoria quando se é necessário, tem muitos defensores:

Para mim, na educação tudo o que for para melhorar é bem vindo / lá na escola no começo eu nem sabia das câmeras / bom... / não acho por exemplo / que filmar as aulas tira a privacidade de ninguém / a sala de aula não é um lugar privativo / é um lugar público / acho que privacidade a gente tem em casa / no seu quarto você pode subir pelas paredes... / na escola é diferente... / tudo o que for para melhorar a segurança dos alunos é bem vindo / neste caso se a escola explicar o porquê / deixar bem claros os objetivos não vejo nenhum problema / até porquê a escola não tem nada a esconder / mas eu particularmente não iria ficar assistindo as aulas o

tempo todo / mas só de saber que está ali / e se eu quiser posso olhar seria bom /
(APÊNDICE E, mãe de aluno - entrevista 1)

De acordo com Bauman (2001), vale lembrar que, tanto as questões relacionadas ao poder disciplinar quanto aos dispositivos panóptico e sinóptico, mostram que o exercício do poder prevalece, e que, essa analogia entre os dispositivos permite analisar o efeito similar causado nos indivíduos: são ao mesmo tempo visíveis e incapazes de ver. Genericamente, a atuação dos bedéis na escola pode ser comparada com a função do panóptico, na medida em que o controle se faz por meio da visibilidade total e permanente dos indivíduos; e as câmeras, com o sinóptico, cujo poder é exercido pelas múltiplas formas, hoje incrementadas pelas tecnologias sempre renovadas. Nesta perspectiva, “uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação” (FOUCAULT, 1987, p.167).

No colégio particular visitado, a instalação das câmeras é justificada como auxílio nos problemas de indisciplina, na segurança e na vigilância de alunos e até professores. As falas de alguns entrevistados quanto à instalação desse dispositivo, revelam tais intenções:

[...] a intenção seria, se você tivesse dando uma aula, os alunos tivessem fazendo ou tomando alguma atitude indisciplinada / alguém da direção viria até a classe e tiraria aquele aluno e o repreendia / porque teria visto pelas câmeras o que teria acontecido / também havia a preocupação em manter a disciplina na troca de professores / também em situações de prova para ajudar e vigiar os alunos... / mas o que eu observei no tempo em que estive lá foi: as câmeras eram usadas para vigiar alunos e também professores / comentava-se assim entre os professores: se você estivesse sentada alguém iria perguntar para você porque estava sentada durante a aula... / inclusive houve uma época que cogitaram a idéia de tirar a cadeira do professor... / então durante as aulas se eles notassem alguma atitude pedagogicamente incorreta eles poderiam interferir... / (APÊNDICE B, ex-professora)

[...] a câmera foi colocada por vários motivos: verificar como está a sala de aula / o andamento da aula / mas no nosso caso foi um pouco de ilusão... / é muito mais nós estarmos lá com nossos alunos / professores, o coordenador ou a direção assistindo a aula / o intuito foi avaliar a segurança / hoje a câmera está lá... / funciona... / mas não utilizo [...] / e se a gente quiser ver no computador da coordenação, posso visualizar as salas / [...] quando coloquei as câmeras em 2001 era um status, moda ter câmeras nas salas / era um diferencial / os pais aceitavam... / um ou outro pai achava um absurdo: nossa! precisa disso? / às vezes some dinheiro e os pais perguntam: mas vocês não têm câmeras? / mas as câmeras não resolvem este tipo de problema / por mais que a gente esteja filmando e tal / agora é uma questão de ponto de vista / como o colégio encaminha seus procedimentos e suas filosofias / hoje elas estão lá / elas nos ajudam / mas muito pouco / [...] no começo a gente se apega as câmeras / a questão tecnológica, e eu não sei se dá resultado / pra gente foi muito melhor resolver problemas de indisciplina criando vínculos com nossos alunos / mudando a postura / envolvendo professores no nosso projeto do que filmando e dizendo; olha, foi aquele aluno lá (APÊNDICE A, diretora 2)

[...] quando eu entrei na escola foi comprada câmera para deixar em cada sala /

mas eu não lembro se ficava filmando mesmo... tipo / quando eu ia na coordenação estava filmando mas... / mas eu não sei se ainda filmam / tipo / na minha sala agora não tem mais a câmera / eu mudei de classe / na outra tinha / [...] então acho que não gravam porque eu já falei para a coordenadora várias vezes olhar / mas ela nunca olhou / não sei se é porque ela não queria ou porque não estava sendo gravado / [...] eu acho que é para vigiar aluno / para ver o que está fazendo mesmo / o que aconteceu comigo que eu te contei / a minha amiga estava falando / eu ouvi o que ela estava falando / e só eu levei / aquele professor é muito chato mesmo / aquela menina odeia ele / e ela fazia de tudo para que mandasse ela para fora / e daí ela estava o maior falando e ele não mandava ela para fora / para ver outras coisas que estavam erradas também... / assim... / não tem desvantagem / mas não é tão necessário, sabe? / (APÊNDICE D, aluno 1)

As análises feitas a partir do entendimento do conceito de panóptico, conferem a ele legitimação do poder e asseguram o comprometimento desse dispositivo por parte de quem o detém:

O panóptico pode até constituir-se em aparelho de controle sobre seus próprios mecanismos. Em sua torre de controle, o diretor pode espionar todos os empregados que tem a seu serviço: enfermeiros, médicos, contramestres, professores, guardas; poderá julgá-los continuamente, modificar seu comportamento, impor-lhes métodos que considerar melhores; ele mesmo, por sua vez, poderá ser facilmente observado. Um inspetor que surja sem avisar no centro do panóptico julgará com uma única olhadela, e sem que se possa esconder nada dele, como funciona todo o estabelecimento. E, aliás, fechado como está no meio desse dispositivo arquitetural, o diretor não está comprometido com ele? (FOUCAULT, 1987, p.169)

Portanto, a intenção de manter as câmeras na escola é para assegurar que esse modelo de controle permaneça em processo contínuo “[...] e se elas não foram retiradas até hoje é porque tem no ar o seguinte: um dia posso precisar delas / ela ainda é um instrumento para mim” (APÊNDICE B, ex-professora). Nesse recorte, pode-se verificar que existe a presença de mecanismos de poder disciplinar atuantes no colégio a fim de impor disciplina aos corpos e tentar docilizá-los.

Uma dicotomização da realidade entre as práticas e os discursos pode ser observada ao longo da entrevista com a diretora. Durante os relatos constata-se uma preocupação em evidenciar a proposta pedagógica do colégio, baseada em vínculo e conscientização com alunos e professores; talvez no sentido de minimizar os procedimentos de controle e vigilância no que diz respeito ao uso do dispositivo das câmeras. Todavia, apesar dessa preocupação, não existe, por parte da direção iniciativa em se remover os equipamentos ou as práticas convencionais como as câmeras, as múltiplas grades, a onipresença dos bedéis. Nesse contexto, o controle do ir e vir, por exemplo, fica dissimulado nas técnicas de segurança:

Para entrar primeiro você tem que passar pelo porteiro, apertar o interfone e se identificar / após a autorização [...] você passa por outro portão, que é liberado pelo porteiro, ao lado das catracas / então você fica presa aí / até receber autorização para passar para lá / e como professor você tem um crachá que tem

uma tarja magnética / mas para entrar na escola só o porteiro é quem abre o portão principal / [...] na saída é a mesma coisa / fora do seu horário da aula a catraca não libera a sua entrada / para aluno era diferente / [...] você entra e tem que falar com o porteiro / justificar sua ida até lá / [...] o acesso de professores e funcionários é bem controlado também / de todas as escolas que eu trabalhei essa foi a que eu tive mais sistema de segurança / e isto se sempre foi vendido para os pais como um diferencial muito grande / a segurança lá é total... / [...] em termos de vigilância / principalmente relacionado a de professores / de todas as escolas que eu trabalhei esta foi a de vigilância mais cerrada... / (APÊNDICE B, ex-professora)

A segunda técnica de investigação usada na presente pesquisa, igualmente fornece informações relevantes em relação ao que está sendo investigado. A técnica desenvolvida junto a esse tipo de grupo consiste na realização de entrevistas, para coleta de dados, tendo como viés condutor a discussão de um determinado assunto, sendo este proposto e conduzido pelo pesquisador e/ou moderador. O ambiente de grupo minimiza opiniões falsas ou extremadas, proporcionando o equilíbrio e a fidedignidade dos dados. Segundo Martin Bauer e George Gaskell (2002), a interação social, é portanto, mais autêntica, uma vez que as pessoas envolvidas estão mais propensas a acolher novas ideias e explorar suas implicações. Em síntese, os autores (p.78) apresentam algumas vantagens quanto ao uso dessa técnica:

- a) Orientar o pesquisador para um campo de investigação e para linguagem local;
- b) Explorar o aspecto de atitudes, opiniões, e comportamentos;
- c) Observar os processos de consenso e divergência;
- d) Adicionar detalhes contextuais a achados quantitativos;

O grupo focal, de caráter exploratório, realiza-se com seis professores, sendo três de Fundamental 1 e os demais de Fundamental 2; o grupo se encontra na escola pública municipal em reunião de HTPC, cujo horário foi cedido cordialmente pela diretora da escola. A duração é de uma hora e tem adesão voluntária dos participantes. A escolha foi efetuada considerando a homogeneidade do grupo, no que se refere à profissão e à dimensão do campo de trabalho dos participantes. As discussões foram gravadas em áudio, para posterior transcrição.

Conforme roteiro proposto, após a apresentação do entrevistador e dos participantes, é esboçado o propósito e o formato da reunião para que os participantes saibam o que esperar das discussões e fiquem à vontade. Com intuito de direcionar o tema gradativamente e, sem fornecer informações detalhadas aos participantes, é proposta uma questão genérica: “O que vocês entendem por disciplina?” Nota-se de início, a adesão parcial de alguns participantes;

como fazem rotineiramente, aproveitam o tempo da HTPC para arrumar a caderneta e fazer trabalhos de recorte e colagem para o preparo de materiais didáticos. À medida que as opiniões são expostas e os diálogos criam consistência, há a adesão total dos participantes e, em seguida, são conduzidos ao tema principal que é a discussão sobre os dispositivos disciplinares de controle e vigilância existentes na escola. São feitas algumas intervenções, sempre que necessário, na tentativa de focalizar e aprofundar a discussão assegurando, contudo, a participação de todos.

É através das análises das conversas do grupo focal, que algumas afirmações, como a da professora 1, ao se manifestar sobre as normas disciplinares da escola, permite levantar alguns enunciados sinalizadores na questão do controle sobre o corpo na escola, cujos indícios estão sendo investigados:

Para nós começa desde a fila / a gente tem que fazer fila para subir com eles / a escola aqui é muito grande [...] para não ficar uma bagunça, empurra/empurra, entendeu? / então os alunos sobem em fila, / é uma questão de... / é uma regra / eles sabem que tem o limite / que não pode correr / que não pode ir de dois ao banheiro / que não é toda hora que pode ir que a professora está explicando / tem que esperar um pouco... / a não ser aquele que tem algum problema urinário e tudo mais... / tem limites, tem regras, a gente sabe o pode e não pode... / (APÊNDICE F)

A ordenação por fileiras como forma de controle sobre o corpo na sociedade disciplinar - idealizada por Foucault - aparece frequente nas escolas hoje. A fila, por si só, concentra e distribui hermeticamente os indivíduos no espaço e, sobretudo, permite o controle minucioso dos “quadros vivos” como destaca o autor no segundo capítulo. No entanto, muitos profissionais da educação a visualizam como uma regra essencial para se obter e controlar a disciplina “[...] para não ficar uma bagunça, empurra/empurra [...]” conforme a fala da professora acima. Mas a fila também provoca comportamentos considerados fora das normas. Por vezes presencia-se nas escolas alunos andando em fila, ora empurram os colegas, ora puxam o cabelo, com intuito de burlar a designada regra, e, se assim o fazem é porque talvez não entendam a sua finalidade:

Os alunos do Fundamental 2 até hoje formam filas quando dá o sinal / 5ª A, 5ª B, assim por diante / então é feita uma oração pela diretora, coordenadora ou um professor / depois eles vão saindo turma por turma conforme é chamado... / mas... / assim que se passa nas costas da direção a fila já era / [...] então eu ia à classe buscá-los para irem até a sala de informática / este trajeto tinha que ser feito em fila / era orientação da direção e coordenação que eles fossem em fila / então o que acontecia... / eles brigavam muito pelo primeiro lugar na fila / quando eu chegava à classe para buscá-los já tinha 4 ou 5 ali guardando lugar / então já que eles tinham que andar em fila / eu comecei a fazer rodízio de primeiro lugar / todo mundo tinha o seu dia de primeiro e o seu dia de último lugar / (APÊNDICE B, ex-professora)

O que se questiona é se essa regra surte o efeito desejado, pois os alunos ao se mostrarem inconscientes da necessidade de cumpri-la e sem saber porque o fazem, tentam a transgressão: “[...] *assim que se passa nas costas da direção a fila já era*”, conforme relata a professora. Além de acentuar e modelar uma hierarquia dentro da escola, a fila contribui para docilizar os corpos. O que Foucault (1979), chamou de microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise, quanto do nível em que esta se efetua. Sendo assim, o poder intervém materialmente, construindo a realidade mais concreta dos indivíduos; ou seja, ele age especificamente sobre os gestos, as posturas, as atitudes, os comportamentos, os hábitos, levados enfim, a uma produção do trabalho para manter e controlar os corpos.

As regras discutidas com os alunos, o que pode e não pode, podem funcionar como uma alternativa mediadora no sentido de minimizar as regras impostas. Um trecho da entrevista com o grupo focal elucidada essa ideia:

P2: [...] *tem que ter o respeito / porque tendo o respeito você vai procurar se comportar na fila / você tendo noção na sala de aula vai saber como emprestar um material [...].*

P3: *Olha, eu acho assim: o tempo todo.../ não é só no começo do ano que a gente faz os combinados não / o tempo todo / sabe aquela história / água mole em pedra dura tanto bate até que fura.../ (risos). A gente tem que fazer sempre os combinados / estar lembrando sempre /*

P4: *Água mole em pedra dura tanto bate que acaba a água... / (risos)*

P2: *É aquela coisa de olho no olho.../*

P3: *Eles mesmos começam a cobrar dos colegas: você sabe que não pode isso / não pode aquilo / agora não dá para dizer que você faz um combinado não final do ano.../ que você faz um cartaz... / é o tempo todo relembrando / voltando / quando eles fazem algo errado / você vê que eles estão saindo... eu digo: mas não era isso que a gente tinha combinado? / sempre conversando sobre aquilo que é importante / mas surte efeito sim /*

P1: *Eu não fiz esse combinado...*

P2: *Eu também não. (tom de voz bem baixo)*

P3: *Ah tá, vocês não fizeram escrito, mas vocês não conversam?*

P1 e P2: *Sim!!! (tumulto - várias pessoas falando ao mesmo tempo)*

P2: *Temos os combinados / e eles sabem o que podem e não podem / a gente fala do lado ruim das coisas / se eles aprontarem.../*

P1: *E estes combinados que você está falando eu já trabalhei / mas este ano não foi preciso / e eu já tive classe bem difícil que eu tive de estipular as regras com eles, colocar na lousa / com sanções que eles mesmos determinaram / e deu certo, melhorou / já faz uns dois anos que eu não trabalho esses combinados por escrito /*

O professor 4 que havia dado um indício que não concorda com os combinados “[...] *água mole em pedra dura tanto bate que acaba a água [...]*”, expõe sua maneira de trabalhar com os alunos, sem impor ou combinar regras:

P4: *Eu não faço esses “combinados” aí... / cada professor tem a sua postura para adquirir disciplina na classe / eu antes de começar aula sempre dou uma mensagem / e a mensagem é para educá-los para a vida / quase sempre é... /*

P1: *Legal!*

P2: *Olha!*

P4: Se algum dia eu não dou / por motivo ou por outro / eles cobram... / e a mensagem?

Para a questão sobre o uso do dispositivo das câmeras em sala de aula e o monitoramento 24 horas pela internet, a maioria dos professores foi categórica ao expor suas opiniões, salientando que são contra tais medidas. Contudo há alguns defensores:

Se o professor aceita aquilo, a escola aceita isso, a família aceita e coloca o filho ali, então tudo bem, é um “big brother...” (professor 4). [...] geralmente as escolas particulares colocam para dar mesmo / eu vejo assim / para dar para o pai segurança / retorno / como se fosse um a mais / um diferencial / mas eu acho que / mas por outro lado / o aluno pode... / não acontece de primeira a quarta / é mais de quinta a oitava / os alunos podem se exceder dentro da sala de aula / acho que é uma boa até... / em casos de indisciplina / o professor é tão sozinho... / o aluno que xinga / que não respeita / eu não vivo essa realidade, mas... / eu sei de escolas que vivem... / alunos que não respeitam os professores / que ficam no fundo da classe cantando... / (professora 3). [...] eu acho que não é uma questão de aceitar / se não tomar providências, pode contar até para o Papa que não vai resolver o problema de indisciplina / eu mesma estou trabalhando em uma escola... / eu não me incomodo / acho que está faltando base para isso / então fica terra de ninguém porque a escola fica impedida de tomar as providências devido aos encargos que o ECA expõe / e tudo a criança pode e nós estamos atados a isso / e os pais não tomam atitude nenhuma e então não vai resolver nada / pode por câmera para Deus se quiser, que não vai resolver / se não tiver acordo com os pais / a escola não agir sozinha / não vai resolver... / (professora 5)

As manifestações mais frequentes do aparato utilizado nas escolas podem ser observadas em vários relatos dos entrevistados em relação aos mecanismos disciplinares em seus diferentes componentes: na vigilância de alunos e professores através dos dispositivos de câmeras nas salas; na interdição dos espaços e o controle do ir e vir pelo uso de muitos portões, catracas e grades; nas normas e valores relacionados à conduta dos alunos com o uso do livro de ocorrências; na atuação constante dos inspetores de alunos (bedéis/monitores) cuja função se mostra bem atuante nas escolas.

Os discursos se aproximam quando os entrevistados relatam sobre a necessidade de segurança nas escolas. Entendem também que a disciplina é um fator que legitima a ação educativa. O controle está desta maneira, permanente nas escolas. E, mesmo com todo esse aparato, as regras impostas sofrem as transgressões por aqueles que não as aceitam e ousam desafiá-las por motivos diversos.

Verifica-se que a estrutura física do prédio na perspectiva do panóptico e sinóptico são cabíveis nas escolas hoje. A pesquisa absorveu algumas informações mais particularizadas para poder ilustrar as questões mais pontuais em relação ao tema proposto. Outras questões que o texto mostrou vêm à tona e podem ser mais bem observadas na íntegra das pesquisas que estão anexadas ao trabalho. Todo esse aparato disciplinar descrito nessa

pesquisa pode servir como garantia de subordinação e sujeição, atrelada a outras tantas técnicas sutis de aprisionamento dos corpos. Como reprodutora do mecanismo disciplinar da sociedade, a escola organiza-se de tal forma a reproduzir a submissão e produzir os corpos dóceis que culmina na subordinação social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O diálogo é um dos melhores hábitos do homem, inventado, como quase todas as coisas, pelos gregos. Ou seja, os gregos começaram a conversar, e continuamos desde então...”

Jorge Luis Borges

Os estudos desenvolvidos nesta dissertação de Mestrado em Educação procuraram captar, sobretudo, uma visão sintética das relações de poder que permeiam o universo escolar e como elas envolvem o ser humano e o corpo que o identifica. Os dados obtidos positivamente, significativamente, a hipótese de que em nome da formação e da segurança, se exerce um controle e uma sujeição permanente à população escolar por conta da utilização dos mecanismos e dispositivos disciplinares e de vigilância. Foi plausível percebê-los em trânsito nas escolas hoje e como organizam o respectivo sistema poder-submissão, tendo como pano de fundo indícios de uma trajetória histórica da cultura do disciplinamento dos corpos.

Esta análise trouxe para reflexão as questões da formação, da segurança, e do controle e a conseqüente sujeição da população escolar frente às práticas de disciplinamento e vigilância. Como apresentado, o corpo no ambiente escolar, desenvolve relações, sofre interferências de múltiplas formas e apresenta sentido existencial pela capacidade de perceber, compreender e atuar pessoal e culturalmente. Esse corpo adere e rejeita, compatibiliza e negocia, concorda, se submetendo ou não.

Para sua composição o texto procurou se valer, tanto na composição teórica quanto na prática, não somente de diálogos com os conceitos, ideias e posicionamentos expressos, mas principalmente de diálogos entre conceitos, ideias e posicionamentos expressos. Também um diálogo ampliado entre a exigência e papel formador da escola e seus principais sujeitos: alunos e professores.

No decorrer da pesquisa empírica foram traçadas reflexões a respeito de alguns questionamentos que orientaram o estudo: há necessidade da escola fazer uso de todo um aparato disciplinador em seu cotidiano, quais são as manifestações mais frequentes desse

aparato? Como funcionam os aspectos disciplinadores e os de sujeição? Como se dá o controle sobre o corpo na escola? até que ponto as regras são aceitas ou transgredidas?

Destacou que nos tempos atuais a escola está pautada em modelos disciplinares oriundos de características sociais de diversas épocas históricas. E, foi na busca de dispositivos/técnicas disciplinares de séculos atrás, que se tornou possível fazer um paralelo com os dos tempos atuais e, se constatou que vários daqueles - que outrora legitimaram a escola -, embasam a escola contemporânea, como é o caso da escola municipal pesquisada que ainda faz uso da fila e do “livro negro” como forma disciplinar.

Percebe-se que o controle sobre o corpo é histórico, sempre existiu. Seja por motivos de ordem estética, científica, religiosa, econômica ou política. Há uma relação específica com esse corpo, ou seja, o submetem de alguma maneira. O que mudou foram os recursos de controle que se tornaram mais extensivos e diretos. Pela trajetória histórica percebeu-se que os castigos foram abolidos enquanto forma e instrumento. Mas foram substituídos por outros mais sutis, de aparência muitas vezes inocente, quase diluídas no contexto, mas igualmente controladores do corpo em sua plenitude, como é o caso das câmeras que várias escolas disponibilizam hoje, dentro das salas de aula, nos espaços de convivência, de pesquisa, e de atividade burocrática.

Numa sociedade que gesta uma cultura hegemônica burguesa, a escola enquanto sua reprodutora, subordina e adentra a criança e o jovem a um sistema de submissão que controla e garante essa reprodução contínua. O processo de disciplinamento, operado amplamente pela escola, se dá através de mecanismos reguladores e múltiplos os quais Foucault (1987) chamou de funções disciplinares: estratégias de utilização do tempo, do espaço, do saber e do corpo; e instrumentos disciplinares: a vigilância, a sanção normalizadora e o exame. Tais aspectos descritos tem como finalidade máxima fixar os sujeitos a um aparelho de normalização da sociedade.

Pela pesquisa de campo, foi possível registrar, entretanto, que diversos mecanismos disciplinares usados hoje pela escola não são suficientemente eficazes na questão do cumprimento às regras. Há vários motivos e formas de burlar. Por motivos mais sérios ou pelo ímpeto de desafio, de esperteza, como é o caso de alguns alunos do colégio particular que faziam “cenas” na frente das câmeras para saber como e quando seriam punidos, e, até mesmo, se o seriam. No entanto, todas as formas de vigilância, das mais antigas às mais modernas, exercem esta questão de controle, de patrulhamento a fim de pôr em ação na

sociedade um regime de práticas comprometidas com o poder. Nem por isso pode-se dizer que a escola atinge um modelo desejado de comportamento e disciplinamento.

Embora predomine nas instituições o comportamento disciplinado, os elementos que o texto apresentou, demonstram pela historicidade do castigo, que das formas mais agressivas às formas eletrônicas, o aparato de controle não impede, entretanto, as ações que burlam o disciplinamento e as manifestações de comportamento indisciplinado, agressivo, fora da regra: a palmatória não impediu, as câmeras não impedem. É certo que são exceções. Mesmo inseridos nesse contexto de técnicas disciplinadoras, há sujeitos e corpos que não se submetem, resistem, ou seja, continuam em luta pelo exercício de relações de poder.

Segundo as falas das diretoras pesquisadas, a escola precisa sim estar equipada em nome da segurança. Acreditam também que há uma grande necessidade em fazer uso de todo um aparato disciplinador em seu cotidiano para que o perigo que está de fora não atinja a escola em seu interior. Para tanto, faz-se uso das grades, dos cadeados, dos múltiplos portões, e, no colégio particular, o uso das câmeras nas salas de aula. Ora, qual é o perigo manifesto dentro de uma sala de aula? Qual é a necessidade de se ter todo um sistema como esse em ambientes menores como a biblioteca e a sala de aula? É controle ou vigilância? Parece não ser uma questão de prevenção educativa, mas um recurso para prevenir no aspecto da coesão: “Olhe, sorria, cuidado, você está sendo filmado ...”

É possível perceber nos diferentes segmentos ligados às escolas pesquisadas, a semelhança na fala dos entrevistados, presente em vários aspectos. Na entrevista com o grupo focal, algumas observações são comumente abordadas por todos os entrevistados: que se vigia por conta da segurança; que há grande necessidade de vigilância; que a disciplina é um fator relevante na educação; que os alunos hoje chegam à escola sem “limites” disciplinares. Porém, não fica claro se tais colocações estão incorporadas às práticas cotidianas ou, se é uma questão de senso comum. Os profissionais expressam opiniões semelhantes talvez porque, de certa forma, são ideias que predominam, não somente no universo escolar, mas também em outras instituições sociais.

Em contrapartida, na abordagem mais individualizada, cada entrevistado expressa seu ponto de vista e coloca sua percepção do momento ou da situação que lhe incomoda, no ambiente vivenciado por ele: do aluno que sente sobre si a incidência das normas disciplinares; do professor enquanto profissional que sente sua privacidade invadida pelo uso das câmeras; dos pais que acham que vale tudo para “melhorar” a educação, até mesmo expor

seus filhos na internet 24 horas; ou dos pais que, mesmo com a comprovação (por meio das câmeras) de uma atitude incorreta, protegem os filhos; da diretora, que mostra ser aberta à prática educacional baseada em vínculo e conscientização, mas que não consegue se desvencilhar dos procedimentos de controle e vigilância no que diz respeito ao uso das câmeras.

No que toca a questão do controle do corpo, a necessidade de fazê-lo é essencial, uma vez que o ser humano tem que se ajustar às exigências da sociedade, às normas de sobrevivência, ao uso coletivo, ao respeito ao que é de todos. A disciplina é necessária; o que se questiona é até que ponto esse caráter de controle dociliza, pois o indivíduo não pode ser tão controlado, tão docilizado a ponto de não ser capaz de refletir sobre a necessidade da disciplina em sua formação. E a escola tem que trabalhar estes pontos de maneira a não impedir que a população escolar se manifeste, cresça, se desenvolva, se aprimore, mesmo que alguns conceitos básicos se enraízem. Portanto, é importante que a escola desenvolva e aprimore esse enraizamento de valores, mas não a ponto de impedir e controlar o crescimento individual do aluno.

Vale lembrar que o aparato escolar é estruturado para os alunos, mas envolve todos os segmentos da escola: o ambiente da sala de aula, a secretaria, os corredores e as portarias que, além da monitoração por câmeras e catracas, estão ainda equipadas com interfones e livros de assinaturas, fazendo com que o acesso e circulação pelos ambientes escolares contemplem, desde a portaria até os muros, o objetivo desejado de controle e vigilância. Depois do aluno, o professor é quem mais sofre esta intervenção. Tal aspecto aparece evidente nas falas dos professores, cujos argumentos mostram um certo desconforto ao se sentirem pressionados e intimidados pela vigilância das câmeras e que, de certa forma esse controle também se manifesta pela atuação de bedéis, cuja função se entende ao controle de entrada e saída de professores das salas de aula. Pode não ficar evidente, mas o foco é mais forte no professor, apesar de não ser este o intento do controle e disciplinamento.

Vale lembrar que todas as instituições oferecem objetividade e contradições em suas posições e argumentos, ou seja, ganhos e perdas em relação a sua dinâmica pedagógica. A melhor escola vai ter alguns aspectos considerados ruins ou pouco satisfatórios. São as condições inerentes a própria estrutura de uma instituição social. Por melhores que sejam as intenções quando se controla o corpo, seja pela ciência, pela arte, de alguma maneira ele é mutilado em suas iniciativas. Sendo assim, tudo aquilo que incide sobre o corpo enquanto

controle da sua manifestação, do seu movimento, da liberdade, da iniciativa, da criatividade, é uma ação que o dociliza.

Foi possível encontrar em Michel Foucault, indicações teóricas para compreender como funciona o poder disciplinar na escola e como esse poder produz corpos dóceis. Dentre as instituições, a escola é a que mais contribui para essa produção e reprodução, porque é aquela que o indivíduo fica mais tempo para a sua formação. Desde muito cedo a criança está dentro de uma instituição que é disciplinadora, que imprime características do que pode e não pode, do que é certo ou errado, da obediência. É o horário, a fila, o uniforme, o olhar vigilante. Tudo isso, de alguma maneira, controla, coage. Portanto, “a obra de Foucault pode agir como um antídoto contra posturas dogmáticas” (GALLO e VEIGA-NETO, 1999, p. 21). Também foi possível enxergar questões sobre a possibilidade de resistência, que se expressa por vezes, em ações de transgressão, rebeldia, não aceitação às regras. Essa resistência pode, em alguns casos, atingir manifestações extremadas de indisciplina ou até agressão. Fatos esses bem contemplados pelas mídias na atualidade.

Tais considerações não são definitivas. As tecnologias de controle estão em pleno processo de construção e inscrição na sociedade, e, apresentam fortes indícios na escola. O que foi problematizado nessa pesquisa aponta direções no sentido de lançar luz a essas questões de controle sobre a população escolar na medida em que, no processo educativo, as pessoas possam construir relações mútuas de saber e poder, potencializar interações críticas e criativas, superando a sujeição produzida pelos dispositivos disciplinares e vigilância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aluísio de. Et al. **Estudos regionais paulistas**. Piracicaba: Shedinah, 1989.

ALMEIDA, Barros Sandra de. **Castigos corporais nas escolas da corte: a lei e a ação docente (1860 -1891)**. Disponível em <http://www.vcbhe.com.br/arquivos/individual_doc>. Acesso em: 19 nov. 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Vigar e punir ou educar? **Revista Educação – Especial: Biblioteca do professor**, São Paulo, n° 3, p. 26-35, nov. 1999.

ARROYO, Miguel. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester. (org.). **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1995.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica**. 2003. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2003.

BORGES, Jorge Luis. Papo com Borges. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 out. 2009. Caderno E, p. 1.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DALCIN, Talita Banck. “Palmatoando” as fontes: os usos dos castigos físicos em nome da disciplinarização e da ordem nas escolas paranaenses da segunda metade do século XIX. In:

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 71-92.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas educativas. **Educar em Revista**, Curitiba, nº 24, p.213-225, jul./dez. 2004. Disponível em:
<http://www.educaremrevista.ufpr.br/colecao_completa.htm>. Acesso em 11 set. 2009.

ENGUITA, Fernandez Mariano. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade 2 - o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Vigiar e punir - nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALLO, Sílvio; VEIGA-NETO, Alfredo. Ensaio para uma filosofia da educação. **Revista Educação – Especial: Biblioteca do professor**, São Paulo, nº 3, p. 16-25, nov. 1999.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.). **500 Anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 19-42.

LEONARDO da Vinci (1452-1519). Disponível em:
<<http://www.mundosites.net/artesplasticas/davinci.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2009.

LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias.** São Paulo: Cortez /Autores Associados, 1989.

MAUTNER, Anna Verônica. O martírio da Jovem Geise nos faz pensar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 out. 2009. Especial C, p. 2.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, nº 39, p. 167-181, abr. 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICELLI, Sylvio. **Câmeras de vídeo em escolas podem ser obrigatórias.** 10/01/2008. Disponível em <<http://www.servidorpublico.net/.../cameras-de-video-em-escolas-podem-ser-obrigatorias>>. Acesso em: 31 ago. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: HUCITEC, 2000.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e pensamento complexo.** 1999. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999.

OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de. Violência, corpo e escolarização: apontamentos a partir da teoria crítica da sociedade. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira.** Campinas: Autores Associados, 2006. p. 57-69.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira.** Campinas: Autores Associados, 2006.

PENNAFORT, Roberta. As câmeras chegam às salas de aula. 04/11/2005. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/editorias/2005/11/4/ger013.html>>. Acesso em: 03 ago./2009.

PEIXOTO, Afrânio. **Panorama da literatura brasileira.** São Paulo: Nacional, 1940.

RUSCHEL, Leani Inês. **Fotografias do cotidiano escolar: o preço da disciplina é a eterna vigilância.** 1990. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Ana Márcia. Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 17, nº 3, p. 224-251, maio, 1996.

_____. O corpo no mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. In: GRANDO, José Carlos (Org). **A (des) construção do corpo**. Blumenau: Edifurb, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOUZA, Rosa Fátima de. Espaço da Educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: SOUZA Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. (Orgs.). **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: Unesp, 1998. p. 111-161.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VIGARELLO, Georges. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

ANEXO A

Sorocaba, 24 de setembro de 2009.

Protocolo CEP Nº: 018/09

Projeto de Pesquisa: "Produção de corpos doces: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola"

Pesquisador Responsável: Prof^ª. Dr^ª. Vania Regina Boschetti

Pesquisadores Participantes: Claudia Martins Riberio Rennó.

Parecer Consubstanciado CEP – Uniso

- Aprovado**
- Aprovado com Recomendação**
- Pendente**
- Reprovado**

O projeto de pesquisa intitulado "**Produção de corpos doces: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola**", pertencente a área do conhecimento "Ciências Humanas" (Educação), sob responsabilidade da Prof^ª. Dr^ª. Vania Regina Boschetti, vinculado à Universidade de Sorocaba e portanto, submetido ao CEP-Uniso, encontra-se adequadamente elaborado visto cumprir com todas às exigências constantes na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde, órgão ligado ao Ministério da Saúde.

A pesquisa tem com objetivo analisar os mecanismos de disciplinamento usados pela escola na conduta dos alunos, para tanto propõe investigar o espaço da escola, sua estrutura, normas e regras de conduta, assim como entrevistar professores, alunos e outros envolvidos no cotidiano escolar.

Deixa claro nos procedimentos que trabalhará com entrevistas, com professores, diretores e alunos, com os devidos procedimentos de consentimento e esclarecimento sobre a pesquisa e seus objetivos, e descreve a possibilidade de gravar os encontros

Quanto aos cuidados de sigilo e participação voluntária ele cumpre os procedimentos éticos

O projeto não contará com o patrocínio de qualquer natureza, sendo sua execução de responsabilidade do pesquisador e Instituição que o abriga, neste caso a Universidade de Sorocaba.

Os pesquisadores envolvidos no projeto estão devidamente identificados, sendo estes os responsáveis pela coleta dos dados, que ocorrerá mediante assinatura, por parte dos sujeitos da pesquisa, de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Tal documento encontra-se adequadamente elaborado, cumprindo com as exigências realizadas pela Resolução 196/96, apresentando linguagem clara e objetiva, objetivos e procedimentos da pesquisa em curso, esclarecendo que não há riscos e desconfortos aos entrevistados, além de informar sobre a não remuneração pela participação no estudo. Também garante o sigilo das informações fornecidas.

Frente ao exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Sorocaba (CEP-Uniso), considera não haver nada que desabone o referido projeto a aprovação. Projeto APROVADO.



Prof^a. Dr^a. Renata Lima

Coordenadora do CEP – UNISO

APÊNDICE A

ENTREVISTA 1: Diretora da Escola Particular - realizada em 28/09/2009.

P: Quais os aspectos relacionados à segurança que a escola utiliza?

R: Na realidade o que a gente tem de segurança aqui... / a gente tem muitos portões / bem fechados / quando você entra vê vários portões / lá embaixo existe outro portão / a gente toma muito cuidado com isso / a gente tem o Sr. Rubens que fica lá embaixo e o Sr. Edilson: ele não trabalhava em escola / fazia outro tipo de serviço e já está com a gente há um bom tempo, uns cinco ou seis anos / ele tem um carisma muito grande e olha toda essa segurança pra gente / seja dentro da escola / dentro do banheiro / no pátio... / ele está sempre ligado com isso / então a gente tem essa pessoa hoje que está sempre observando a questão da segurança na escola / e isso envolve tudo: as questões disciplinares / a atitude de um aluno meio... / que você observa que está diferente... / então ele tem esse olhar pra gente / e isso ajuda muito... / muito... /

P: Então ele exerce a função de um inspetor de aluno?

R: Sim / mas... / o Sr. Edilson tem um pouco mais desse olhar / pela vivência dele... / porque não adianta ter uma pessoa o tempo todo te vigiando / porque a gente encara muito bem isso na escola, sabe? / porque a gente tem que desenvolver neles essa consciência... / eu tenho câmeras em todas as salas de aula... /

P: É aí que eu queria chegar... /

R: A gente filma / a gente filma... / a gente olha / a gente olha... / mas, a gente quer desenvolver nos nossos alunos a consciência de que... / por exemplo / a câmera serve pra quê? / para ver indisciplina em sala de aula? / não sei... / para ver se eles estão... / muitos pais perguntam quando some as coisas dentro da sala de aula / mas vocês não filmam? / então é assim / não sei se as câmeras tem essa função / eu acho que a função nossa mais do que tudo... / no começo quando as câmeras foram instaladas era bem isso / vamos por porque elas vão resolver todos os nossos problemas / e a gente vê que não resolve / ela pode te ajudar / te auxiliar / mas numa escola é mais a conscientização / é ter pessoas preocupadas, observando atitudes dos alunos... / eu digo isso e repito muito: se não houver conscientização na educação não tem porque a gente estar aqui / então a câmera auxilia? / auxilia / mas não resolve... /

P: Ela não resolve os problemas de indisciplina?

R: Não / mas a gente achou que era importante... / (pausa)

P: Que lugares há câmeras na escola?

R: Tem no pátio / na portaria... / na portaria sim, como existe em qualquer outro estabelecimento / porque dá para a rua... / mas dentro da sala de aula / a gente tem câmeras para isso... / no caso de um assalto / mas nunca aconteceu / não sei se o seu tema aborda isso / segurança dentro da escola com aluno / a experiência que a gente teve não resolveu... / hoje eu não tenho problema disciplinar / eu tinha problema disciplinar três ou quatro anos atrás / no ensino médio / hoje eu não tenho mais / aí você me pergunta: foi a câmera que resolveu? / não / foram as atitudes dos educadores que começaram a tomar postura de entendimento com esse adolescente / tentar minimizar / não diminuindo as regras... / a gente estabelece as regras e a gente cumpre / a gente é muito assim... / criar vínculo com aquele aluno... / então o uso das

câmeras não resolveu... /.

P: Mas então, qual foi o objetivo da instalação das câmeras dentro das salas de aula?

R: O objetivo foi para deixar com esse **tom** de segurança... /.

P: Quais foram os benefícios trazidos?

R: Olha, eu vou ser muito sincera / a gente utilizou alguma vez a câmera em sala de aula? / não /.

P: As imagens são gravadas o tempo todo?

R: Já foi / hoje não é mais / hoje eu tenho as câmeras em sala de aula / e se a gente quiser ver no computador da coordenação, posso visualizar as salas... / a gente usou muito, por exemplo, para acompanhar uma aula / às vezes a gente sabe que tem reclamação daquela sala de aula / a gente quer acompanhar para ver o que está acontecendo... / mas eu digo que nem isso a gente utiliza mais... / quando a gente consegue um grupo que entende... / ou o coordenador está na sala de aula observando... / então a câmera não me resolve problemas de indisciplina / de querer vigiar professor, aluno / a câmera foi colocada por vários motivos: verificar como está a sala de aula, o andamento da aula / mas no nosso caso foi um pouco de ilusão... / é muito mais nós estarmos lá com os alunos, professores, o coordenador ou a direção assistindo a aula... / o intuito foi avaliar a segurança / hoje a câmera está lá... / funciona... / mas eu não utilizo... /.

P: Como esse dispositivo é visto por alunos, pais e professores?

R: Quando coloquei as câmeras em 2001, era um status / era moda ter câmeras nas salas / era um diferencial / os pais aceitavam / um ou outro pai achava um absurdo: *nossa! precisa disso?* / às vezes some dinheiro e os pais perguntam: *mas vocês não tem câmeras?* / mas as câmeras não resolvem esse tipo de problema... / por mais que a gente esteja filmando e tal... / agora é uma questão de ponto de vista / como o colégio encaminha seu procedimentos e suas filosofias... / hoje as câmeras estão lá / elas nos ajudam / mas muito pouco / hoje a gente não enfatiza / não fala mais / eu não sei se os pais novos sabem que a gente tem câmeras em sala de aula / não é mais divulgado / os alunos enxergam de uma maneira normal / às vezes eles dão tchau / mandam beijo... / a gente não usa mais a câmera para ameaçar... / nem para... / sabe? /.

P: E no começo era para ameaçar?

R: No começo... / nunca foi de ameaçar, mas sabe quando você entra num elevador / você vê uma câmera / você toma cuidado / então os alunos se sentem bem ou mal / sabem que tem uma câmera filmando... /.

P: E quanto aos professores, eles se sentem inibidos em seus procedimentos em sala de aula ou não?

R: Sabe, é engraçado / a gente nunca teve problema / a gente sempre foi muito claro com eles / nunca um professor reclamou / não era para vigiar professor / então eu pergunto: para que serve a câmera na sala de aula? / hoje eu não sei para que serve, entendeu? / antes a gente argumentava: é por causa de indisciplina / para ver como a aula do professor está... / quem vai ver aquela câmera? / será que o coordenador tem tempo? / então não é melhor ele estar dentro da sala? / criando vínculo / apoiando o professor? / a gente nunca divulgou para os alunos e professores que era vigia / por mais que seja... / então eu nunca tive problema com professor... / então eu acho / na minha opinião que eles realmente ficam inibidos... /

P: E as câmeras sempre ficam ligadas?

R: Elas sempre ficaram ligadas / de uns tempos para cá a gente não filma mais / porque a gente não vê motivo mais / a gente mudou nossa mentalidade / a nossa crença a respeito das câmeras, entendeu? / ela já teve uma utilização / não sei se teve / ela foi colocada lá / eu não tirei / mas dizer que a gente utiliza dela para tomar procedimentos? Não / então tudo que a gente tem que trabalhar com professor / uma aula que não está legal / é tudo com o professor e coordenador / *sabe, eu estava vendo você lá...* / esse tipo de coisa a gente nunca fez /.

P: A rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet Os pais unidos de senha podem vigiar seus filhos e acompanhar as aulas em tempo real. Qual sua opinião sobre isso?

R: Eu acho que se os pais confiam na escola, não há necessidade disso /.

P: Os pais já cobraram isso?

R: Não, nunca / mas hoje estamos inaugurando o berçário / e já foi pensado em deixá-lo o tempo todo para o pai ver / mas existe os transtornos de estar o tempo todo na Internet / alguém entrar e ver seu filho enfim... / e os pais acabam criando vínculos e não exigindo muito da escola / hoje os pais não exigem que filmam / a gente faz um trabalho permanente de conscientização / tem uma escola em Limeira que fiquei encantada... / sumiram dois reais numa Festa Junina e os dois reais apareceram depois / em que a câmera ajudaria nisso? / só para mostrar quem foi? / tem que trabalhar o porquê fez isso... sabe? / conscientização / bem ou mal são alunos / estou muito feliz porque desde que mudamos alguns procedimentos / os alunos tem sempre falado a verdade / teve um caso de um aluno do Ensino Médio que soltou uma bomba e a gente não estava filmando / chamamos o aluno e ele confessou que foi ele / porque ele sabe da nossa postura de querer sempre a verdade / conversamos com a família e não demos suspensão porque a nossa missão de educar foi feita /.

P: Existe um projeto na Câmara Federal dos deputados para aprovar câmeras em sala de aula para a segurança...

R: É??? / Eu juro para você / no começo a gente apega as câmeras / a questão tecnológica / e eu não sei se dá resultado / para gente foi muito melhor resolver problema de indisciplina criando vínculo com nossos alunos / mudando a postura / envolvendo professores no nosso projeto do que apontando / filmando / e dizendo: *olha, foi aquele aluno lá* / não sei se as câmeras trouxeram benefícios... / e na minha opinião pai ficar olhando a aula do professor / eu não sei se isto traz benefício para o pai ou o aluno / **hoje** eu não adotaria esse sistema / como eu adotei as câmeras em 2001 / **hoje** eu não colocaria / no contexto de **hoje** / imagina você ser filmado 24 horas e vem aquele pai que não entende nada de educação / aí vem reclamar... /.

P: Desde a colocação das câmeras em 2001 até hoje houve alguma situação grave em que você precisou chamar um professor ou aluno para conversar? Mostrar a cena?

R: Acho que não... / nunca / nunca utilizei isso das câmeras / elas ficaram ali / como eu já falei / é muito mais o coordenador estar com vínculo / assessorar o professor / o olho no olho / falando com sentimento e com vínculo / eu acredito muito em vínculo / e a câmera não traz este vínculo / a nossa grande descoberta foi o vínculo: afetivo, sincero /.

P: Qual é a atuação de bedéis/ inspetores na escola no sentido de vigilância e disciplinamento?

R: Temos cinco ou seis bedéis que circulam pela escola manhã, tarde e noite / o que eu tenho de problema aqui é o do namoro / a escola é grande / a gente tem estufa, horta, viveiro / a questão é que eles ajudam / quanto ao namoro / eles ficam atrás dos blocos / o papel deles é estar rondando / olhando / o inspetor tem que estar atento para isso / não há agressão física na escola / não admito / se houver / é suspensão / e eles sabem que vou ficar muito brava / não

gosto desse nome inspetor... / é pesado... /.

P: É permitido que os alunos fiquem dentro das salas de aula no intervalo? Recreio?

R: Era permitido / mas surgiram problemas de sumir as coisas / estamos num trabalho árduo / agora só o fundamental é fechado e eles sabem o porquê / o fundamental 1 é aberto e o Médio também / estamos num trabalho de conscientização / mas tivemos que tomar uma atitude mais radical / no recreio são vários sinais / eles não se encontram / tem sempre alguém vigiando / andando nos banheiros / nos pátios / então você me pergunta: será que não tem problemas de indisciplina? Porque os alunos sabem da atuação dos inspetores / pode ser / mas também acho importante eles terem a consciência de que não preciso ter ninguém me olhando para não fazer a coisa errada / então quando eu tiver alguém me olhando, posso aprontar? / a gente tenta conciliar isso porque a escola é muito grande / mas eles tem que ter a consciência de que posso ficar sozinho e não aprontar / essa história de segurança me preocupa estar muito em cima / é o que a câmera faz / é muito mais uma questão de consciência... / e a gente tem conseguido / a gente está contente com o resultado da escola /.

P: Você já pensou em tirar as câmeras?

R: Agora não / elas já estão lá / mas o berçário não sei se vou pôr... / os pais tem que confiar nos profissionais da escola / no Infantil não tem câmeras /.

P: P: Em relação à cantina: quais os alimentos que podem ou não ser oferecidos aos alunos? há restrições?

R: Na questão de segurança / não sei se é isso que você quer entender / eu proíbo fritura e salgadinho / isso eu não deixo / não deixo pirulito devido a um acidente / um menino chutou a bola / bateu na boca do colega e entrou na garganta... / chiclete eu também não deixo / refrigerante eu não consegui tirar ainda / a coxinha me deu mais trabalho do que o salgadinho / engraçado... /.

P: Como é o uso das catracas? Tem leitura digital?

R: A catraca funciona como chamada / muitas vezes eles esquecem o cartão / também pode decorar o número... / mas é um trabalho árduo de conscientização / a catraca serve para saber que horas o aluno entrou e saiu // é uma questão de segurança, desde que ele passe o cartão / tem pai que liga e pergunta: meu filho está na escola? / com a catraca tenho todas as informações / que horas ele entrou e saiu... /.

P: É feito chamada na classe?

R: Não / tem uma pessoa que controla tudo isso / tira a prova / ela vai até a sala e diz: *olha, você não passou o cartão e está aí...* / depois esse aluno vai e passa o cartão / eles tem que entender o motivo da catraca / a gente não quer que ela vire uma câmera, entendeu? / a chamada o professor perde muito tempo / com a catraca eu imprimo o relatório e o professor coloca na caderneta / todos os dias após as oito tem uma pessoa que passa nas classes para verificar a presença / o aluno não passou a catraca tem que passar ou o inspetor as vezes coloca presença /.

P: E o uso do uniforme, é uma questão de segurança?

R: Sim, sem dúvida / bem ou mal ele identifica o aluno / o ensino médio não tem uniforme / mas às vezes eles usam muito mais agora do que quando eram obrigados / muitas vezes o problema é com os pais / eles são mais culpados / o aluno diz: o meu uniforme está lavando... / os pais tem que colaborar para que seus filhos possam cumprir as regras... / o que dificulta muito é o diálogo com a família... / não tenho problema com aluno / aluno pulando portão... /.

P: Você já pensou em alguma coisa a mais para melhorar a segurança?

R: Sim, a leitura digital / e também mudar a portaria / hoje o pai que busca o aluno de carro ou a pé só retira o aluno com o cartão que ele tem em mãos / se ele não tem o cartão / tem que descer / pegar uma pasta / assinar... /

P: E se outra pessoa, amigo ou parente vier buscar o aluno?

R: Ela tem que preencher um papel, colocar RG / eles ficam muito bravos / imagina um avô no carro / não pode parar / tem que arrumar lugar para estacionar... / na educação infantil e fundamental 1 a gente é muito chato / no fundamental 2 eu não consigo / mas eu queria “prendê-los” aqui até o pai vir buscar / aqui é muito deserto / a partir do sexto ano é liberado a saída deles / podem esperar lá fora... / quanto a instalação das câmeras 24 horas / a principio eu não cederia ao pedido ou exigência dos pais / isso agride os nossos valores / mas eu aprendi que nunca falo nunca / mas a principio eu não cederia... / hoje... / e quanto às câmeras / como já disse / não vou tirá-las... / tudo o que eu investi... / então é isso... /

ENTREVISTA 2: Diretora da Escola Pública - realizada em 22/09/2009.

P: O que você entende por disciplina?

R: Para mim disciplina é uma questão de valores / a gente está trabalhando muito aqui dentro da escola / disciplina em todos os sentidos não só dentro da sala de aula / como ordem / respeito com os colegas / respeito com os professores / com os funcionários... / mas o que está se perdendo muito aqui na escola é o respeito entre os colegas / dentro da sala de aula / em todos os sentidos / há muitos atritos / confusões por causa de celular / confusão por tudo / então está prevalecendo hoje mais o ser e não o ter / eles fazem tudo para ter / nós vemos que isso vem mesmo da família / e praticamente atingiu a escola / é desgastante / é mais o limite das coisas / e eles não tem... / e a escola tem a responsabilidade de entrar em contato com os pais / e nós pedimos para não trazer celular na escola / tem as normas da escola / tem o regimento / a escola se isenta se perder / não tem como estar buscando solução para isso... /

P: Quais são as normas disciplinares da escola?

R: Tem o horário de entrada e saída / temos uma tolerância / o aluno que chega atrasado nós registramos no caderno / ligamos para os pais / tem que trazer sempre um justificativa / o porquê chegou atrasado... / temos o uniforme que é segurança para o próprio aluno / o que se fala muito aqui dentro da escola / o uniforme é a segurança do aluno dentro e fora da escola / então o primordial é o uniforme / segurança com câmeras essas coisas a escola não tem / então é mais nesse sentido /

P: As regras discutidas com os alunos, o que pode e não pode. Que resultado é obtido com essa pedagogia?

R: Nós fizemos isso no começo do ano no colégio todo / antes de colocar o regimento da escola nós fizemos os combinados / com perguntas para os alunos responderem / e eles já sabiam o que deve e não deve ser feito / em cima disso nós montamos o regimento interno da escola que não sai do regimento das escolas municipais / e eles sabem mesmo o que pode e não pode / mas eles erram e persistem nesse erro / só que as normas que nós seguimos foram aquelas que foram pontuadas no começo do ano / então por que você fez isso? Foi citado que não podia... / por vocês mesmos / principalmente a questão dos valores / o respeito mesmo... / daquelas regras que eles mesmos participaram / que não foram colocadas, impostas / então eles conhecem / e quando o professor faz o combinado na sala de aula o resultado é melhor / e eles observam muito os combinados de um professor com o outro e eles comparam... / isso funciona mais do que impor as regras / mas lógico que você tem que ser rígido para manter / e eles sabem que essa rigidez é para o bem deles / então o professor que faz o combinado no

começo do ano e segue a mesma linha... / pena que não são todos... / talvez porque encontram uma certa dificuldade / não conseguem interagir com o aluno / e outros tem mais facilidade /.

P: Que atitudes dos alunos comprometem e prejudicam o processo de ensino-aprendizagem?

R: Acho que é à vontade... / a vontade e o interesse de estudar não está como nos anos passados / a vontade mesmo / de ter um objetivo / o que eu vou fazer depois que eu terminar a oitava série... / qual é o meu objetivo de vida... / então a maioria não tem essa perspectiva / e eu não tem essa perspectiva não tem vontade / eles vem pra escola porque é um ambiente gostoso / porque brinca / porque escutam música no intervalo / porque tem jogos / mas falou na questão de estudar / de concentrar / de pensar no futuro / está difícil também na escola / até o retorno das tarefas de casa não tem / desde a terceira e segunda série / aí tem que chamar o pai / o comprometimento da família e do próprio aluno / os professores da rede pública acham que na escola particular as coisas funcionam... / mas o problema existe tanto aqui quanto lá. / mas aqui os problemas são maiores porque é um problema social / eu tenho aluno com distúrbio de comportamento / com problemas gritantes de família mesmo / álcool, droga /.

P: Qual a sua opinião sobre o uso das câmeras em sala de aula? Quais as vantagens e desvantagens?

R: Acho que resolver mesmo os problemas é difícil / daria para um ambiente assim, para um ambiente o qual nós não estaríamos vendo toda hora... / seria um pouco constrangedor para o professor também... / por outro lado se houver compreensão da comunidade da escola que isso é necessário aí resolve / mas se é comprometedor para alguns / vai do coletivo / acho que tem que ter um acordo entre todos / não é só colocar a câmera e pronto / tem que discutir muito até que ponto é viável /.

P: Você acha que este dispositivo ajuda a disciplinar os alunos?

R: Nesse caso sim / até ajudaria / para o diretor seria fundamental / para se ter controle da sala lá em cima / então quando acontece alguma coisa e é solicitada a presença do diretor / então você começa a investigar o que aconteceu / você fica como investigadora ali... / até buscar quem estava errado / se foi uma briga / uma perda / se pegou dinheiro de um, de outro / ficaria registrado ali / até na troca de professores seria muito bom / porque quando trocam os professores eles aprontam na sala de aula / e dois ou três inspetores não dão conta / não conseguem / é um momento deles ali que é suficiente para eles aprontarem / fazerem tudo / até pra pegar o celular de outro / então eu acho que resolveria muitos problemas / e se o professor não se incomodar com a câmera e dar um boa aula, fazer um bom trabalho / então eu não vejo problemas... / eu como professora também porque dou aula não ia me constranger /.

P: A Rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet Os pais munidos de senha podem vigiar seus filhos e acompanhar as aulas em tempo real. Qual sua opinião sobre isso?

R: Acho que a vantagem é para o pai que não tem tempo de vir a escola, poderia ver como o filho está se comportando / e o aluno iria se comportar melhor porque saberia que o pai estaria ali observando a aula / então muita coisa que ele faz e o pais não vê / não iria fazer mais / porém via internet, para o lado profissional do professor / o trabalho dele está exposto... / tem coisas que o professor precisa falar, dialogar com o aluno / então eu não sei como o pai enxergaria isso / invadiria a privacidade do aluno com o professor / mas eu não concordo com a senha / até por causa da própria escola / e também a maneira do pai estar mais próximo ao filho é estar vindo a escola /.

P: Qual é a atuação dos bedéis e inspetores?

R: Os inspetores aqui batalham bastante / inclusive tem a Lia que está aqui há muito tempo / os alunos respeitam muito a presença dela / ela não grita, mas ela se impõe muito bem / o que ela fala eles acatam / brincam muito com ela / mas sabe que é um momento sério / não todos, mas a maioria desabafa muito com ela / contam problemas particulares da vida deles / e ela traz para a direção para justificar porque aquele aluno está assim / e se envolvem bastante / mas tem outros inspetores que eles não respeitam / quem está entrando agora eles sabem quem está iniciando / então eles abusam bastante, dependendo da pessoa /.

P: É usado o livro de ocorrências na escola?

R: Nós temos o livro de registros / não se fala mais no famoso “livro preto” / falava-se em livro preto todo mundo tinha medo / agora nem adianta pode ser preto que ninguém tem medo mais / é um registro assim para se dar o parecer ao pai / ou mesmo para a própria escola / por motivo grave / é acesso de aluno, professor, e quando os pais são solicitados a vir para a escola / é registrado tudo o que aconteceu / de que forma / sempre ouvindo os dois lados / o diretor ou o coordenador fazem o registro / e o professor também registra porque se alguma coisa aconteceu na aula do professor aí eu não registro / eu peço para o professor registrar /.

P: Quantos minutos são destinados ao recreio? Quantos sinais são usados? É permitido permanecer na sala de aula?

R: São 20 minutos de intervalo, primeiro sai a quinta e sexta série / e no segundo intervalo sai a sétima e oitava série / nós temos representante de classe / e são eles que trancam, ficam com a chave e pegam o caderno de registro de chamada / e todo mundo já sabe que não pode voltar para pegar dinheiro / ou porque esqueceu o lanche / para não causar transtorno porque tem aula nas outras classes enquanto outras turmas descem / aí depois eles sobem e vai assim com outras turmas / este caderno que eles usam é de presença de aluno ou falta por aula / se o aluno precisou sair / e o pai veio buscar / se passou mau / então fica registrado ali também / e representante só retira o caderno / pega na entrada / e quem faz o registro é o professor / faz a chamada na sua caderneta e passa no caderno de registro para a gente ter um controle também / então tem o representante e o vice / é feito uma eleição no começo do ano / então eles já sabem / se acontecer alguma coisa.../ está na responsabilidade deles / no fundamental 1 a chave fica com o professor / e a noite no EJA também tem representante / ninguém fica no corredor / é uma maneira de disciplinar também / nem tudo pode / pode subir a hora que quiser? Não, não pode / e eles respeitam... /.

P: Em relação à cantina: quais os alimentos que podem ou não ser oferecidos aos alunos? Há restrições?

R: Cantina aqui é terceirizada, já está aqui há um bom tempo / então a gente passa, verifica como está / é vendido somente o que é permitido / porque já tem a merenda da escola / os alunos procuram mais para comprar bala, chocolate, chiclete / então ela tem as restrições dela do que pode e não pode vender / é controlado / e a questão da limpeza eu tenho que sempre olhar como está / a higiene é primordial ali / a cantina é terceirizada / mas tudo o que acontece lá eu tenho que tentar melhorar /.

P: O conflito entre disciplina/rebeldia, sujeição/transgressão, poder/resistência que, paradoxalmente, se manifesta no cotidiano escolar reproduz dispositivos de poder mediante o estabelecimento de normas, e o desenvolvimento de estratégias individuais ou coletivas de transgressão e resistência. Que alternativa você apontaria para trabalhar esse conflito?

R: É trabalhar em conjunto com todos da escola / inclusive com os alunos / em parceria família-escola os alunos vão saber que existem limites ali dentro / como tudo na vida / tudo tem que ter disciplina / gosto muito do Celso Vasconcelos onde fala da orquestra / que seria dela se todos tocassem o que quisessem? / então é mais ou menos isso / e se cada um fizer do

jeito que quer não dá / tem que ter um comum acordo / se o grupo da escola trabalhar em comum acordo o aluno vai enxergar que aquilo é para a vida dele / não é fácil fazer com que eles enxergam isso / é trabalhoso / tem alunos com problemas sociais graves dentro de casa / então dificulta o trabalho dentro da escola / eu tenho alunos que não tem limites em casa / o próprios pais não conseguem... / é o que eu mais escuto... / tenta-se trabalhar em conjunto dentro da escola / para fazer com que o aluno perceba o que é uma escola... / ele está aqui... / preparando para a vida / buscando algo melhor para ele, pensando nele / hoje eu conversei com os professores / os alunos são rápidos / nós temos que ser mais rápidos do que eles... /.

APÊNDICE B

ENTREVISTA 1: Professora - realizada em 03/09/2009.

P: Qual a sua opinião sobre o uso das câmeras dentro das salas de aula?

R: Quando eu entrei lá, na minha contratação não sabia sobre o uso das câmeras / a princípio não percebi nada / após comentários de alguns professores, me perguntei: por que será o uso das câmeras? / segundo os professores é que tinham acontecido roubos durante o intervalo e troca de professores / a outra justificativa é a manutenção da disciplina porque o professor preocupado em dar a sua aula... / havia então uma preocupação em vigiar os alunos / e a intenção seria, se você tivesse dando uma aula, os alunos tivessem fazendo ou tomando alguma atitude indisciplinada / alguém da direção viria até a classe e tiraria aquele aluno e o repreendia / porque teria visto pelas câmeras o que teria acontecido / também havia a preocupação em manter a disciplina na troca de professores / também em situações de prova para ajudar a vigiar os alunos.... / esse tipo de situação / mas o que eu observei no tempo em que estive lá foi: as câmeras eram usadas para vigiar alunos e também professores / comentava-se assim entre os professores: *se você estivesse sentada alguém iria perguntar para você porque estava sentada durante a aula....* / inclusive houve uma época que cogitaram a idéia de tirar a cadeira do professor... / então durante as aulas se eles notassem alguma atitude pedagogicamente incorreta eles poderiam interferir.... / então imaginei que professores novos seriam/deveriam ser muito mais vigiados.... / afinal de contas... / eu me lembro que na segunda semana que eu estava lá... / até então eu não sabia como era o funcionamento das câmeras, a filmagem, etc. / me lembro de uma situação: estava numa sétima série e propus um trabalho em grupo / então os alunos começaram a se organizar / e você sabe / essa organização é um pouco barulhenta / os alunos pegaram as carteiras para levar de um lado para outro... / eu percebi que enquanto eles estavam naquela agitação toda / as janelas são de vidro grande / então eu percebi que no cantinho da cortina veio aparecendo devagarzinho a coordenadora da escola / eu notei ela aparecendo, observando... / os alunos foram se sentando, se organizando e começaram a fazer a atividade / então ela foi embora / o que eu pensei foi o seguinte: ela tinha visto somente uma situação ela não tinha visto que era uma proposta de trabalho em grupo / então um dia em que eu fui até a coordenação, observei que havia um monitor / ele estava dividido em quatro / então havia quatro câmeras que se via ao mesmo tempo / percebi que aquela imagem iam mudando constantemente / se algum momento ela achasse necessário, ela parava em uma delas / eram diversos momentos de diversas aulas / no dia-a-dia era assim / ela fazendo as coisas dela / e o monitor passando flashes das aulas o tempo todo / e se ela visse uma situação que chamasse a atenção ela parava em alguma aula / então o que eu imagino ... na minha situação foi isso o que aconteceu / acho que ela pensou: *vou ver o que está acontecendo...* / alunos com cadeiras na cabeça... arrastando carteiras... / esta foi uma situação que eu vivenciei / depois eu vivenciei uma outra situação relacionada a disciplina de aluno / eu comecei a perceber.... a câmera ficava num canto / ela não era móvel, era fixa / não sei se ainda é / ela tinha uma abrangência, ou seja, tinha um ponto na sala de aula que ela não pegava / um pouco abaixo dela que não pegava / e eu percebi que os alunos sabiam disso... / e se eles quisessem aprontar alguma coisa era naquele ponto que eles iam /.

P: E eles chegaram a fazer alguma coisa na sua aula?

R: Olha, na minha aula eles não chegaram a fazer nada, mas eu percebi que eles sabiam.... e se eles quisessem aprontar alguma coisa é ali que eles iam / mas nunca chegaram a fazer nada de *grave*, que eu saiba / mas quando eles queriam conversar alguma coisa, ficar mais à vontade era ali que eles iam / eu percebia isso / e também percebi que eles queriam usar as câmeras para manipular situações a partir dela criar situações.... / na questão disciplinar eu não acho que o uso das câmeras tenham tido algum valor / porque elas eram um objeto de vigilância para pegar aquele que tivesse aprontando alguma coisa / entre os alunos eu percebi que alguns se sentiam protegidos com a câmera, os mais quietos, os mais tímidos, principalmente na oitava e sétima série existiam alguns alunos que faziam determinados tipos de brincadeiras, então a câmera estando lá, esses alunos se sentiam seguros / mas ... situações indisciplinadas continuavam acontecendo.... situações com a classe toda / mesmo com as câmeras lá / eu não as vi como um grande diferencial para isso / porque não havia um trabalho posterior / se o aluno era pego, era levado para a direção / e aí acontecia o tradicional / ia receber advertência, etc. /.

P: *Você então acha que não havia um trabalho de conscientização em cima disso?*

R: Não. Nunca fiquei sabendo... /.

P: *Então era só vigiar e punir?*

R: Exatamente, vigiar e punir / seria a mesma coisa assim se uma pessoa tivesse visto, o que é feito? leva para a direção, e providências são tomadas: chama os pais, é punido, leva advertência, suspensão, essas coisas assim / não lembro de nenhum trabalho de conscientização / então o uso das câmeras era vendido para os pais como um grande diferencial como: controle da aula para garantir a qualidade porque o coordenador estava sempre de olho no que estava acontecendo nas aulas / controle da disciplina dizendo: “olha, as nossas salas são mais disciplinadas porque tem câmeras seu filho está mais seguro aqui / então não há nenhum perigo, mesmo que entre algum aluno na escola que demonstre perigo, os outros estão protegidos / para os alunos menores mais ainda, pois seu filho está mais protegido aqui / no fundamental 1 e pré-escola, além da professora vigiando o tempo todo, tem as auxiliares que ajudam e além de tudo isso tem ainda as câmeras e a coordenadora que vigia o tempo todo o que acontecesse dentro da sala de aula” / na época falava-se a respeito das câmeras, principalmente da pré-escola serem conectadas a internet para os pais terem acesso a tudo que acontecesse na escola/ falava-se muito disso e queriam implantar, mas eu não sei se foi feito /.

P: *A Rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet Os pais munidos de senha podem vigiar seus filhos e acompanhar as aulas em tempo real. Segundo o depoimento de um pai que não tem tempo de ficar com a filha, as câmeras ajudariam a suprir essa falta, já que pode observar a filha o tempo todo... Qual sua opinião sobre isso?*

R: Que bom para a filha, não? (*em tom de ironia*)

P: *O que você acha da iniciativa da deputada... em adotar o sistema de câmeras em todas as salas de aulas das escolas de educação básica públicas e particulares, com os objetivos de segurança e para que os pais possam participar da educação dos filhos?*

R: É uma distorção total achar que participar da vida escolar do filho é ficar em casa observando e vigiando o tempo todo... / então falava-se na escola que isto seria o grande diferencial ... / então, continuando ... quando eu estava lá em 2006 também outros professores tinham uma certa resistência a elas / não gostavam da existência delas / não se sentiam seguros / sentiam-se vigiados o tempo todo... / havia uma sensação que era mais para vigiar a nós do que qualquer outra coisa... / eu convivia mais com professores do Fund. 2 / numa

reunião que teve um dia, um dos assuntos levantados pelos professores foi o uso das câmeras / o argumento da coordenação de que as câmeras foram implantadas com concordância dos professores / e usou a seguinte frase: “mas quando as câmeras foram implantadas vocês concordaram” / mas a situação ficou confusa / e ninguém entrou em detalhes como foi esse concordata se houve assembleia / se houve votação / acho que foi assim: “vamos instalar câmeras, alguém tem algo contra?” / não sei como foi esse acordo com os professores ... / teve outra situação / uma professora da PUC foi contratada para fazer um aperfeiçoamento pedagógico conosco / tivemos alguns cursos periódicos para tratar de assuntos a respeito de educação.... disciplina / principalmente assuntos relacionados a disciplina / e ela partia muito do nosso dia-a-dia / situações em sala de aula que nós levávamos para ela que eram analisados / e ela lançou propostas para serem feitas análises práticas de salas de aulas mesmo / e houve uma situação que alguns pontos de algumas aulas de alguns professores foram mostrados em uma reunião para discussão / não foi muito confortável /.

P: Mas os professores sabiam que disso antes?

R: Sim, nós sabíamos / foi proposto assim: “o que vocês acham de nós fazermos uma análise de nossas aulas” / e o professores concordaram / foi dito que alguns momentos seriam escolhidos e depois seriam levados para análise / mas ... nenhum professor sabia quem, quando, onde, como e o porquê / sabíamos só que alguns momentos seriam trabalhados na reunião / alguns pontos foram mostrados / dos professores cujas partes de aula foram apresentadas / um deles disse que não tinha conhecimento que era da aula dele aquilo que estava sendo apresentado / foram mostrados outras aulas e solicitado que os professores mostrassem os pontos negativos e positivos das aulas / foi um pouco constrangedor / sabe acho que professor é um pouco melindroso / porque a gente tem que encarar aquilo como aprimoramento profissional / mas no momento que você está ali no seu grupo de trabalho / do seu colega que está ali presente / é uma situação que você tem que ter / acho que o grupo precisa ter uma intimidade / estar muito fortalecido para sabe? / não chegou a pesar totalmente mas não foi uma situação muito agradável / e depois dessa situação mesmo com essa professora da PUC que nós discutíamos sobre disciplina começou a se levantar sobre a existência das câmeras e ela mesmo começou a questionar sobre a existência das mesmas como forma de disciplinamento / não estava havendo uma formação desses alunos em nenhum aspecto / o que a câmera representava? apenas vigilância / apenas um sistema de vigilância, só isso / e depois no final de 2006 essas câmeras começaram a ser desativadas, não mais ligadas / não me lembro mais como foi / começaram alguns comentários / a coordenadora disse que não estava mais ligando o monitor / não estava mais observando / foi falado oficialmente numa reunião de final de ano que as câmeras não iriam mais ser utilizadas / só raramente, em determinadas situações / estava sendo usada no final do ano em uma oitava série / assim seria usado em uma situação específica / com um turma que fosse mais complicada / muda pouca coisa, elas estão aí / e se elas não foram retiradas até hoje é porque tem no ar o seguinte: *um dia posso precisar delas / ela ainda é um instrumento para mim* / na minha opinião como professora / até que seria bom que filmasse a aula, mas para que eu visse e analisasse a minha aula / a aula inteira / até na presença de uma coordenadora para analisar tudo o que acontece / ela é extremamente válida / eu não me sentia totalmente desconfortável em relação as câmeras / a única coisa que eu pensava era: se ela fosse observar / ela que observe tudo / fragmentos de aula é que preocupavam um pouco / fragmentos de aula / acho que as coisas tem que ser vistas no contexto / um fragmento aqui / outro ali / me preocupavam porque poderiam ser mal interpretados / se ela observasse a minha aula inteira, todo os momentos, todas as situações / isso não me causaria desconforto / o problema eram os fragmentos... / em relação aos alunos como medida disciplinar ela não tinha nenhum benefício / adolescente de quinta a oitava série... / eu tinha a impressão de que era mais um limite a ser transposto: *como eu faço para burlar essa câmera* / em alunos dessa faixa etária você sempre

identifica dentro da sala de aula alunos que ficam procurando transpor os limites / desafiar o tempo todo / você sempre vai encontrar alunos assim / eles sempre vão tentar desafiar alguma coisa na escola / para desafiar os limites / pelo fortalecimento deles / geralmente são alunos com características de liderança / eles querem conquistar a liderança no grupo / ele conseguir isso vai ser um forma de se destacar e ser admirado no grupo / ele tenta e quer ver o que acontece depois / eles têm muito aquela expressão assim: *não pegou nada* / quer dizer: *eu consegui fazer e ... beleza* / então as vezes eu percebia que a câmera era algo a mais para desafiar: *eu fiz isso dentro da sala, mesmo com a câmera e não aconteceu nada* / percebi que os alunos tinham a consciência de que não era o tempo todo que eles estavam sendo observados / eles tinham essa consciência... / então a câmera representava mais ou menos isso / uma tentativa de burlar... / em termos de disciplina, em termos de formação / não é a vigilância que vai trazer resultado / coibir somente as atitudes indisciplinadas / não era feito na escola / nunca foi feito um trabalho visando a questão disciplinar / até com o uso das câmeras / porque elas existem / o tempo que eu estive lá nunca foi feito nada a esse respeito / foram feitos com as oitavas séries alguns trabalhos de discussão / mas muito mais como alunos que estavam entrando no Ensino Médio / para a preparação deles / mas em termos de discussão sobre comportamentos, regras, relacionamentos, regras dentro da escola, alguma coisa assim... não era trabalhado / não havia nenhum trabalho direcionado a isso /.

P: Como é feito o controle na portaria? Quando entrei lá passei por três até chegar a direção...

R: É / primeiro você tem que passar pelo porteiro, apertar o interfone e se identificar / após a autorização da entrada, você passa por outro portão, que é liberado pelo porteiro, ao lado das catracas / então você fica presa aí / até receber autorização para passar para lá / e como professor você tem um crachá que tem uma tarja magnética / mas para entrar na escola só o porteiro é quem abre o portão principal / depois você mostra o cartão para ele / só depois passa pela catraca / em seguida para passar pelo outro portão é o porteiro que abre / mas acho que também a gente tinha outro acesso... / na saída é a mesma coisa / detalhe: quando eu trabalhei lá / fora do seu horário da aula / a catraca não libera a sua entrada / para aluno era diferente / para professor não libera / então você entra e tem que falar com o porteiro / justificar sua ida até lá / exemplo: *estou indo falar com a coordenadora* / então ele entra em contato com ela para pode liberar sua entrada / outro exemplo é quando há reunião de pais / no dia estipulado a coordenação avisa o porteiro que vai haver reunião, (fora do horário dos professores) e que os professores tal, tal, tal vão entrar / e aí você chega, cumprimenta, ela já conhece a gente / então ele libera a catraca para a gente entrar / o acesso de professores e funcionários é bem controlado também / de todas as escolas que eu trabalhei essa foi a que eu tive mais sistema de segurança / e isto sempre foi vendido para os pais como um diferencial muito grande / a segurança lá é total... /.

P: É verdade que existe na escola uma pessoa que é mais do que um inspetor?

R: Sim ... existe na escola uma figura que circula pela escola / não sei qual é a função dele / acho que a função oficial é a de inspetor / ele conhece todo mundo e sabe de tudo o que acontece na escola / e ele é os olhos e os ouvidos do mantenedor da escola / ele não é subordinado a ninguém / a não ser o próprio mantenedor da escola /.

P: Isto quer dizer que ele possui uma certa autoridade na escola?

R: Não. Ele não exerce autoridade e nem tem autonomia lá dentro / não pelo seguinte: ele não toma decisão nenhuma, nem faz nada e nem manda fazer nada / mas você tem plena consciência de que ele observa tudo / ele é um vigilante / é uma outra câmera / só que é uma câmera móvel ... (risos) / não toma atitude nenhuma / não decide nada... /.

P: Creio que o dono vê a escola como uma empresa, por isso tem uma pessoa de confiança dele lá dentro... /

R: Existe na escola o bloco da coordenação, secretaria. Fora existe uma varanda que você pode ver a escola inteira / porque você está lá em cima neste bloco central / então tem um bloco aqui, outro ali / por ser um bloco mais alto tinha-se a visão de tudo: das classes, da cantina, os pátios / inclusive como as salas de aula possuem janelas bem grandes, estas salas de aulas voltadas para cá era possível se ter uma visão total daqui pelos vidros / algumas vezes que passei por lá / porque era perto do financeiro / eu iria receber / (*risos*) / notei que era possível enxergar bem dentro das salas de aulas / da sala da diretora via-se a escola inteira / em termos de vigilância / principalmente relacionado a de professores / de todas as escolas que eu trabalhei esta foi a de vigilância mais cerrada / as cadernetas você não leva embora / para você leva-lãs para casa tinha que pedir autorização para diretora / em outras escolas que eu trabalhei / a maioria escolas públicas / os diários de classe ficavam em meu armário / se no final de bimestre você precisar levar as cadernetas para casa era preciso pedir autorização para a diretora / como era neste caso ela autorizava levar os diários para casa / porque tudo isso / porque era um documento / e a partir do momento que ela resolvesse fiscalizar seu diário de classe / ele estava ali a mão dela / na verdade é uma outra forma de controle / eles estavam lá / dá um sentido assim: *quando eu quiser eu vejo* / porque é no diário que você faz a chamada / anota os conteúdos que trabalhou naquele dia / é uma forma de controle porque é possível ver se você anotou presença / marcou os conteúdos / como eu já falei a entrada e saída de professores era com crachá / e também tínhamos que assinar o livro ponto / portanto, se quisessem verificar se algum professor assinou o livro ponto e saiu mais cedo ou não era possível ter acesso a isso /.

P: Havia um controle de entrada e saída dos professores nas salas de aulas? Tem escolas que os bedéis tomam conta disso também....

R: Quanto à entrada e saída de professor das aulas / tinha aquela pessoa que eu falei / ele circulava pela escola e se ele visse alguma turma saindo antes do sinal... / acho que ele usava uniforme de inspetor / e quando dava o sinal / por exemplo, as setes horas / você tinha que sair da sala dos professores alguns minutos antes / porque quando desse o sinal você teria que estar dentro da sala de aula / então a orientação era de que 5 minutos antes você já iria indo para as salas para que você chegasse na classe antes dos alunos / e se os seus alunos saíssem mais cedo você teria que esclarecer a direção porque seus alunos tinham saído antes / e isso era feito diariamente / a não ser em dias de prova os alunos tinham um tempo mínimo para começar a sair da classe /.

P: Os alunos tinham que andar em fila?

R: Não / não era necessário/ mas na escola que eu trabalho atualmente, em Alumínio / os alunos do Fund. 2 até hoje formam filas quando dá o sinal / 5ª A, 5ª B, assim por diante / então é feita uma oração pela diretora/coordenadora ou um professor / depois eles vão saindo turma por turma conforme é chamado / mas assim que se passa nas costas da direção a fila já era / também quando eu dei aula na cooperativa em São Roque de 1ª a 4ª série/ então eu ia na classe buscá-los para irem até a sala de artes / este trajeto tinha que ser feito em fila / era orientação da direção e coordenação que eles fossem em fila / então o que acontecia / eles brigavam muito pelo primeiro lugar na fila / quando eu chegava na classe para busca-los já tinha 4 ou 5 ali guardando lugar então já que eles tinham que andar em fila / eu comecei a fazer rodízio de primeiro lugar / todo mundo tinha o seu dia de primeiro e o seu dia de último lugar / lembrei das filas de desfile de 7 de setembro onde as crianças são enfileiradas dos maiores para os menores / e isso gera um problema... / porque aquela criança que está mais baixa do que a outra não entende que o crescimento não é homogêneo / e que ela também vai estar no tamanho dos outros... /.

P: Você sabe se na educação infantil e fund. 1 as crianças andavam em filas?

R: Não sei porque eu convivía mais com o fund. 2 / a pré-escola como você mesma viu fica lá em cima / o resto fica tudo lá embaixo / é totalmente separada / ninguém tem acesso lá / só as pessoas que trabalhavam lá / isso é para segurança / para que os alunos maiores não tenham contatos com os maiores / como a pré-escola era tão separada assim nós não víamos as crianças /... / eu acho qualquer pai ou mãe que chega nesta escola tem uma sensação de segurança total / segurança total com até o uso das câmeras nas salas de aula / nem por isso a escola pode ser considerada um modelo de disciplina / tinha sim / muitos casos de indisciplina / mesmo com câmeras / atitudes individuais e grupais / como toda a escola tem / principalmente as oitavas séries... /.

P: Também pretendo entrevistar uma mãe de ex-aluno cuja professora foi demitida no intervalo da aula. As crianças souberam do ocorrido e entraram em pânico. Que eu saiba aconteceu mais ou menos assim quero saber se isto tem a ver com a minha pesquisa ...

R: Bom... / um outro fator que acho interessante e que pode ter a ver com essas coisas / o dono desta escola tem uma visão de escola empresa / porque antes da escola ele tinha mesmo uma empresa / e na escola agora tem uma psicóloga de recursos humanos / que quando conversa com os professores usa termos como: empregabilidade, como desenvolver sua empregabilidade / ela exerce um trabalho com alunos / mas não tão grande.... / a função principal dela é na área de recurso humanos / de empresa / então o professor é um funcionário dessa empresa com produtividade / tínhamos palestras no início do ano onde falava-se do produto que nós vendemos... / o produto que nós vendemos qual é? Educação / o produto que ele vende é a educação / ele tem essa visão / pode ser que mudou agora / não sei... / então ele tratava as relações empregado / empresa / tal como tem que ser / uma visão empresarial... /.

APÊNDICE C

ENTREVISTA 1: Inspetor de aluno - realizada em 2/09/2009

P: Qual é sua função na escola?

R: A minha função... / é assim... / olhar na hora da entrada / a gente tem que colocar todos eles aqui dentro do pátio / não pode deixar aluno lá fora / na hora do intervalo / de manhã tem troca de professores / a gente tenta deixar eles dentro da sala de aula / mas é muito difícil / porque uns obedecem / outros não... / olhar para ir ao banheiro / quando alguma criança se machuca / a gente tenta ligar para o pai / a gente dá toda uma assistência para os alunos / quando o aluno é bastante indisciplinado / briga... / essas coisas / a gente dá suspensão / tudo dentro do regimento certinho / a gente trabalha sempre dentro do regimento / nunca fora dele... / a gente atende pai e mãe quando vem / dá assistência para os professores /.

P: Mas quem dá a suspensão para os alunos?

R: A gente pede sempre antes para a diretora / e depois da autorização dela / essa suspensão é dada / mas assim / a gente dá suspensão quando acontece uma coisa muito grave mesmo, entendeu? /.

P: você pode dar alguns exemplos dos casos graves?

R: Ah, briga / agressão física / ou uma falta de respeito muito grande com o professor... / coisas assim / porque se a gente não dá é pior / os alunos falam assim: *não aconteceu nada... / não levei suspensão / não levei advertência / então vou continuar fazendo* / então quando a gente começou a dar advertência / suspensão / as coisas começaram a funcionar / dá a gente liga e comunica o pai... / o seu filho ta levando advertência /.

P: Como funciona o caderno de advertências?

R: Todas as advertências internas a gente marca no caderno / quando tem um problema dentro da sala de aula a gente leva para o professor está registrando tudo / a gente registra tudo / porque aluno tem mania de chegar em casa e dizer tudo ao contrário do que acontece na escola / então a gente deixa tudo registrado / porque quando o pai vir para a escola / e quiser saber tudo o que aconteceu / a gente deixa tudo registrado... /.

P: E quem assina este livro?

R: A diretora assina / o aluno assina / e a professora também assina / quando for dentro da sala de aula / e quando é fora a gente registra o que aconteceu / e eles assinam / a gente faz isso de 5ª à 8ª quanto de 1ª à 4ª / de primeira a quarta a gente trabalha no mesmo sistema /.

P: Qual é a maior dificuldade na função de vocês?

R: (*silêncio...*) / é a gente querer educar uma coisa que já tem que vir da casa / é... / essa é a parte pior / você quer tentar arrumar as crianças... / mas não dá / não tem como você... / você quer ser amigo deles / mas eles querem do jeito deles / do jeito que vem da casa, sabe? / é... / é educação mesmo / e muitos pais passam a mão na cabeça das crianças / por mais que a criança seja terrível / para o pai ela não é / o filho sempre é o certo / os demais que não / então fica complicado / tem pais que não trabalham junto com a gente / até teve um pai que comentou / que deveria ter um ensinamento para os pais / depois para os alunos / porque tem

pai que não é pai / principalmente na parte de higiene / na parte da tarde / é bem precária mesmo /.

P: Como é feito o acompanhamento com os professores?

R: Quando o professor precisa ir ao banheiro / tomar algum remédio / atender um pai de aluno que vem para conversar / e eles pedem para a gente tá ficando na sala /.

P: O que é disciplina para você?

R: Para mim disciplina é o comportamento deles / diante dos professores / nós inspetores / e dos demais funcionários / de educação mesmo... /.

P: O que vocês acham do uso de câmeras dentro das salas de aula?

R: Olha, no meu ponto de vista seria bom / é como eu já te falei / tem aluno que chega em casa e conta tudo diferente do que está acontecendo na escola / então nesse ponto seria legal / seria interessante, entendeu? / os pais vão muito do que a criança fala... /.

P: Você acha que facilitaria o trabalho de vocês?

R: Acredito que sim / porque olha... / assim... / a falta de educação está tremenda / apesar que eu não tenho problemas / não tenho problema nenhum com falta de educação... / para me tirar do sério... olha / demora... / eu gosto mais de conversar com os alunos / principalmente os alunos da tarde / eles trazem muitos problemas da casa para a escola, entendeu? / e eu me envolvo muito com isso /.

P: Você poderia dar um exemplo de uma atitude que surte efeito e outra que não dá resultado nenhum no seu trabalho?

R: Ah, ... / conversa com pai de aluno... / acho que não funciona... /.

P: Por quê?

R: Por quê? / outro dia veio uma mãe aqui para conversar / e começou a alisar o cabelo do menino dizendo: *filho por que você fez isso?* / então deu a entender que eu estava sendo a mentirosa na historia, entendeu? / e o filho... / e hoje ele faz as mesmas coisas que ele fazia quando eu chamei a mãe aqui pra conversar... / agora / com advertência / suspensão dependendo do caso / funciona mais... /.

ENTREVISTA 2: Inspetor de aluno - realizada em 0/10/2009.

P: Quais são as normas de segurança da escola?

R: Tem as portarias / os alunos passam pela catraca / se eles esquecerem o cartão / descem até a coordenação e pedem uma autorização / eles não ficam sem ter aula por causa disso / as câmeras auxiliam muito também... /.

P: O que você acha do uso de câmeras dentro das salas de aula?

R: Acho que ajuda na segurança... / ajuda o professor... / mas os nossos alunos aqui são calmos... /.

P: As imagens são gravadas?

R: Sim / tem um monitor na sala da coordenação / mas não sou eu que faço isso... /.

P: Por quanto tempo as imagens ficam gravadas?

R: Acho que é por uns trinta dias... / eu não tomo conta dessa parte / fica na coordenação /.

P: Qual é sua função na escola?

R: Eu cuido da segurança da escola / estou sempre circulando por toda a escola / nos intervalos / na troca de professores / olhando tudo / é uma ação assim... / preventiva mesmo / tenho que prever o que pode acontecer e tentar evitar que aconteça alguma coisa / olho tudo... / eu dou uma assistência na portaria também /.

P: E para quem você dá o respaldo do seu trabalho?

R: É direto para a administração /.

P: Quantos inspetores têm na escola?

R: Uns seis ou sete /.

P: O que significa disciplina para você?

R: (*pensa bastante antes de responder*) é comportamento adequado, certo, não só na escola / mas em todos os lugares /.

P: O que significa vigilância para você?

R: Ah, é estar atento a tudo / prevenir que algo errado aconteça /.

P: Você poderia dar um exemplo de uma atitude que surte efeito e outra que não dá resultado no seu trabalho?

R: O que surte efeito: diálogo / quando converso com os alunos / conheço os problemas... / e o que não dá efeito: violência /.

P: A Rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet. Os pais munidos de senha podem vigiar seus filhos e acompanhar as aulas em tempo real. Qual sua opinião sobre isso?

R: Nossa! / acho que é uma invasão / não precisa usar isso / fica tudo exposto / é perigoso estar na internet para todo mundo ficar olhando... / 24 horas / na sala de aula com as câmeras é diferente / só a coordenação fica com as imagens / e vai usar se algum dia precisar... / mas... / na internet... /.

APÊNDICE D

ENTREVISTA 1: Aluno - realizada em 05/10/2009.

P: Que recursos de segurança a sua escola utiliza?

R: A escola é dividida em blocos / e em cada bloco tem uma inspetora / e no pátio ficam dois ou três, não me lembro / e assim... / a escola tem cerca elétrica (risos) / nos lugares mais perigosos /.

P: Que lugares perigosos são esses?

R: Não é perigoso.... é modo de dizer / é que tem um terreno lá do lado / do lado de trás tem um condomínio / do outro lado tem outro condomínio / não sei se cabe aí dentro mas.../ em 2005 pegou fogo em um dos terrenos lá / e assim... / no ensino fundamental 1 / com as criancinhas / assim.... / eles não saem da classe quando acaba a aula / os pais tem que pegar eles na fila de carro / e tem também de primeira a quarta série eles também não podem sair da classe / o pai quando está chegando / eles anunciam pelo radinho e eles levam até o carro / e se tiver irmão mais velho / pode vir até a classe para pegar /.

P: E sobre a entrada e saída na escola... se você quiser levar um amigo pode?

R: Então pode entrar parece... / aluno antigo que vai visitar quem está lá / alguns entram e ficam até a catraca / ficam esperando lá / uma vez um ex-namorado de uma amiga minha / uma vez ele entrou lá / ele entrou / ela estava jogando basquete / ele entrou / viu ela jogando / e quando terminou o jogo eles saíram / mas.... / eu não acho que deixam assim... entrar... /.

P: O que os alunos usam na entrada? É leitura digital?

R: É a catraca mesmo / lá não tem chamada / a gente usa o cartão / e se a gente esqueceu tem que ir até a coordenação e escrever seu nome / se não fizer isso, fica com falta /.

P: Em nome da segurança existe nas escolas hoje um sistema de controle: grade, arame farpado, bedéis, inspetores de alunos, câmeras, catracas, a leitura digital, etc. Como você vê esse sistema dentro da sua escola?

R: Ah, está certo... / assim tipo... / não sei se tem alguma coisa que é exagerado / mas o que tem está fazendo direitinho.... tipo... / só a câmera que eu acho que não é tão necessário porque eu lembro... / tipo quando eu entre na escola foi comprado câmera para deixar em cada sala / mas eu não lembro se ficava filmando mesmo.... tipo / quando eu ia na coordenação estava filmando mas.. / mas eu não sei se ainda filmam / tipo / na minha sala agora não tem mais a câmera / mas antes tinha / eu mudei de classe / na outra tinha /.

P: Alguns destes mecanismos de controle incomoda você?

R: Ah, não sei... porque assim tipo... / ah, em parte está certo.... porque o professor está vendo / porque ele está na lousa escrevendo / não vai ver o que está acontecendo / mas nem sempre está certo tipo / ano passado / estava eu, minhas amigas e mais um povinho rindo / ele estava escrevendo / quando o professor virou ele me mandou pra fora / só eu assim.... / ele falou que eu era mais escandalosa / mas eu não sou a mais escandalosa... (risos) / daí eu não sei se a câmera estava ligada ou não / mas eu poderia usar isso como defesa / eu fui mandada para fora tipo: *olha aí, então você vê quem está certo* /.

P: Então qual é função das câmeras em sala de aula? Quais as vantagens e desvantagens?

R: Eu acho que é para vigiar aluno / para ver o que está fazendo mesmo / o que aconteceu comigo que eu te contei / a minha amiga estava falando / eu ouvi o que ela estava falando / e só eu levei / aquele professor é muito chato mesmo / aquela menina odeia ele / e ela fazia de tudo para que mandasse ela para fora / e daí ela estava o maior falando e ele não mandava ela para fora / para ver outras coisas que estavam erradas também.../ assim... / não tem desvantagem, sabe? / mas não é tão necessário, sabe? / quando eu entrei falaram que tinha câmera nos banheiros / eu não acreditei / mas agora não tem / falaram que tiraram porque os alunos estavam fazendo zueira / tirando a roupa na frente da câmera para mostrar, não sei /.

P: É também para vigiar professor?

R: Não. acho que é para vigiar aluno assim.../ porque é aquela coisa / a gente seleciona o professor que vão dar aula nesta escola / eles tem a nossa confiança / ele não pode fazer algo que vá contra eu coordenadora ou eu dono da escola / porque eu assim.../ já fui falar com a coordenadora para reclamar de professor / e ela falou: a gente selecionou um bom professor / bom a ponto de dar aula para vocês / .

P: Quais são as normas disciplinares da escola?

R: A gente pode chegar até oito e vinte que é a segunda aula / não pode ir sem o uniforme / tipo hoje eu fui com essa camiseta / mas eu já tinha ido sem camiseta da escola / sem nenhum papel / sem nada avisando / aí eles me deram um papel para eu entregar para minha mãe para avisar ela / como hoje eu estava sem a minha mãe escreveu um bilhetinho / aí eu mostrei para eles / e se tipo o aluno for duas vezes sem a camiseta da escola e se não tiver bilhete nem nada / eles ligam tipo para os pais levarem a camiseta da escola / se não conseguir falar com o pai não entra eu acho / isso nunca aconteceu comigo / teve uma amiga que ela assistiu a aula / mas uma vez teve um menino eu lembro ele ficou fora da sala / eu não sei se ele não sabia direito ou não podia entrar mesmo / e também só pode ir com a bermuda da escola / só está liberado a calça jeans, mais nada /.

P: Você acha que dá para burlar as regras da sua escola? Como?

R: Assim... / matar aula não tem mais como porque aparece o horário / por causa do cartão / bom, matar aula não tem como / e se precisar sair antes tem que ter autorização dos pais / aí... não tem como fazer (pensativa) / e as câmeras / como eu já disse não sei se eles gravavam mesmo / sabe no condomínio que mostra a portaria, a garagem, acho que é assim lá / eu me lembro quando eu estava na quarta série a gente ficava ligando / passando trote, sabe? / e quando acabava as aulas / deixavam os alunos lá dentro / eles sentavam perto da câmera / tinha um celular / vamos passar trote / e ficavam embaixo da câmera / não sei se não pegava ou se era porque pegava mesmo / mas ia um monte de gente lá / mas ninguém percebia / a monitora nunca brigava com a gente / ela não percebia / só quando alguém ia reclamar mesmo /.

P: Como é a atuação dos bedéis e inspetores na sua escola?

R: Quando fica muita “zueira” / e chega os professores de outras classes / ela vai chamar a atenção / e quando ela vê um aluno sem uniforme tem que avisar / passar um rádio para a coordenação / e quando o aluno é mandado para fora / tem que avisar a inspetora / e ela avisa a coordenação / que está subindo alguém e se ele não chega em 5 minutos passa o radinho para outro inspetor...tipo cadê o aluno.../ e... alguns ficam andando e outros só no bloco mesmo / e tem uns que ficam no pátio / e uns... / não sei se entra aí mas... /.

P: É usado o livro de ocorrências na escola?

R: Ah, na minha escola tem um arquivo mesmo do lado da sala da coordenadora / tem um armarinho é dividido por gavetas / está cheio de pastas / tem de todas as classes / daí tem um papel assim... / que quando você é mandado para fora / o professor escreve o que aconteceu / daí o aluno lê o que o professor escreveu / por exemplo: *o aluno foi mandado para fora porque deu um grito* / aí o aluno escreve: *dei um grito porque alguém me mordeu*, assim... / sei lá / aí todo mundo assina / daí vai para o arquivo dele / e o arquivo está cheio de coisas tipo... / entrada atrasada, prova / tipo assim... / tem tudo /.

P: A Rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet Os pais munidos de senha podem vigiar seus filhos e acompanhar as aulas em tempo real. Qual sua opinião sobre isso?

R: É meio que desnecessário / mas é bom para o pai saber como é a aula / a educação que o seu filho está recebendo / e como que o professor é... / tipo / quando eu fui mandada para fora eu falei para minha mãe / mas a maioria dos pais escuta o professor / porque para ele ter feito isso tem que ter o porquê / então seria bom para ver como o professor é dentro da sala /.

P: Então esse é o lado bom. Qual é o lado ruim?

R: (risos) Ah, quando a gente fica conversando / daí o pai iria falar: *você estava conversando na aula, eu vi!* / quando a gente fica olhando para fora e não presta atenção no professor / acho que iria tipo tirar um pouco a liberdade, sabe? / quando a gente tinha câmera na sala / a gente ficava brincando que era o “big brother” da gente da sala /.

P: O que significa disciplina para você?

R: É a educação dentro da ordem, sabe? / seguir as regras / tipo / é isso... / não sei explicar / é a educação dentro da ordem / faça isso, isso e aquilo / daí você obedece / se não obedecer... / é isso /.

P: Eu queria perguntar de novo: Tem alguma regra na escola que te incomoda? Sufoca você?

R: Ah, é o uniforme mesmo / tipo / quando está lavando não dá para ir / mas não pode usar outro agasalho / tem que usar o da escola / aí você comprou um novo super lindo / aí você quer mostrar / você leva, mas não vai poder usar / eles são muito fechados sobre isso / eles só abrem com um bilhete da mãe ou do pai /.

ENTREVISTA 2: Aluno - realizada em 07/10/2009

P: Que recursos de segurança a sua escola utiliza?

Tem bastantes monitores / praticamente na escola inteira / quando termina a aula tem sempre um alguém orientando / esperando lá onde entram os carros / me deixava ver o que mais... / tem câmeras dentro da sala de aula /.

P: E para que servem as câmeras?

É para... / assim... / como eu posso dizer... / é para segurança mesmo... / então... acho que é só isso mesmo /.

P: Em nome da segurança existe nas escolas hoje um sistema de controle: grade, arame farpado, bedéis, inspetores de alunos, câmeras, catracas, a leitura digital, etc. Como você vê esse sistema dentro da sua escola?

Acho que é eficiente sim... / no muro da escola tem cerca elétrica / arame farpado para evitar que alguém de fora entre / tem escola que tem leitura digital / a minha é com cartão / para

sabe que o aluno está na escola / os inspetores estão alerta para qualquer coisa / estão sempre ajudando... / e também tem as câmeras /.

P: *Quais são as normas disciplinares da escola?*

R: O certo é você ir para a escola / prestar atenção as aulas / não pode brincar na aula / conversar na aula / ficar passando bilhete / ficar desenhando... / tem que prestar atenção na aula / na hora do recreio / você tem que tomar o seu lanche e tal... / não pode ficar de brincadeira de empurra/empurra / de briguinhas / pode correr sim / mas tem inspetor que fala para não correr / não sei o quê... / na outra escola que eu estudava tinha fila / a gente ficava brincando lá embaixo e quando dava o sinal / a gente subia/ ia para o corredor que tinha lá / e fazia as filas / era por série / depois todos iam com seu professor para a classe / cada fila por vez / nesta escola não é tanto / cada um sabe a sua sala / sabe o seu horário / lá era assim... / por uma questão de segurança mesmo... / para evitar que um aluno saia / que evite que o aluno chegue atrasado... / mas eu acho que não precisa / não tem que estar “em cima” o tempo todo... / o aluno tem que ter sua responsabilidade / e vir para a classe no devido horário... / o uniforme também... / a escola é muito exigente / a única exceção é que você pode usar o jeans / calça jeans pode / a blusa tem que ser do colégio / se eu quiser usar outra blusa tem que ser por baixo / mas a escola não precisava ser tão rígida / se você chegar sem uniforme tem que falar com a coordenadora / e ligam para os pais /.

P: *Você acha que dá para burlar as regras da sua escola? Como?*

R: Ah, tem alunos que fazem gracinha / desenham / jogam aviãozinho / conversam no meio da aula / aí os professores brigam / mandam para direção / mas tem alguns alunos assim... / que não param / toda aula estão lá fazendo graça / agora em relação ao cartão... / tem gente que na saída não passam cartão / tem que passar o cartão para saber / o aluno saiu do colégio tal hora, entendeu? / e quando você esquece o cartão / tem que ir até a coordenação para marcar o seu nome / como se você tivesse passado / tem gente que esquece o cartão e vai direto para a sala / não quer nem saber... / mas o professor também faz a chamada na classe / mas o cartão não é só para chamada / no começo não tinha chamada / os alunos começaram a esquecer / não passava na direção / aí resolveram fazer chamada e passar o cartão também... / o cartão é mais um acréscimo / uma segurança... / o que mais... / tem algumas aulas especiais no meu colégio / tem uma que é chamada Orientação Educacional / é uma quarta sim e uma não... / tem a sétima A e a sétima B / é para as oitavas também / a coordenadora que dá essas aulas /.

P: *Qual é a função desta matéria?*

R: É assim... / tem assembleia dos alunos / com algumas articulações / é para interagir com os alunos / é como fala o nome / orientação educacional / é orientar os alunos a não brincar / e se os alunos tem algum problema / ou não está gostando de alguma coisa / se tem alguma reclamação da escola / ah, tem brincadeiras para interagir com os alunos também / quando tem preconceito / tentam unir os alunos para formar uma equipe / então muitos alunos matam essa aula porque eles acham que é muita brincadeira / aula de Artes / Educação física / é muita brincadeira / mas eu gosto dessas aulas / mas tem muita gente que pega e vai embora / acho que os inspetores deveriam ter os horários das aulas com eles / apesar que nas outras aulas / eu já vi inspetor mandando aluno de volta para classe / mas essa aula os alunos vão embora direto / eles falam para a mãe que hoje não teve / vão embora a pé / moram perto e tal... /.

P: *Qual a sua opinião sobre o uso das câmeras em sala de aula? Quais as vantagens e desvantagens?*

A vantagem é que você pode ver qualquer coisa que esteja errado / alguma coisa que um aluno fez... / as vezes o professor vira / aí não tem como saber... / os inspetores ficam sempre

andando / mas eles não vão ficar toda hora naquela sala para ver... / e as desvantagens... / deixa eu ver... / não sei se posso falar uma desvantagem que possa ter com a câmera / em todas as salas de aula tem câmeras / mas tem gente assim que fala que elas não funcionam / mas teve um dia que eu fui na sala da direção / eu queria ver sobre um trabalho... / tinha lá uma televisão / eu não cheguei a perguntar / mas eu acredito que seja a câmera sim / e estava mostrando uma sala de aula / só uma que eu vi... /

P: você acha que o uso das câmeras inibe as pessoas?

R: Acho que inibe um pouco sim... / apesar que esse negócio de achar que não funciona / quase ninguém liga / mas eu acho que inibe um pouco / sei lá / para aqueles que acreditam inibe sim /

P: Alguns desses mecanismos de controle incomoda você?

R: Não... / o meu colégio é bem aberto assim... / apesar que tem as catracas / tem que passar o cartão na entrada e saída / tem bastante inspetores olhando e tal... / mas eu acredito que é correto / não vejo nenhum... / mas também depende dos inspetores que falam errado... / na minha escola mesmo / comentam coisas que os alunos não fizeram / e já aconteceu comigo de falarem coisas que eu não tinha feito / acho que os inspetores tem que ter bastante contato com os alunos / interagir com eles e tal... / então eu fui punido / eles afirmaram uma coisa que eu não tinha feito / eu e um colega fomos até a coordenação para dar queixa / daí eles foram falar com o inspetor e tal... / mas a maioria dos inspetores é bem chegado com os alunos /

P: Como é a atuação dos bedéis e inspetores na sua escola?

R: Na minha escola tem vários blocos / cada bloco tem quatro salas / cada bloco tem um inspetor rodeando ele / sempre olhando / eles vão até a classe quando tem um recado da coordenação / e se estiver precisando de giz eles vão buscar / como a escola é muito grande tem bastante inspetores / no pátio / na quadra / eles estão sempre olhando / andando / eles vigiam bem a escola / eles estão sempre com o radinho para comunicação um com o outro e com a coordenação / no caso da gripe eles estavam sempre com o álcool gel na mão se alguém precisasse / então a atuação deles é boa / apesar que tem aqueles que eu falei / que não se dão bem com os alunos mas... /

8 - É usado o livro de ocorrências na escola?

R: Já ouvi falar / o aluno faz alguma coisa / é encaminhado à coordenação / tem que assinar o livro / na escola... / que eu estudei antes era conhecido como Livro Negro / se o aluno riscasse a cadeira, por exemplo / ia até a coordenação e assinava o livro / e se fosse um pouco mais ... / dependendo do que o aluno fizesse / além de assinar o livro levava advertência oral ou escrita / levava a cartinha / agora se o aluno tiver três suspensões / ou se tiver acontecido uma coisa muito forte / já vai para a suspensão / e depois de quatro suspensões eu acho / o aluno pode ser expulso / dependendo da situação / e na minha escola agora / você é mandado para a direção / eu não sei muito / deixa eu ver / tem um livro / não sei se é o Livro Negro mas você tem que assinar / tem que assinar uma advertência e levar para os pais assinarem também / e tem que trazer assinado / tem um prazo de dois ou três dias / e se não trouxer eles mandam e-mail / telefonam para os pais / até que eles fiquem cientes do que o aluno fez / e tem um livro do próprio professor e do coordenador também / tal aluno dia tal fez tal coisa / e no final o aluno assina / também o aluno está sujeito a suspensão / mas é um pouco depois / o aluno tem mais advertências / umas cinco eu acho / depois começa a levar suspensão / tem os dias úteis e os dias não úteis / tem de um, dois, três dias até uma semana /

9 - A Rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet Os pais munidos de senha podem vigiar seus filhos e

acompanhar as aulas em tempo real. Qual sua opinião sobre isso?

R: A vantagem é que o aluno souber que o pai está olhando / até outros pais / ele vai ficar mais quietinho / vai fazer menos bagunça... / ele não vai deixar de fazer bagunça / vai fazer menos bagunça / a desvantagem é que o aluno vai ficar sob pressão / vai deixar até de prestar atenção na aula / é estranho... / e também para uma escola fazer isso / tem que ser uma escola muito... / ah, deve ter muito problema com aluno para fazer uma coisa dessas / acho que na maioria das escolas não tem necessidade disso / deve ter escolas que precisam... não sei / escolas que tem problemas com uso de drogas / tem até casos com violência contra o professor e alunos também / até seria certo colocar câmeras / mas numa escola normas que tem um caso de advertência / um ou outro só de suspensão / eu acredito que não é necessário /

P: O que é disciplina para você?

R: Tem várias definições / ética / disciplina e ética são sinônimos para mim / disciplina é você seguir as regras de um determinado lugar / na escola você tem que seguir as regras da escola / na escola você não pode sair da linha da escola / em casa é a mesma coisa / é seguir as regras do ambiente onde você está / no colégio não pode fazer tal coisa, tal coisa / tem coisas que é de seu direito / vai tudo bem / tem coisas que você não deve fazer porque é errado / e não é só para escola / é para qualquer lugar / condomínio / sempre tem regras /.

APÊNDICE E

ENTREVISTA 1: Mãe - realizada em 12/09/2009.

P: Quais são os recursos de segurança que a escola oferece?

R: Acho que a portaria é bem segura / entrada e saída das crianças também /.

P: Qual o recurso de segurança mais funcional usado pela escola?

R: Acho que é a entrada de carro para pegar os alunos. Eu chego até a portaria, anuncio o nome dos meus filhos / subo com o carro e eles já estão me esperando lá /.

P: Que mecanismos de disciplina a escola utiliza?

R: Para disciplinar os alunos / realmente não sei quais os mecanismos usados por eles até hoje / para tratar alunos com problemas de disciplina não sei... / lembrei quando meu filho contou todos os dias iam 3 ou 4 alunos para a diretoria com problemas de indisciplina / e... quando voltavam / estavam sempre sorrindo, cantarolando, comendo um biscoito ou bala ... / aí eu não entendi... / não é que eu queira que punam os alunos com “cascudos” / não é isso / então um dia questionei isso numa reunião / foi me passado que a escola tem uma nova coordenadora que veio do... / e está trabalhando com os alunos de uma maneira diferenciada / uma nova proposta... construtivista eu acho / não sei se é por aí / mas nada se resolvia lá / ah, o pior... / teve até um aluno / sobrinho do dono / que levou um canivete para a escola / e ameaçou um colega durante o recreio... / olha que horror... / só sei que deu um rolo danado / e no final tentaram esconder / abafar a situação / mas por fim... / decidi tirar os meus filho daquela escola /.

P: Qual a sua opinião sobre o uso das câmeras em sala de aula? Quais as vantagens e desvantagens?

R: Não comentavam muito sobre isso, frisado isso sabe? / vantagens? / não sei. Mas na classe do meu filho, terceira série, havia muitos problemas de disciplina./ houve até um dia em que a professora mandou a aluna calar a boca / chegando em casa o meu filho contou o que tinha acontecido / fiquei furiosa com isso / então propus uma reunião / na reunião a professora disse que falou pra aluna: fique quieta! / aí ficou o dito pelo não dito / tinha também um mãe que seu filho estava dando muito trabalho de indisciplina / tudo que acontecia era o João / era verdade que o menino era uma “tranqueira”, mas não foi feito nenhum trabalho com ele / pelo contrário, a professora e coordenadora o discriminavam / acho que é porque ele era filho adotivo... / quando as crianças descobriram isso/ começara a chamar de “verme”... /.

P: Você pode me falar sobre um momento em que a câmera foi utilizada para disciplinar ou vigiar os alunos?

R: Em uma das reuniões a mãe do João pediu para ver as imagens que eram gravadas durante as aulas / havia tanta reclamação do filho dela que ela queria saber como era seu comportamento / mas a coordenadora disse que não podia mostrar / era um material privativo / a mãe então questionou o porquê das câmeras em sala de aula / a coordenadora disse que era para controle deles /.

P: Como você vê a atuação dos inspetores de alunos na escola?

R: Acho que a atuação deles não era eficiente / podia ser melhor / quando ia buscar meu filho mais tarde por causa do futebol / os alunos da noite já começavam a chegar e se misturavam com os menores e não havia ninguém para olhar /.

P: A rede de escolas Sabará do Rio de Janeiro possuem o monitoramento de câmeras 24 horas pela internet, e os pais podem acompanhar as aulas dos filhos em tempo real. O que você acha desse procedimento?

R: Acho desnecessário / se confio na escola, por que vou precisar olhar o meu filho o tempo todo? / faço a minha parte em casa / na escola tem pessoas responsáveis para cuidar também /.

ENTREVISTA 2: Mãe - realizada em 16/09/2009.***P: Quais são os recursos de segurança que a escola oferece?***

R: Nada! Nenhum! Digo isso porque você não imagina o que aconteceu comigo um dia... / sempre sou eu que pego o Pedro na escola / mas teve um dia que eu tive um atendimento bem naquele horário / meu marido estava para São Paulo / então resolvi pedir para minha vizinha este favor / então eu disse / fulana será que dá para você pegar o Pedro para mim? e expliquei o motivo... / nisso eu tento ligar para a escola / quem disse que eu consigo / bom, eu não consegui avisar a escola / eles não vão liberar o Pedro / e agora o que eu faço? Resolvi pedir para minha colega de classe, a fono. que divide a sala ao lado / escrevi um rápido bilhete para a escola e ela saiu... / e não é que ela encontra a minha vizinha e o Pedro entrando no prédio? Eles liberaram o Pedro para sair com uma pessoa que disse que era a minha vizinha / e aí? / quando perguntei a ela o que tinha acontecido/ ela explicou que era minha amiga e que tinha vindo buscar o Pedro / e eles perguntaram: qual Pedro? / é porque na classe tinha três Pedros... / então... / ela não sabia ou não lembrava o meu sobrenome / o que fizeram? / chamaram os três Pedros na porta e perguntaram a ela: qual deles você veio buscar? / aí o meu filho já veio e abraçou ela... / ele é uma criança muito carinhosa, sabe?... / aconteceu que fiquei furiosa com a escola / liguei lá e falei: como é que vocês fazem isso? Disseram que foi erro do porteiro / não quero nem saber / vocês é que tem que fazer o treinamento com ele / a responsabilidade é da diretoria! /

P: E você chegou a falar com a diretora a respeito?

R: Sim! Mas sabe? A Maria é muito inexperiente / ela é nova e mimada / não entende nada de educação... / (pausa e respira fundo) desculpe, mas acho que é um desabafo.../ na verdade é isso mesmo / ela era funcionária da escola e casou com o dono / e agora é a dona da escola... / mas é diferente... / desculpe se estou falando muito... /

P: Que Mecanismos disciplinadores a escola utiliza?

R: Está tudo ligado aí, né?/ eles não encontraram uma forma de tratar o problema da indisciplina... / e na classe do meu filho havia inúmeros problemas... / vou te contar um problema muito grave que aconteceu na classe do Pedro / grave mesmo, sabe? / eu quase enlouqueci... / então, tinha um menino na classe que era terrível / aprontava todas / era sobrinho do dono da escola.../ aí um dia meu filho foi ameaçado por ele / ele usou um canivete para ameaçar meu filho na hora do intervalo / até então eu não sabia de nada / naquele dia Pedro chegou em casa / começou a ter febre / mas não parecia gripe / nem nada / resolvi levá-lo ao pediatra dele / o médico examinou ele / depois pediu que eu saísse um pouco da sala porque ele queria conversar a sós com meu filho / só então contou ele contou para o Dr. Paulo que tinha sido ameaçado na escola por um colega.../ disse que ele apontou o

canivete e ficou olhando com cara de bravo / e disse também que se ele contasse para alguém aquilo / iria pagar depois... / aí foi um sufoco / falei com a coordenadora / a criança foi chamada para conversar... / os pais dela também.../ mas no fim ficou por isso mesmo / a diretora quis que o acontecido ficasse por isso mesmo... / é parente, né?/

P: Qual a sua opinião sobre o uso das câmeras em sala de aula? Quais as vantagens e desvantagens?

R: Para mim, na educação tudo o que for para melhorar é bem vindo / lá na escola no começo eu nem sabia das câmeras / bom... não acho / por exemplo / que filmar as aulas tira a privacidade de ninguém / a sala de aula não é um lugar privativo / é um lugar público / acho que privacidade a gente tem em casa / no seu quarto você pode subir pelas paredes... / na escola é diferente.../ ela não tem nada para esconder /

P: Como você vê a atuação dos inspetores de alunos na escola?

R: Acho muito precária / os alunos ficam muito misturados lá / por exemplo / tem os alunos maiores que estudam de manhã / e ficam na escola a tarde porque tem aula extra / ou para estudar / sei lá... / um dia eles estavam no banheiro dos meninos cobrando pedágio... / as crianças tinham 1 real para usar o banheiro... / e ninguém via isso sabe? /

P: A Rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet. Qual sua opinião sobre isso?

R: Como eu já disse antes / tudo o que for para melhorar a segurança dos alunos é bem vindo / neste caso se a escola explicar o porquê / deixar bem claros os objetivos não vejo nenhum problema / até porquê a escola não tem nada a esconder / mas eu particularmente não iria ficar assistindo as aulas o tempo todo / mas só de saber que está ali / e se eu quiser posso olhar... / seria bom /.

APÊNDICE F

ENTREVISTA COM O GRUPO FOCAL - realizada em 29/09/2009.

C: *O que vocês entendem por disciplina?*

P1: Eu penso que disciplina é uma participação geral / não seria uma.../ disciplina trata do silencio / de um grupo muito sério / nossa, tem que ser como um robô / disciplina parte / a partir de um momento que haja uma motivação, um interesse / a partir de uma atividade em conjunto ou individual, mas que haja interesse do aluno / através disso se disciplina a sala de aula / através do interesse, da motivação / não você deixar muito a vontade ou impor, tem que ser daquele jeito / a disciplina seria uma participação, não somente uma obediência /.

P2: Disciplina... / engraçado... / foi uma coisa que eu nunca pensei / eu sempre penso... / a minha preocupação é com a indisciplina e não com a disciplina... /.

P1: Mas a disciplina se você pensar de uma forma tradicional, geral / disciplina é... / você bateu palmas e tudo mundo fica quieto / e não... para mim a disciplina é um envolvimento que você faz, não é? eu vejo assim... /.

P2: Tanto é que o aluno que não consegue acompanhar... /.

P1: Aí é difícil, aí é onde acontece a indisciplina / aí ele não tem interesse /.

P2: (...) ele dá problema na escola / quando o aluno não consegue participar, acompanhar a aula / quando não há entrosamento com o grupo / aí vem o comportamento inadequado que é a indisciplina... /.

P3: Você falou de disciplina / esse termo que você usou é no sentido de comportamento ou de matéria?

C: *Eu deixei em aberto porque é um termo genérico, para eu não direcionar as respostas.../ mas é no sentido de comportamento mesmo / eu estou pesquisando as normas de disciplinamento, vigilância nas escolas... / então a próxima pergunta é: o que significa disciplinar o aluno?*

P1: Nossa, assim...

P2: É colocar limites... /.

P3: É como elas já comentaram antes... / um trabalho em grupo certamente gera conversas até porque faz parte do aprendizado / então mas se eles souberem trabalhar em grupo, fazer pesquisa / respeitar a idéia do outro / então esse barulho não é uma indisciplina /.

P1: É isso o que eu queria dizer... /.

P2: Faz parte do trabalho deles, da organização deles, de trocar idéias / para alguns disciplina é todo mundo ficar quietinho, sentadinho / para outros não... /.

P1: Depende da regra que você coloca, né?

P3: Por causa da gripe suína não estamos fazendo muito trabalho em grupo / gosto muito de trabalhar em grupo na minha sala, mas eles já sabem se organizar / como fazer / gera conversa? com certeza / mas não está havendo indisciplina / meus alunos gostam muito de gritar / até as pessoas ouvem aqui embaixo / quando eles acertam / e a gente vai oficializar e tal / e alguém ouvindo isso vai achar que é bagunça, mas não é / eles estão felizes porque acertaram e estão felizes / é espontâneo / e para mim não é indisciplina / eu sou até bem rígida nisso / mas não é indisciplina / eles acertam e ficam felizes / e uma classe monótona não quer dizer que é uma classe disciplinada / apesar que tem aqueles dias em que a gente quer que a

classe fica bem quietinha, todo mundo tem esse dia, sabe? / e a gente sabe que não é assim, tem que conversar, trocar idéias... /

P1: É verdade... /

C: *E você Airton, o que você acha? Você está tão concentrado aí ... me desculpe ...*

P4: A disciplina a gente mede pelo empenho da pessoa estar envolvido na atividade... / quanto mais envolvido mais disciplinado / quanto menos envolvido menos disciplinado / não é uma questão de falar ou não falar / não é nesse sentido / é estar envolvido numa atividade ou não estar envolvido / em todos os ramos de vida / não é só na sala de aula / se eu não estou envolvido, não estou indisciplinado /

P1: É verdade... /

C: *Quais são as normas disciplinares da escola?*

P1: Para nós começa desde a fila / a gente tem que fazer fila para subir com eles / a escola aqui é muito grande /

C: Quando dá o sinal?

P1: É... Para não ficar uma bagunça, empurra/empurra, entendeu? Então os alunos sobem em fila, / é uma questão de... / é uma regra / eles sabem que tem o limite / que não pode correr / que não pode ir de dois ao banheiro / que não é toda hora que pode ir que a professora está explicando / tem que esperar um pouquinho... / a não ser aquele que tem algum problema urinário e tudo mais... / tem limites, tem regras, a gente sabe o pode e não pode / isso desde o primeiro, segundo ano /

C: *As regras discutidas com os alunos, o que pode e não pode. Quais os resultados obtidos com essa pedagogia? Surte efeito?*

P2: Acho que sim / complementando o que ela falou / tem que ter o respeito / porque tendo o respeito você vai procurar se comportar na fila / você tendo noção na sala de aula vai saber como emprestar um material / complementa vai... (*olhando para a colega do lado*) /

P3: Olha eu acho assim: o tempo todo .../ não é só no começo do ano que a gente faz os combinados não / o tempo todo / sabe aquela história / água mole em pedra dura tanto bate até que fura... (*risos... todos demonstram que concordam com ela*). A gente tem que fazer sempre os combinados / estar lembrando sempre /

P4: Água mole em pedra dura tanto bate que acaba a água (*risos...*)

P2: É aquela coisa de olho no olho... /

P3: Eles mesmos começam a cobrar dos colegas: você sabe que não pode isso / não pode aquilo / agora não dá para dizer que você faz um combinado não final do ano .../ que você faz um cartaz / é o tempo todo relembrando / voltando / quando eles fazem algo errado / você vê que eles estão saindo... eu digo: mas não era isso que a gente tinha combinado? / sempre conversando sobre aquilo que é importante / mas surte efeito sim /

C: *E todos do fund. 1 fizeram estes combinados?*

P1: Eu não fiz esse combinado... /

P2: Eu também não. (*tom de voz bem baixo*)

P3: Ah tá, vocês não fizeram escrito mas vocês não conversam?

P1 e P2: Sim !!!! (*tumulto - várias pessoas falando ao mesmo tempo*).

P2: Temos os combinados / e eles sabem o que podem e não podem / a gente fala do lado ruim das coisas / se eles aprontarem.../

P1: E estes combinados que você está falando eu já trabalhei / mas este ano não foi preciso / e eu já tive classe bem difícil que eu tive de estipular as regras com eles , colocar na lousa / com sanções que eles mesmos determinaram / e deu certo, melhorou / já faz uns dois anos que eu não trabalhei esses combinados por escrito /

P4: Cada professor tem a sua postura para adquirir disciplina na classe / eu antes de começar aula sempre dou uma mensagem / e a mensagem é para educá-los para a vida / quase sempre

P1: Legal !!!

P2: Olha!!!

P4: Se algum dia eu não dou, por motivo ou por outro, eles cobram... / e a mensagem?

P3: Eles sentem falta né?

P4: Mas a pedagogia Pisalesiana, dos Padres salesianos, a gente tem que admitir que falou dez vezes para a criança e ela não entendeu / então a gente tem que falar sempre / como se ela não soubesse o que é disciplina... (*tumulto*) / a gente fala, fala, fala e a gente não pode cansar / criança é criança /.

P1: O problema é que muitas vezes em casa eles não entendem isso /.

P2: Ah, é verdade... /.

P1: Aí eles vem pra escola / e a escola é um lugar que tem limites e regras / e daí dá aquele choque com a gente / e a família não entende isso e vem brigar com a gente... entendeu?

É muito complicado... / Hoje em dia trabalhar com educação /.

Diretora: Hoje em dia está complicado mesmo / essa questão de dar os limites na escola / falar sobre as regras / porém na convivência dos alunos na casa não existe / então tem que ser todo dia mesmo / falando / falando /.

P1: Sempre!!

C: *Que atitudes dos alunos comprometem e prejudicam o processo de ensino-aprendizagem?*

P3: Então... É quando eles estão conversando, mas totalmente desligados do que está acontecendo no momento / quando eles não se envolvem com a atividade / porque quando eles se envolvem tudo bem / um ajuda o outro / que sabe um pouquinho a mais e ajuda o outro e tal / mas quando o assunto é totalmente diferente / alheio ao que está sendo dado / aí eles falam: olha a dona... / a dona está esperando... / aí todo mundo senta e recomeça tudo de novo /mas tem os dias da gente / a gente ahhhhh (*grita*) e dá um basta... /.

P2: Você perguntou o quê mesmo?

C: *Que atitudes comprometem e prejudicam o processo de ensino-aprendizagem?*

P1: Eu acho que é bem aquilo que ela falou / Eu acho também que o auxílio de casa é muito importante / quando a família pega no pé o processo de ensino-aprendizagem evolui mais /.

C: *Qual a sua opinião sobre o uso das câmeras em sala de aula? Quais as vantagens e desvantagens?*

P3: Eu sou totalmente contra / acho que invade a individualidade e privacidade de cada um / acho que o espaço da sala de aula é do professor e do aluno / acho que a família participa nos deveres de casa, nas reuniões / mas ela não está dentro da sala de aula / a sala de aula é um espaço do professor e aluno / acho que não tem que ser invadido / não é medo que vejam o que eu faço / até porque o meu trabalho é aberto para qualquer um entrar e ver / e se quiser entrar na minha sala para assistir e ver, está a vontade / mas não um câmera lá / hoje em dia está geral isso / você é vigiado o tempo todo / todo mundo sabe tudo da sua vida / acho isso uma invasão / na minha opinião não tem vantagens /.

C: *E você Célia, o que você acha?*

P2: Eu acho... nunca tinha parado para pensar nisso... /.

P1: Nem eu...

P4: Quando instalaram isso no Padilha em Sorocaba, uns três anos atrás isso aí os professores foram totalmente contra / foi a primeira escola que adotou isso aí / havia muita droga e a turma não respeitava muito os professores / mas mesmo não respeitando muito o

professor eu preferia ficar sem aquilo... /.

Diretora: E fora da sala de aula?

P4: Fora... nos corredores... aí tudo bem / mas sala de aula eu sou totalmente contra /.

P2: No banheiro... /.

P1: Na sala de aula ... Constrange... / você sabendo que está sendo filmado / sei lá / qualquer ato que você... / qualquer coisinha assim... /.

P4: Vira inspeção... /.

P3: Eu imagino o que o pai / alguns pelo menos / acham que é segurança / como o caso daquela escola foi alegado segurança /.

P4: Drogas... /.

P3: (...) principalmente numa escola particular que o poder aquisitivo é maior / o medo de serem assaltados... se achem seguros... / eu não sei / eu sou meio contra essas coisas de tecnologia... /.

P1: Geralmente as escolas particulares colocam para dar mesmo / eu vejo assim / para dar para o pai segurança / retorno / como se fosse um a mais / um diferencial / mas eu acho que / mas por outro lado / o aluno pode... / não acontece de primeira a quarta / é mais de quinta a oitava / os alunos podem se exceder dentro da sala de aula / acho que é uma boa até... / em casos de indisciplina / o professor é tão sozinho... / o aluno que xinga / que não respeita / eu não vivo essa realidade, mas... / eu sei de escolas que vivem... / alunos que não respeitam os professores / que ficam no fundo da classe cantando... /.

C: *Você acha que este dispositivo ajuda a disciplinar os alunos?*

P1: Não... / acho que hoje em dia tudo é a favor do aluno... aluno... / se comete muita injustiça contra o professor / pais que entram com processo a toa / acho que neste caso seria um arma contra o pai /.

P4: A disciplina mexe muito com o caráter da pessoa / então se forma isso aí sobre pressão / nunca se cria disciplina na pessoa / ela pode ficar quieta, mas não disciplinou / ela foi obrigada a fazer aquilo / a educação que é imposta não forma ninguém /.

P1: Não... /.

P4: O castigo não forma ninguém... /.

P1: Aí vai criando um medo / ela sabe que está sendo filmada... /.

P4: Tem que ser punido o erro, mas tem que ser dialogado a formação... /.

P2: Depois fica igual ao “big brother”... *(várias falas se misturam)*

P1: Então seria uma prova contra o pai / esse ano estou trabalhando em uma escola em que uma mãe implicou com uma professora porque ela tem idade / ela não é efetiva / ela é contratada / ela implicou porque queria, queria tirar a professora /.

P4: A velhinha... eh..eh ... eh ... /.

P1: Porque a professora é velha / não usa roupa de marca / não é uma pessoa que se arruma, entendeu / sabe, ela chegou a colocar cadeado na mochila do filho... / é proibido o uso do celular / o menino levava o celular / sabe um dia ele estava no fundo da sala conversando com a mãe e falando baixinho: mãe, a professora quer corrigir o meu caderno / tem criança assim / tem criança dissimulada / a criança é o que a mãe é / o que é pior, filho de professor /.

(outra professora chega - P5)

C: *A Rede de escolas Ícaro do Rio de Janeiro utiliza o monitoramento de câmeras em sala de aula 24 horas pela internet. Os pais munidos de senha podem vigiar seus filhos e acompanhar as aulas em tempo real / qual a opinião de vocês sobre isso?*

(várias falas se misturam)

P1: Eu acho um **horror** mas... /.

P4: Se o professor aceita aquilo / a escola aceita isso, a família aceita e coloca o filho ali, então tudo bem, é um “big brother... /.

P5: Eu acho que não é um questão de aceitar / se não tomar providencias, pode contar até para o Papa que não vai resolver o problema de indisciplina / eu mesma estou trabalhando em uma escola... / eu não me incomodo / acho que está faltando base para isso / então fica terra de ninguém porque a escola fica impedida de tomar as providências devido aos encargos que o ECA expõe / e tudo a criança pode e nós estamos atados a isso / e os pais não tomam atitude nenhuma e então não vai resolver nada / pode por câmara para Deus se quiser, que não vai resolver / se não tiver acordo com os pais / a escola não agir sozinha / não vai resolver... /

P1: Vem de casa... /

P3: A base vem de casa... /

P5: Eu trabalho em várias escolas diferentes, no SENAI, aqui, no particular / eu vejo... / na escola em que eu trabalho é assim / o pai vê a imagem e diz: mas isso é normal... / você chama o pai / o cara colocou fogo lá no lixo / *ah, professora, qual é o problema?* / *é brincadeira* / ele está vendo / foi o filho dele pegou o álcool / jogou o fósforo / ele viu... / (ênfase na voz) / *o que é que tem, professora?* / então não adianta / é nesse sentido que eu vejo o lado negativo da coisa / se não tem a família para respaldar e agir com a escola / daí vem a pergunta para mim: o que eu tenho que fazer para se suspenso?

P3: Então para os alunos se é uma atração a mais / a câmara serve para vigiar professores / adolescente gosta mesmo é de aparecer / não é/ se eles adoram fazer isso / querem saber o que vai acontecer / é um desafio no caso / então está servindo para quê?

P2: Eles estão pagando para ver.... (*todos concordam* /

P1: Muitas vezes a criança não consegue progredir por causa deste descolamento com a mãe / a criança chora / porque ela passa essa insegurança para a criança / a criança continua insegurança? / é uma fora de alimentar essa insegurança da mãe? / eu acho errado, entendeu? / a criança nunca vai ser ela mesma /

P2: Quando a criança sabe que a mãe não está vendo, ela pode criar a autonomia dela ali / agora se ela sabe que a mãe está vendo / dependendo da relação que ela tem com a mãe / ela vai chorar.../

P1: Porque a mãe conta / olha eu te vi / você estava fazendo aquilo na escola / eu te vi.../

P2: Porque a escola é uma etapa nova para a criança / Ela vai conviver com crianças de outras idades / e sabendo que a mãe está vendo o tempo todo / é complicado... /

P1: Na escola particular há uma competição para pegar mais alunos... /

P5: Olha eu dou aula em escola técnica SENAI e a disciplina está... / eles estão pagando para ver / eles falam: não vou entregar o trabalho, você vai dar vermelho? / e eles ficam observando se você vai dar vermelho mesmo /

C: *O conflito entre disciplina/rebeldia, sujeição/transgressão, poder/resistência que, paradoxalmente, se manifesta no cotidiano escolar reproduz dispositivos de poder mediante o estabelecimento de normas, e o desenvolvimento de estratégias individuais ou coletivas de transgressão e resistência. Quais alternativas você apontaria para trabalhar desse conflito?*

P1: É difícil apontar alternativas... /

P5: Cada dia é um recomeço / é difícil apontar alternativas / eu falo de quinta a oitava... /

D: Olha, tem casos em que o conselho tutelar não consegue mais / aí já vai para a promotoria porque o conselho já não consegue mais / vai para a promotora um relatório do aluno / a família não consegue mais / o conselho tutelar também não / teve um caso de uma aluna que entrou em coma alcoólico / treze anos, começou um tratamento com o psiquiatra e está tomando remédio / a mãe não consegue / agora foi para a promotoria /

P5: Muitas vezes você tem que entrar na sala de aula, virar um sargento/ ser o que você não é / tem que gritar o tempo todo / tomando uma outra postura / eu tenho três sextas séries que eu entro com a cara mais feia que você imagina / eu não dou nem um bom dia / nem um sorriso, nem nada / não dá / não tem condição / se eu abrir um sorriso, não dou mais aula / tem que ser assim / carteira atrás de carteira / cabeça atrás de cabeça / cala a boca / fique quieto / senta / é

assim... / gritando o tempo todo / para você manter controle /.

P3: Eu acho que o problema agora que tudo é jogado para a escola / tudo gente... /.

P2: É realmente... /.

P3: Eu concordo que a educação é a base da sociedade / o problema é a educação que vem de casa / eu tenho que educar a criança que vem para a escola e ir até a casa dela educar a família também?

P2: Exatamente... /.

P5: Tem pais que falam: *eu trago meu filho para vocês educarem ... /.*

Diretora: Tem famílias de alto nível que também deixam tudo pra escola/

P3: É... / depositam / toma, o problema é seu... / (*várias falas se misturam, gera polêmica e indignação entre os professores*) /.

P2: Esses pais só pagam a escola... / e querem exigir tudo.../ e tem direito a tudo /.

P3: A gente além de ter que educar o aluno, tem que educar uma sociedade / desde a base até... / na verdade não é nem o país / o mundo está passando por uma transformação de comportamento / (*várias falas se misturam*)... / e a escola tem que dar conta de tudo /e não é assim... / a gente também tem os limites da gente / tem horas que o professor tem que ser um super-herói / tem que ser psicólogo, educador, pai, mãe, médico, / e a gente é o que / a gente tem os limites / somos seres humanos / bem que eu queria ser tudo isso / mas eu não sou / (*risos*).